

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA
VIDA E SAÚDE

Suzana da Conceição de Barros

***SEXTING NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DA REDE DE
ENUNCIÇÕES PRODUZIDA PELA MÍDIA***

RIO GRANDE

2014

Suzana da Conceição de Barros

***SEXTING NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DA REDE DE
ENUNCIÇÕES PRODUZIDA PELA MÍDIA***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito para à obtenção parcial do título de Doutora em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paula Regina Costa Ribeiro
Co-Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Pereira Quadrado

RIO GRANDE

2014

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave CRB-10/1733

B277s Barros, Suzana da Conceição

Sexting na adolescência : análise da rede de enunciações produzida pela mídia. / Suzana da Conceição Barros ; orientadora Paula Regina Costa Ribeiro ; coorientadora Raquel Pereira Quadrado - Rio Grande: FURG/PPGQVS, 2014.

187 f.

Tese (Doutorado). – Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.

Dedico esse trabalho a minha filha, Alice, que está à caminho, e ao meu marido Thiago, por encherem a minha vida de amor e alegria. E aos meus pais Carlos Doberto e Rosane, pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta tese, gostaria de agradecer a todos/as que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho. Um trabalho longo e detalhado, como uma tese, não é produzido individualmente, mas, sim, por meio de múltiplas vozes.

Primeiramente, gostaria de agradecer a uma das pessoas mais especiais que já conheci, à professora, orientadora, mãe, amiga, Paula Regina Costa Ribeiro. MUITO OBRIGADA, Paula, por ter me inserido nas discussões relacionadas à sexualidade, pelas leituras e contribuições para esta tese, pela amizade, pela paciência, pelo carinho e pelo amor. És uma grande pesquisadora, amiga e mulher! Quero ter a oportunidade de estar sempre ao teu lado!

À Raquel, minha co-orientadora (coco), pelas leituras atentas e contribuições inestimáveis para esta tese. Mais que isso, agradeço pela amizade, pelo carinho, pelo companheirismo, pelos almoços em “família”; enfim, por fazer parte de minha vida!

Às/Aos colegas do Grupo de Pesquisa Sexualidade Escola, Joaninha, Ju, Deise, Bê, Darcinha, Lu, Fabi Silva, Fabi Teixeira, Ana, Teresa, Fafá, Jordana, Fernanda, Taina, Fabizinha, Rodrigo, Ariana, Carol, Keli, Dani, Juliana, Eduardo e Joice, pelas palavras de incentivo, pelo carinho, pelas leituras e discussões, que contribuíram para o aprofundamento teórico desta tese. E, principalmente, obrigado, pelos momentos de alegria, descontração e risadas. Com vocês, a escrita desta tese tornou-se mais prazerosa!!

À minha filhota, Alice, que está a caminho, mas que já está enchendo a minha vida de amor e alegria.

Ao meu marido, Thiago, por compartilhar todos os momentos da minha vida, vibrando a cada conquista e consolando-me quando aparecem as “pedras no caminho”. Obrigada meu amor, por tornar a escrita desta tese mais fácil, agradável e possível. Eu te amo!

À minha mãe, Rosane, e ao meu pai, Carlos Doberto, por todo amor e carinho incondicional. E por me mostrarem a importância dos estudos, sempre me incentivando a seguir em frente. Vocês são um exemplo de vida!

À minha irmã Renata e ao meu irmão Fábio, por vibrarem comigo a cada conquista e por todo amor e preocupação. À minha afilhada, Ana Júlia, por trazer muita luz, alegria e amor para minha vida!

À Profa. Dra. Paula Henning, por participar da minha caminhada acadêmica, trazendo excelentes contribuições teóricas e disponibilizar-se a ajudar sempre que necessário. Paulinha, muito obrigada por toda a disponibilidade, carinho e amizade!

À Profa. Ph.D.. Filomena Teixeira, pela contribuições na qualificação e pelo carinho em aceitar deslocar-se de tão longe para fazer parte desta banca examinadora.

À Profa. Dra. Elenita Pinheiro, pela contribuições teórica apresentadas na qualificação, que me inquietaram e possibilitaram o aprofundamento teórico desta tese. Obrigado também pelo carinho em nossos contatos virtuais.

À diretora da minha escola, Claudete Ávila, por me incentivar e entender as minhas ausências.

A Deus e a Iemanjá, por colocar pessoas tão maravilhosas em minha vida.

RESUMO

Esta tese foi produzida no Programa de Pós -Graduação em Educação em Ciências : Química da Vida e Saúde , na linha de pesquisa "Educação científica : implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos ". O objetivo desta pesquisa é analisar a rede de enunciações sobre o *sexting* em alguns materiais (reportagens, programas televisivos, postagens em *blogs* e comentários realizados por leitores dos *sites*) presentes na internet e investigar as condições de emergência da prática do *sexting*. O *sexting* é um termo criado nos Estados Unidos da América, que deriva das expressões *sex* (sexo) e *texting* (envio de mensagens). Esse conceito descreve uma prática social e cultural que está sendo difundida mundialmente: esta consiste em produzir e enviar fotos e vídeos sexuais, sensuais e eróticos entre conhecidos/as, amigos/as, namorados/as, "ficantes" etc.. Nesta pesquisa, utilizamos como aporte teórico os estudos de Pierre Lévy, André Lemos, Paula Sibília, Guy Debord, Hannah Arendt, Michel Foucault e Zygmunt Bauman. Tais autores ajudam-nos a pensar que o *sexting* emerge devido a alguns acontecimentos sociais, culturais, históricos etc., que vêm provocando alguns deslocamentos em nossa sociedade. Para proceder com tal pesquisa, utilizamos a internet como campo empírico. Em nossa busca, encontramos 48 artefatos culturais que discutem, de alguma forma, sobre *sexting*. Dentre estes, 37 comentam sobre vídeos caseiros que mostram relações sexuais, 8 discutem sobre o fenômeno *sexting* e 3 debatem sobre a produção de fotos sensuais. Para análise dos dados, utilizamos algumas ferramentas foucaultianas, especialmente os conceitos de discurso, dispositivo e enunciado. Ao olharmos os materiais, percebemos que os/os adolescentes vêm se utilizando das tecnologias digitais para visibilizarem a sua sexualidade, o que nos dá indícios de que estas vêm possibilitando a constituição de jornalistas cidadãos/ãs. Além disso, evidenciamos que as fotos e vídeos dos/as adolescentes foram produzidos em comum acordo entre eles/as. Muitos dessas fotos e vídeos, foram disseminados pelos próprios sujeitos que aderiram a essa prática. Assim, a exposição da sexualidade, por meio do *sexting*, tem sido realizada com o propósito de adquirir visibilidade e de tornar-se a personalidade do momento. Entendemos que essa vontade de escancarar a sexualidade, por meio das tecnologias digitais, está vinculada à sociedade do espetáculo, que manifesta a necessidade de tornar-se visível. Além disso, notamos que essa prática está relacionada à escola, pois muitos dos casos relatados ocorreram no interior dessa instituição ou tiveram uma repercussão nesse ambiente. Em muitos casos, a escola era culpabilizada pelos casos de *sexting* que envolviam seus/sua alunos/as. No entanto, são os pais o foco de maiores críticas pela mídia massiva, pois, para essa instância, são estes os maiores responsáveis pela disciplinarização desses corpos. Evidenciou-se também que os/as praticantes do *sexting* sofreram micropenalidades, as quais tinham como objetivo corrigir suas condutas. Nesse sentido, entendemos o *sexting* como uma atualização do dispositivo da sexualidade, pois este coloca a sexualidade – a qual, durante a modernidade sólida, constituía-se como algo exclusivamente do âmbito privado – em evidência nos espaços públicos. Ao mesmo tempo, verificamos que algumas práticas disciplinares ainda buscam governar e normalizar a sexualidade dos sujeitos. A análise do material empírico possibilitou-nos verificar dois enunciados que fazem parte do discurso do *sexting*. O primeiro destes é que, na contemporaneidade, aparecer é uma condição de existência; o outro é que a sexualidade é entendida como algo que deve ser regulado, governado e normalizado. Consideramos importante centrarmos os estudos no *sexting*, pois entendemos que essa prática vem contribuindo para o surgimento de outros modos de viver e entender a sexualidade, pois o *sexting* enquadra a sexualidade como algo a ser exibido e mostrado para todos/as.

Palavras-chave: *Sexting*. Sexualidade. Tecnologias digitais

ABSTRACT

This thesis was developed in the Post-Graduate Program in Science Education: Chemistry of Life and Health (*Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde*), in the research line “Scientific education: implications of the scientific practices in the constitution of subjects”. This research aims to analyze the network of enunciations about sexting in some materials (news reports, television programs, blog posts and comments made by readers of websites) present on internet, as well as investigate the emergence conditions of the practice of the sexting. The sexting is a term created in the United States of America, that derives from “sex” (the act of sex) and “texting” (the act of sending text messages). The same describes a social and cultural practice that is spreading worldwide, and consists in producing and sending erotic pictures and videos between acquaintances, friends, mates, boyfriends/girlfriends, etc. In this research the studies from Pierre Lévy, André Lemos, Paula Sibilía, Guy Debord, Hannah Arendt, Michel Foucault and Zygmunt Bauman were used as theoretical contribution. Those authors help us think that the sexting emerges due to some social, cultural, historical events, that has been causing some displacements in our society. To proceed with this research, we used the internet as an empiric field. In our research, we found 48 cultural artifacts that discussed in some way the sexting, among them, 37 talked about homemade videos that show sexual relations, 8 discussed about the phenomenon of sexting and 3 debated about the production of erotic pictures. For the data analysis, we used some foucauldian tools, specially the concepts of discourse, apparatus (*dispositif*) and statement. While looking the materials, we noticed that the adolescents have been using digital technologies to expose and exhibit their sexuality, giving us evidence that these technologies have been allowing the constitution of citizen-journalists. Furthermore, we evidenced that the pictures and videos from the adolescents were produced in one accord with them. Many of these pictures and videos were disseminated by the subjects that embraced this practice. Therefore, the exposure of the sexuality through the sexting has been done with the purpose of acquiring visibility and becoming a famous personality. We understand that this will of throwing open the sexuality using digital technologies is linked to the society of the spectacle, which is associated to the need of becoming visible. In addition, we observed that this practice is connected to the school, because many of the related cases in the analyzed materials happened inside this institution, or had a repercussion in its environment. Regarding that in many cases the school was blamed for the sexting cases that involved its students, the parents, on the other hand, are the focus of the criticism made by the massive media, because, for this instance, they are the most responsible for the disciplinarization of these subjects. It was also evidenced that the sexting practitioners suffered micro penalties aiming to to correct their behavior. Accordingly, we understand the sexting as an update of the sexuality apparatus, because it puts sexuality - that during solid modernity constituted itself as something exclusively belonging to private sphere - in evidence in the public spaces. At the same time, we verified that some disciplinary practices still look to frame, govern and normalize the sexuality of the subjects. The analysis of the empirical material allowed us to verify two statements that belong to the sexting’s discourse: the first is that in the contemporaneity, showing off is a condition for existence, and the second one is that the sexuality is understood as something that should be regulated, governed and normalized. We consider important to center the studies on the sexting, because we understand that this practice has been contributing to the emergence to other ways of living and understanding the sexuality, since the sexting puts sexuality as something that should be exhibited and showed to all.

Keywords: Sexting. Sexuality. Digital technologies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GESE	Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
MEC	Ministério da Educação e Cultura

SUMÁRIO

1	APRESENTANDO A PESQUISA	10
2	AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS: A CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	14
3	SEXTING: ENTENDENDO SUA CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA	22
3.1	<i>Sexting</i> : uma prática de visibilidade	22
3.2	Adolescência como construção	24
3.3	Sexualidade como dispositivo histórico	27
3.4	Deslocamento da modernidade sólida para a modernidade líquida	34
3.5	Da sociedade disciplinar para a de controle	39
3.6	Tecnologias Digitais: reconfigurando modos de ser e estar na sociedade	45
3.7	<i>Sexting</i> como estratégia de <i>marketing</i> pessoal: discutindo a sociedade do consumo	49
3.8	O deslocamento da esfera privada para a pública	54
3.9	Da invisibilidade à visibilidade das pessoas comuns	61
3.10	Discutindo a emergência do <i>sexting</i>	65
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS	70
5	OS ARTIGOS	85
5.1	“SEXTING”: AS TECNOLOGIAS POTENCIALIZANDO A EXIBIÇÃO DE SI	85
5.2	SEXTING: A ESPETACULARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE	108
5.3	O SEXTING E SUAS IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO ESCOLAR	125
5.4	O SEXTING E O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE	142
6	ENFIM!!	169
7	REFERÊNCIAS	176
	ANEXO	186

APRESENTANDO A PESQUISA

1 APRESENTANDO A PESQUISA

O *sexting* é um fenômeno que surge no século XXI, o qual está vinculado ao envio e compartilhamento de mensagens, fotos, vídeos, com teor erótico, sexual e sensual para um determinado indivíduo ou para uma multidão. A fim de entender melhor esse fenômeno, desenvolvo esta pesquisa, que tem como objetivo analisar a rede de enunciações sobre o *sexting* em alguns materiais (reportagens, programas televisivos, matérias, postagens blogs e comentário realizado por leitores dos sites) presentes na internet, bem como investigar as condições de emergência da prática do *sexting*. Para tanto, analiso algumas reportagens, notícias, programas televisivos, comentários e *blogs* postados na internet, que discutam de alguma forma sobre *sexting*.

Para apresentar os movimentos de pesquisa, esta tese está organizada da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, intitulado “As experiências vivenciadas: a constituição do objeto de pesquisa¹” procuro narrar as “fissuras”, “lances” e “sacações” (BUJES, 2007), ou seja, as experiências que vivenciei ao longo da minha trajetória que me possibilitaram constituir o *sexting* como objeto de pesquisa.

No capítulo “*Sexting*: entendendo sua condição de emergência”, contextualizamos o termo *sexting*, bem como dialogamos com alguns autores/as, como Zygmunt Bauman (2001, 2011a, 2008); Paula Sibilia (2008); Michel Foucault (2007a, b, c, 2008); André Lemos e Pierre Levy (2010), entre outros, que nos possibilitaram entender algumas transições que vem ocorrendo em nossa sociedade, como o deslocamento da modernidade sólida para a modernidade líquida, que contribuíram para aparição do fenômeno do *sexting*.

No capítulo “Caminhos metodológicos”, expusemos como produzimos os dados, contextualizando a internet como instrumento de pesquisa, e os cuidados éticos que tivemos. Logo após, apresentamos o material empírico que produzimos ao longo da pesquisa. Por fim, apontamos as ferramentas que utilizamos para realizar a análise do material empírico.

O quarto capítulo está composto de quatro artigos, que apresentam as análises do material empírico, produzidos ao longo da tese. No artigo intitulado “*Sexting*: as tecnologias potencializando a exibição de si”, procuramos entender como as tecnologias digitais

¹ Nesse capítulo, escrevo em primeira pessoa, pois entendo que a produção da pesquisa se deu de forma polifônica, ou seja, construído ao transitar em algumas instâncias sociais e ao estabelecer laços e interlocuções com alguns sujeitos, inclusive com as minhas orientadoras. No entanto, algumas experiências vivenciadas, bem como a escolha do tema de pesquisa, foi estabelecido através de questões pessoais, vivenciadas apenas pela doutoranda.

potencializam a divulgação e a produção de fotos e vídeos caseiros, que procuram escancarar a sexualidade, através do *sexting*. Através desse artigo, evidenciamos que as tecnologias digitais, bem como outros fatores sociais e culturais, contribuíram para a emergência do *sexting*. Além disso, percebemos que esse fenômeno coloca a sexualidade como algo a ser exposta.

No segundo artigo, intitulado “*Sexting*: a espetacularização da sexualidade” investigamos as enunciações sobre a espetacularização da sexualidade. Neste, discutimos que os/as praticantes do *sexting* exibem a sexualidade como mercadorias, em busca de ganhar fama e de tornarem-se celebridades. Nesse sentido, os/as protagonistas do *sexting* agenciam o “*show do eu*” ao exporem a sua vida íntima, fazendo de si um espetáculo (SIBILIA, 2008). Outra característica da sociedade do espetáculo que percebemos é o crescente número de sujeitos que se preocupam em examinar e esquadrihar a vida alheia.

O terceiro artigo, intitulado de “O *sexting* e suas implicações no âmbito escolar”, tem como objetivo discutir a prática do *sexting* no âmbito da escola. Ao olharmos os dados da pesquisa, verificamos que a escola serviu de cenário para a produção de alguns vídeos e fotos. Mesmo quando esses materiais não eram produzidos em seu interior, acabaram repercutindo nessas instituições. Nesse sentido, discutimos que o *sexting* vem produzindo efeitos na escola, o que nos aponta a necessidade dessa instância discutir temas relacionados aos corpos, às sexualidades, aos gêneros e às tecnologias.

O quarto artigo, intitulado “O *sexting* e o dispositivo da sexualidade”, tem como objetivo discutir o *sexting* na adolescência e a sua relação com o dispositivo da sexualidade. Para tanto, mostramos o quanto o *sexting* produz uma atualização no dispositivo da sexualidade, tornando a sexualidade, que antes era entendida como do domínio privado, em algo a ser exibida no âmbito público. Além disso, discutimos que o *sexting* vem se constituindo como algo a ser controlado, governado e normalizado.

No último capítulo, tecemos algumas considerações gerais sobre o estudo e revisitamos a pesquisa, procurando retomar alguns pontos que foram discutidos ao longo da tese, apontando algumas articulações entre os artigos desenvolvidos.

1.1 Sobre o formato da tese

Como podemos perceber, esta tese está organizada em cinco capítulos, sendo o quarto composto por quatro artigos, através dos quais apresento as discussões realizadas ao analisar o material empírico, produzido por meio das estratégias utilizadas. Reconhecemos que, ao escolher esse formato de projeto, podemos acabar realizando algumas sobreposições nas

discussões, que podem tornarem-se repetitivas. No entanto, buscamos ao máximo minimizá-las, selecionando artigos com enfoques e discussões que se diferenciam-se entre si. Sendo assim, entendemos que essa forma de apresentação proporciona a divulgação em eventos e revistas, permitindo que um maior número de pessoas possa ter acesso aos resultados deste estudo, possibilitando talvez outros modos de olhar, entender e significar a sexualidade e a prática do *sexting*.

**AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS: A CONSTITUIÇÃO DO
OBJETO DE PESQUISA**

2 AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS: A CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Mais do que mostrar qual foi o ponto de ruptura na trajetória o que cabe aqui fazer é indicar por onde passaram as “fissuras” que acabaram por produzir as inquietações, os novos “lances” ou “sacações” que me levaram a abandonar um campo longamente cultivado das certezas teóricas e de promessas redentoras para me aventurar por novas sendas de pesquisa. (BUJES, 2007, p. 16).

Início este texto com a citação de Maria Isabel Bujes, pois ela retrata o que procuro fazer neste momento da tese, ou seja, narrar/indicar os caminhos que percorri até escolher o *sexting* como meu objeto de análise. Assim, procuro mostrar como começou o interesse e as inquietações sobre esse tema, articulando as minhas experiências vivenciadas.

Entendo que a escolha do tema de pesquisa não foi realizada de forma neutra e aleatória; ela está envolvida com a minha constituição enquanto sujeito (mulher, pesquisadora, professora, esposa, filha etc.). As experiências que vivenciei e que me “afetaram” ao longo de minha trajetória possibilitaram-me voltar o olhar para as questões relacionadas à sexualidade, mais precisamente para o *sexting*. Para Larrosa, a experiência é um acontecimento que nos afeta, que tem sentido para nós e nos interpela, “la experiencia no es lo que pasa, ni el mero pasar, sino lo que nos pasa, el acontecimiento es lo que nos pasa en tanto que tiene sentido para nosotros, en tanto que es interpretado, o en tanto que abre una posibilidad de interpretación” (LARROSA, 1996, p. 468).

Ao transitar por algumas instâncias sociais (escola, universidade, família etc.), ao entrar em contato com alguns sujeitos (professores/as, orientadores/as, familiares etc.) e ao ter acesso a algumas leituras, vivenciei experiências que produziram efeitos nos meus entendimentos sobre as questões relacionadas aos corpos, gêneros, sexualidades, educação, ciência, verdade, entre outros. Através dessas experiências, segui os caminhos ou descaminhos de Bujes e abandonei “um campo longamente cultivado das certezas teóricas e de promessas redentoras para me aventurar por novas sendas de pesquisa” (BUJES, 2007, p. 16).

Dessa forma, é chegado o momento de apresentar quais foram esses acontecimentos que me fizeram viver algumas experiências. Para tanto, volto a minha história e procuro narrar os espaços e sujeitos que, de alguma forma, contribuíram para que eu voltasse o meu olhar para a pesquisa nas questões relativas à sexualidade. Cabe salientar que entendo que, ao narrar esses caminhos, estou construindo essa narrativa de uma determinada forma, apontando o que considero significativo.

Es en la historia de nuestras vidas que los acontecimientos acceden a un orden y a un sentido. Es en una trama como articulamos los acontecimientos de nuestra vida en una secuencia significativa. Y es también en una trama que construimos nuestra continuidad, a lo largo de los acontecimientos de nuestra vida (LARROSA, 2004, p. 17).

Início essa narrativa com uma sequência que, para mim, é significativa. Por isso, começo com a graduação em Ciências Biológicas – Licenciatura, mais precisamente quando começaram as disciplinas de Estágio I, II, III, IV e Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia, oferecidas pelas professoras Paula Regina Costa Ribeiro e Raquel Pereira Quadrado, no terceiro ano do curso. É através dessas disciplinas que começo a perceber a educação como um campo de pesquisa, a importância de ser um professor-pesquisador e ter acesso a alguns cursos da área de educação, pois, até então, meu interesse voltava-se apenas às questões biológicas. É também, nesse momento, que começo a ter acesso a algumas discussões sobre sexualidades, que ainda eram incipientes.

No entanto, foi no último ano da graduação, quando tive a oportunidade de participar do curso intitulado “Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar”, promovido pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), que a vontade de trabalhar com esses temas começaram a emergir.

O interesse, nessas questões, fez com que minhas colegas e eu organizássemos a proposta de trabalho para o estágio IV do curso, na forma de um projeto interdisciplinar, que discutia sobre corpos, gêneros e sexualidades, com professores/as e alunos/as, em uma escola estadual do município do Rio Grande. O desenvolvimento deste mostrou que estava totalmente envolvida com essas questões e, então, acabei inserindo-me no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE). No grupo, tive a oportunidade de realizar algumas leituras (FOUCAULT, 2007a, 2007b; RIBEIRO, 2002, 2007; LOURO 2007, 2008a, entre outros), que me possibilitaram enxergar esses temas de outros modos.

As discussões realizadas nessas disciplinas da graduação, a participação no curso “Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar”, o ingresso no GESE e as leituras que passei a realizar constituíram condição de possibilidade para que eu repensasse questões relacionadas à sexualidade, as quais me impulsionaram a “abandonar a firmeza do solo, a levantar os olhos e deparar-me com uma paisagem inteiramente diferente, estranha, inquietante, desestabilizadora” (BUJES, 2007, p. 17).

Se antes dessas experiências, minhas concepções de sexualidade estavam vinculadas apenas ao estudo dos sistemas genitais, à reprodução e às doenças sexualmente transmissíveis, a partir desses acontecimentos percebo que a sexualidade está envolvida com os prazeres e desejos que vivenciamos, a “sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2007, p. 11).

Nesse viés, começo a questionar o entendimento de sexualidade como materialidade biológica e passo a entendê-la como uma invenção social, que está articulada às questões de poder-saber e que, por isso, é construída pelos diversos discursos que circulam em nossa sociedade. Sendo assim, deixo de entender a sexualidade como uma questão pessoal e natural, passando a compreendê-la como uma produção cultural, política e social. Para Louro, “a sexualidade não é apenas um questão pessoal, mas é social e política”, que é “‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (2007, p. 11).

Por esse viés, não podemos discuti-la e entendê-la como algo universal, em que todos, em qualquer lugar do mundo, vivenciem-na de uma mesma maneira. Se ela é uma questão sociocultural, sua expressão pode ocorrer de diversas formas. Por isso, existem múltiplas formas de vivê-la, senti-la e expressá-la.

No final da graduação e já inserida no Grupo de Pesquisa, realizei a prova do mestrado e, aprovada na seleção, desenvolvi a pesquisa intitulada “Corpos, Gêneros e Sexualidades: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS”. Esta tinha como objetivo investigar como as questões referentes aos corpos, gêneros e sexualidade vêm sendo faladas e articuladas pela equipe pedagógica e diretiva, das escolas do Ensino Fundamental e Médio dos municípios de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí. Para realizá-la, realizei entrevistas e dois grupos focais com esses/as profissionais. Ao longo das conversas e das atividades desenvolvidas nos grupos focais, percebi que as questões relacionadas aos gêneros sempre emergiam nas discussões, sendo narradas diversas situações ou problemas que as escolas enfrentavam sobre esse tema. Com tantas narrativas sobre os gêneros, optamos por desenvolver um artigo, que foi intitulado “A generificação do espaço escolar: analisando narrativas das equipes pedagógicas e diretivas”². Neste, analisei as narrativas desses/as profissionais acerca de alguns entendimentos e

²BARROS, Suzana Conceição; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Generificação do espaço escolar: analisando narrativas das equipes. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria Billig. (Org.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana: UNIPAMPA, 2011. p. 42-58.

discussões relacionadas às questões de gênero, que os/as mesmos/as vivenciaram. Ao realizar algumas leituras para escrever esse artigo e ao analisar os dados empíricos, comecei a interessar-me pelas discussões sobre os gêneros.

Ainda durante o mestrado, fiz seleção para professora substituta para a disciplina de Biologia do Colégio Técnico Industrial Professor Mário Alquati (atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Rio Grande) e passei atuar como docente dessa instituição. Nessa época, eu iniciava a escrita do terceiro artigo da dissertação. As leituras realizadas para essa escrita possibilitaram-me voltar o olhar para algumas questões de gênero nessa escola, como, por exemplo, o maior número de professores homens nos cursos técnicos, como refrigeração, automação, informática e eletrotécnica. Também notei que alguns cursos possuíam mais homens do que mulheres cursando e vice-versa, como na enfermagem, em que, além de as professoras serem mulheres, a maioria dos/as aluno/as também eram mulheres. Essas observações provocaram-me alguns questionamentos: Por que os professores do ensino técnico são em sua grande maioria homens? Por que existem mais meninos em determinados cursos do que meninas e vice-versa? Existiam estudantes mulheres quando a escola foi fundada? Quando as professoras mulheres começaram a atuar nessa escola? Quais os discursos dos/as adolescentes dos cursos integrados sobre as questões de gênero?

Esses questionamentos motivaram-me a fazer seleção para o doutorado, com um projeto de pesquisa que buscava investigar os discursos de alunos e alunas dos cursos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Rio Grande, sobre as questões de gênero no ensino técnico, bem como analisar a trajetória histórica desse instituto na perspectiva de gênero.

Ingressei no doutorado e meu contrato com IFRS acabou. Fico dedicando-me à pós-graduação. Nesse momento, começo a realizar uma procura nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES³) para ver o que estava sendo desenvolvido sobre as questões de gênero e as profissões. Nessa busca, encontro uma grande quantidade de materiais sobre esse tema de pesquisa. O distanciamento dessa instituição e a grande quantidade de materiais produzidos sobre a pesquisa que pretendia desenvolver acabaram desestimulando-me, o que me provocava a querer saber já não me inquietava mais. No entanto, ainda não estava totalmente envolvida com outro tema, ao ponto de realizar uma

³ O banco de periódico da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pode ser acessado através da seguinte página: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

pesquisa de doutorado. Para Corazza (2007), devemos ter certo grau de paixão para ficarmos por um longo período estudando e pensando sobre um determinado tema. Eu ainda não estava apaixonada o suficiente para debruçar-me sobre uma pesquisa durante quatro anos de doutorado.

Junto com desenvolvimento do doutorado, participava das atividades desenvolvidas pelo GESE. No ano de 2011, promovemos um curso para professores/as da educação básica dos municípios de Rio Grande, São Lourenço do Sul, Santo Antônio da Patrulha e Santa Vitória do Palmar. No primeiro encontro, ouvimos muitos pedidos para discutirmos sobre o abuso sexual nas próximas ocasiões. Até então, o grupo não discutia sobre esse tema; interessei-me pelo assunto e fiquei responsável por montar uma apresentação e estudar sobre abuso sexual para discutirmos nos cursos. Quando estava realizando tal tarefa, começou a aparecer na mídia massiva algumas reportagens sobre um casal de adolescentes que trocaram carícias íntimas pela *webcam* e divulgaram as imagens a partir do *Twitter*. Nas reportagens, a mídia sempre frisava que postar, distribuir e compartilhar fotos e vídeos de crianças e adolescentes, com conotação sexual, é crime, e que isso poderia ser considerado abuso sexual.

Esse caso do *Twitter* foi discutido amplamente pela mídia, bem na época em que discutíamos sobre o abuso sexual. Então, surgiam muitas perguntas sobre isso nos cursos, o que foi instigando meu interesse nesse assunto. Comecei a fazer uma busca na internet para saber se existiam outros casos desses e, para minha surpresa, encontrei diversos casos de adolescentes que produziram vídeos caseiros mostrando relações sexuais.

Quando comecei a procurar os materiais na internet, descobri que essa prática de enviar, compartilhar e publicar materiais (fotos, vídeos e mensagens) de cunho erótico, sensual e sexual, era intitulado de *sexting*.

Ao entrar em contato com esse novo termo, considerei importante aprofundar os estudos sobre o *sexting* e, a partir disso, fiz o movimento de realizar uma busca no banco de periódicos da CAPES para saber que pesquisas vêm sendo realizadas sobre esse tema. Evidenciei que essa é uma prática nova; apenas a partir de 2007 começaram a ser realizados trabalhos sobre esse assunto, sendo 2008 e 2009 os anos de maior crescimento no número de trabalhos. Além disso, podemos perceber que a maioria dos trabalhos produzidos são na língua inglesa, num total de oitocentos e vinte e um (821), apenas quatro (4) trabalhos em espanhol, um (1) em francês e nenhum trabalho em português. Além disso, grande parte desses trabalhos são dos Estados Unidos da América, local onde emerge o termo *sexting*. A maioria desses trabalhos abordava questões como: o *sexting* e as questões jurídicas, os aspectos psicossociais envolvidos com essa prática e a prevalência e características dos

praticantes do *sexting*. No Brasil, encontrei apenas uma pesquisa realizada pela Safernet Brasil⁴, que será detalhada em um próximo momento neste trabalho.

Ao olhar esses materiais encontrados na internet e realizar a busca no portal de periódicos, começaram a surgir alguns questionamentos: Quem são os sujeitos que vêm falando sobre esses casos? Como esses vídeos são produzidos? O que é dito sobre esses vídeos pela mídia? Como os/as adolescentes são posicionados nessas reportagens? Onde são gravados tais vídeos? Por que eles são colocados na internet?

Esses questionamentos passaram a me inquietar, pois havia o desejo de conhecer de forma aprofundada e complexa essa prática. Para Bujes,

A pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, como explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis. *Ela se constitui na inquietação* (2007, p. 16).

Ao perceber que esse tema havia me instigado e que estava apaixonada por este, assumi-o como meu objeto de pesquisa do doutorado.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar a rede de enunciações sobre o *sexting* em alguns materiais (reportagens, programas televisivos, matérias, postagens blogs e comentário realizado por leitores dos sites) presentes na internet, bem como investigar as condições de emergência da prática do *sexting*.

⁴ SAFERNET BRASIL. **Banner:** Você navega com segurança?
Disponível em: <<http://divulgue.safernet.org.br/banners/infografico.png>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

SEXTING: ENTENDENDO SUA CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA

3 *SEXTING*: ENTENDENDO SUA CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA

3.1 *Sexting*: uma prática de visibilidade

O termo *sexting* surge nos Estados Unidos da América, através da combinação de duas palavras: sexo (*sex*) e mensagem (*texting*). Essa prática consiste no envio de mensagens e imagens de conotação sexual, por meio de tecnologias digitais, para namorados/as, ficantes, paqueras, amigos/as ou para uma multidão de conhecidos/as e desconhecidos/as, quando postado na internet, por exemplo.

Assim, o *sexting* pode ser entendido como o compartilhamento e postagem de: mensagens eróticas, fotos de corpos nus e seminus com poses sensuais, vídeos que mostram relações sexuais. É o envio de materiais que apresentam conteúdos sexuais, sensuais e eróticos⁵, por meio das diversas tecnologias, tais como: *smartphone*, *iphone*, *tablets*, computadores, entre outros, e em sites de redes sociais (*Facebook*, *Twitter* etc.).

Crianças, adolescentes, adultos, isto é, sujeitos de diversas faixas etárias, vêm aderindo à prática do *sexting*. No entanto, este estudo foca suas discussões em materiais, que discutam sobre a prática do *sexting* entre crianças e adolescentes. Desse modo, é importante discutirmos alguns dados referentes a essa prática vinculada a esses sujeitos.

Uma pesquisa realizada em 2008, nos Estados Unidos, pela Campanha Nacional de Prevenção à Gravidez na Adolescência e pela revista *CosmoGirl* descobriu que 20% dos/as adolescentes, com idade de 13 a 19 anos, já enviou ou postou fotos ou vídeos de si mesmos, com o corpo nu ou seminu, sendo que esse número é um pouco maior entre as meninas: cerca de 22% das meninas responderam que já praticaram *sexting* contra 18% de meninos. Essa mesma pesquisa concluiu que a maioria das imagens era compartilhada com namorados/as, com pessoas com as quais havia intuito de desenvolver um relacionamento ou com alguém próximo do sujeito. No entanto, essas imagens acabavam chegando a mãos de terceiros, pois um/uma passava para o/a outro/a. Nesse sentido, geralmente não existia um intenção inicial de distribuir esse material para uma multidão, mas, às vezes, isso saía do controle; as imagens acabavam sendo disseminadas para muitos/as (WILLARD, 2013).

⁵Nesse estudo, utilizamos o termo erótico para designar desejos e fantasias que estão relacionadas às relações sexuais. “O erotismo marca uma separação entre a pura atividade sexual de reprodução e associar-se a outra dimensão, que é dimensão da fantasia que marca toda a atividade amorosa e sexual do ser humano” (MIRANDA, 2013). Já o termo sensual, como uma maneira de despertar o desejo, através da atração, da conquista e das provocações. Quando o utilizamos o termo sexuais, focamos diretamente em fotos e vídeos que enfocam o ato sexual propriamente dito.

Na Europa, foi realizada uma pesquisa com 18,709 mil crianças e jovens pelo projeto Eu Kids (www.eukidsonline.net), que buscava investigar o uso das tecnologias digitais e da internet por esses sujeitos. Essa investigação descobriu que 15% das crianças e jovens investigados, na faixa etária de 11 até 16 anos, já receberam mensagens, fotos ou vídeos eróticos e sensuais. No entanto, apenas 4% destes confessaram ter praticado *sexting* (LIVINGSTONE; GÖRZI, 2012).

No Brasil, em 2009, também foi realizada uma pesquisa sobre o *sexting*, pela SaferNet Brasil. Essa investigação contou com a participação de 2,525 crianças e adolescentes, que tinham faixa etária entre 10 e 17 anos e eram alunos/as da rede pública e particular, dos Estados do Rio Janeiro, Paraíba, Pará e São Paulo. Por meio dessa pesquisa, descobriu-se que 12,1% desses/as adolescentes já publicaram fotos íntimas na internet (SAFERNET BRASIL, 2012).

Nesse sentido, podemos ver que existe um número significativo de crianças e jovens que já entraram em contato com essa prática de alguma forma, seja produzindo e postando mensagens, fotos ou vídeos erótico, seja recebendo esse tipo de material.

É importante pensar no que leva esses sujeitos a realizarem o *sexting*. Para Willard (2013), o fenômeno do *sexting* entre os/as adolescentes parece ser o resultado de uma combinação de fatores: a facilidade de capturar e enviar imagens através das tecnologias digitais, impulsividade, hormônios em fúria, pressão do parceiro e incapacidade biológica do/a adolescente de prever as potenciais consequências prejudiciais e negativas de suas ações. Já para Livingstone e Görzig (2012), a prática do *sexting* está relacionada a questões de romantismo, sendo enviadas com o intuito de conquistar e seduzir o/a parceiro/a, buscar atenção e experimentar novas sensações etc.. Entendemos que o *sexting* está vinculado a essa vontade de aparecer e de tornar algo atraente para um determinado sujeito ou para uma multidão. O *sexting* torna o corpo e a sexualidade uma mercadoria vendável.

É importante discutir sobre esse fenômeno, pois, ao mesmo tempo em que ele é uma estratégia de sedução, que proporciona visibilidade aos seus/suas praticantes, pode trazer alguns problemas jurídicos, sociais e emocionais, pois acaba aumentando o número de materiais sexuais em circulação e facilitando o acesso de imagens eróticos e sensuais, de crianças e adolescentes, para pedófilos e abusadores/as, o que complica as questões judiciais, que ainda não possuem leis específicas para casos relacionados ao *sexting*. As leis para regulamentar esse fenômeno não existem para quem pratica e nem para quem dissemina essas mensagens, fotos e vídeos, acabando por trazer alguns problemas sociais.

O *sexting* pode ser entendido como um fenômeno que emerge na modernidade líquida, que é resultado de uma combinação de fatores e acontecimentos que vêm ocorrendo em nossa sociedade. Dentre estes, podemos destacar o aprimoramento e democratização das tecnologias

digitais, a ênfase de uma sociedade baseada na imagem e no espetáculo, o deslocamento da sociedade disciplinar para a de controle, a mercantilização dos corpos e das sexualidades e o afrouxamento das barreiras entre o âmbito público e privado, entre outros fatores. Consideramos importante discutir sobre esse fenômeno e pensar sobre as condições de existência deste. No entanto, como nessa pesquisa, enfocamos nossos estudos na prática do *sexting* na adolescência, entendemos ser importante discutirmos o que estamos entendendo por adolescência.

3.2 Adolescência como construção

Irritabilidade, irresponsabilidade, explosão hormonal, rebeldia, medo, mudanças corporais, extrapolação da sexualidade são algumas características utilizadas para descrever a adolescência. Tais atributos carregam uma visão de adolescência vinculada a teorias desenvolvimentistas, que buscam explicar a adolescência como uma fase marcada por mudanças psicológicas e biológicas. Para Cecília Coimbra, Fernanda Bocco e Maria Livia do Nascimento (2005, p. 4), “dentro do princípio desenvolvimentista, a adolescência surge como um objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e mesmo biologizantes”.

Por esse viés, a adolescência é entendida como uma essência, algo que estaria relacionado a uma natureza interna dos sujeitos. Nessa concepção, esta seria vivenciada de forma universal por todos/as. Segundo Ana Bock, diversas correntes teóricas, principalmente do campo da psicologia,

concebiam a adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, tendo um caráter universal e abstrato. Inerente ao desenvolvimento humano, a adolescência não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, uma fase do desenvolvimento, semipatológica, que se apresenta carregada de conflitos “naturais” (BOCK, 2007, p. 64).

Nesse contexto, a adolescência é entendida como uma fase transitória entre a infância e a vida adulta, que parece estar ligada apenas a fenômenos naturais, sem envolvimento com questões sociais, culturais, econômicas e históricas. Sujeitos de diferentes classes sociais, gerações, nacionalidades, gêneros, culturas, religiões etc. vivenciariam essa fase de forma hegemônica. Ana Bock (2007) critica esse tipo de entendimento da adolescência, pois compreende que esta só conceitua um determinado tipo de sujeito adolescente – homem, branco, burguês, racional e ocidental.

Além disso, as teorias desenvolvimentistas entendem a adolescência como um momento de construção da identidade dos sujeitos, em que definiriam o que seriam na idade

adulta. Nessa visão, a adolescência poderia ser entendida como “o momento inaugural da personalidade que definiria o sujeito para o resto de sua vida” (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 5).

Segundo Helena Altmann (2007), foi a partir do século XVII que se iniciou um prolongamento do período entre a infância e a vida adulta, dando origem à fase chamada adolescência, mas é no século XIX que essa “fase da vida” consolida-se e triunfa em nossa sociedade.

A emergência e consolidação da adolescência está atrelada à crise na sociedade capitalista moderna. Nesse período, ocorreu uma grande onda de desemprego, o que dificultava a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Além disso, nesse momento, houve um desenvolvimento tecnológico, o qual foi necessário para os processos de industrialização, urbanização e para a melhoria na qualidade de vida dos sujeitos. Isso fez com que aumentasse a necessidade de mão de obra técnica e especializada para lidar com toda a “sofisticação tecnológica” (OZELLA, 2002, p. 22) que se desenvolveu nesse período. Para dar conta dessa necessidade técnica, foi prolongado o tempo de escolarização dos sujeitos (OZELLA, 2002).

Há outro fator que contribuiu para que os jovens ficassem mais tempo em casa: com a crise capitalista, o controle de natalidade passou a ser uma preocupação da burguesia, o que ocasionou uma diminuição progressiva de seus descendentes. Segundo Altmann,

a baixa da fecundidade permitiu aos pais dar mais atenção aos filhos. A educação extrafamiliar, visando assegurar o sucesso no estabelecimento social e profissional, foi se impondo progressivamente, terminando por conferir um papel social novo a uma nova idade da vida: a adolescência (2007, p. 297).

Tais fatores contribuíram para que os jovens permanecessem mais tempo sobre dependência de seus pais, aumentando seu tempo de estadia no ambiente familiar. “A sociedade assiste, então, à criação de um novo grupo social com padrão coletivo de comportamento – a juventude/a adolescência” (OZELLA, 2002, p. 22).

Esse período de maior convivência com os familiares e de expansão do tempo de escolarização, ou seja, de vivência da adolescência, é entendido como uma fase de latência, em que os sujeitos podem pensar em seu futuro e escolher caminhos a seguir. Esse, desse modo, é considerado um período de moratória. Para Ana Bock,

A moratória na qual se encontram os jovens não é um período necessário do seu desenvolvimento e sim, um período no qual o mundo adulto considerou necessário colocar seus jovens para poderem, os adultos, estar mais tempo no mercado de trabalho e, os jovens mais bem preparados para responderem às exigências do novo mundo do trabalho tecnológico (BOCK, 2007, p. 69).

Na contemporaneidade, o tempo de vivência da adolescência vem se expandido, devido a modificações sócio-históricas. Assim, o período da adolescência ultrapassa o tempo de escolarização, “estendendo-se à fase de inserção profissional, ainda mais longa e mais incerta que antigamente” (Ibid., p. 298).

Ainda hoje são diversos os campos do saber (Psicologia, Biologia, Neurociência, Sociologia, Filosofia etc.) e as instâncias sociais (mídia, família, escolar etc.) que vêm produzindo significados e discursos sobre adolescência, contribuindo para a constituição dessa fase. De acordo com Ozella, “quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos constituindo significações (interpretando a realidade), a partir de realidades sociais e de marcas que serão referências para a constituição dos sujeitos” (OZELLA, 2002, p. 22).

Neste estudo, questionamos o entendimento de adolescência ligado a uma essência, vivenciada de forma universal e como uma etapa de formação da identidade. Entendemo-la como construção sócio-histórica, que é produzida por meio dos diversos discursos que circulam em nossa sociedade, os quais atuam na produção dos sujeitos. Para Raquel Quadrado, a adolescência pode ser entendida como uma:

construção que se dá a partir dos discursos de diversos campos – biologia, psicologia, sociologia, história, antropologia, entre outros – e de diversas pedagogias culturais – programas de TV, jornais, revistas, músicas, propagandas, filmes, festas, etc. – que, ao representarem a adolescência, estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e atuando, também, na produção de identidades (QUADRADO, 2006, p. 28).

Entendemos que existem múltiplas maneiras de vivenciar a adolescência, que são produzidas em diferentes instâncias (mídia, família, escola, instituições religiosas), nas quais os sujeitos vão transitando. Por isso, não podemos afirmar que todos/as adolescentes são irritantes, confusos, gostam de aparecer e vivenciam a sexualidade. Diferentemente, existem diversas maneiras de ser adolescente.

O *sexting* não pode ser entendido como algo que ocorre devido a uma “explosão” hormonal ou “afloramento” da sexualidade, que seriam próprios da adolescência. A emergência desse fenômeno está atrelada ao contexto histórico, social, cultural e econômico que estamos vivendo. Trata-se de um momento marcado pelo deslocamento da modernidade

sólida para a modernidade líquida, e da sociedade disciplinar para de controle, de aprimoramento das tecnologias digitais, da ênfase na espetacularização do eu, do afrouxamento das barreiras entre o âmbito público e privado e da constituição de uma sociedade do consumismo.

Entendemos, assim, que a prática do *sexting* na adolescência vem produzindo algumas rupturas no modo de entender e vivenciar a sexualidade. Dessa forma, consideramos que esse fenômeno vem produzindo uma atualização no dispositivo da sexualidade.

3.3 Sexualidade como dispositivo histórico

Segundo Michel Foucault, a partir do século XVII, desenvolve-se um dispositivo da sexualidade, que atuou/atua na produção da sexualidade e dos corpos dos sujeitos, tornando-a um domínio a conhecer, que deve ser investigado aos mínimos detalhes, e como algo que deve ser controlado e gerenciado. Para Foucault, a sexualidade não deve ser concebida

como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (2007a, p. 117).

Nesse sentido, a sexualidade pode ser entendida como uma construção histórica, social e cultural, que está relacionada às estratégias de poder-saber⁶. Por se tratar de algo que é produzida, em meio a mecanismos de poder⁷/saber/prazer/verdade⁸, Foucault define a sexualidade como um dispositivo histórico. Segundo o autor, esse dispositivo pode ser entendido como um,

⁶ Poder-saber é uma expressão utilizada por Foucault, que destaca que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (2007b, p. 27).

⁷ Nesta pesquisa, entendemos poder na perspectiva de Foucault, como uma relação de ações sobre ações, algo que se exerce, que se efetua e funciona em rede. Nessa rede, os indivíduos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação e, conseqüentemente, de resistir a ele (FOUCAULT, 2007a; 2007b).

⁸ Entendemos verdade como uma produção cultural, histórica e social. “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 12).

conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2008, p. 244).

Essa rede do dito e não dito, em um determinado momento histórico, acaba engendrando os sujeitos e ensinando-os determinados modos de entender, ser, estar e de comportar-se na sociedade.

O dispositivo emerge, em um determinado momento sociocultural e histórico, com o objetivo de “responder a uma urgência” (Ibid., p. 244), isto é, como uma estratégia de normalização dos sujeitos. Desse modo, o dispositivo age corrigindo e intervindo na produção de sujeitos, bem como no seu controle. De acordo com Agamben (2013), “o dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e enquanto tal é uma máquina de governo”.

Gilles Deleuze (1992) também discute o conceito de dispositivo, trazendo as três grandes instâncias que Foucault vai destacar, poder, saber e subjetividade. Para o autor o dispositivo pode ser considerado um conjunto de linhas que se movimentam, se misturam e se entrecruzam. Assim, o dispositivo é constituído por cinco linhas, são elas: as linhas de visibilidade, as linhas de enunciação, as linhas de força, as linhas de subjetivação e as linhas de brechas/fissuras/fracturas/rupturas.

As linhas de visibilidade podem ser entendidas como os regimes de luz, que possibilitam o aparecimento de um determinado objeto, ou seja, é aquilo que torna algo visível. “A visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato com as coisas” (DELEUZE, 1992, p. 120). Já as linhas de enunciação estão relacionadas a aquilo que é possível ser enunciado em um determinado contexto, ou como questiona Deleuze (Ibid., p. 120) “O que somos capazes de dizer hoje?” Assim, as linhas de enunciações vinculam-se ao que torna-se possível de ser dito, sobre algo, em um determinado tempo.

As linhas de força são compostas pelas relações de poder e saber. Para Deleuze (Ibid., p. 115) “o poder delinea uma segunda dimensão irreduzível à do saber; embora ambos constituam mistos concretamente indivisíveis; mas o saber é feito de formas, o Visível, o enunciável, em suma, o arquivo, enquanto o poder é feito de forças, relações de forças, o diagrama”. Enquanto que as linhas de Subjetivação, estão relacionadas com a constituição de sujeitos e a produção/criação de modo de existência. Segundo Fabiana Marcello, as linhas de

subjetivação estão relacionadas a constituição de si, que, por sua vez, “não são meras atuações passivas do sujeito ; pelo contrário , os processos de subjetivação indicam também possibilidades, (des)caminhos, fugas e subversão do próprio sujeito” (2009, p. 234).

Além disso, existem as linhas de brechas/fissura/fracturas/rupturas, essas possibilitam constituição de novas configurações, produzindo alguns escapes no modo como os sujeitos vem sendo produzidos. Assim, as linhas de rupturas são responsáveis pelas atualizações do dispositivo, possibilitando a emergência de novos modos de ser e estar em nossa sociedade. Essas “são linhas que produzem novas configurações de saber -poder-subjetividade, e por isso podem suscitar e antecipar um dispositivo futuro” (MARCELLO, 2009, p. 234).

Nesse viés, o dispositivo funciona através de três eixos: o primeiro é o saber, há sempre uma proliferação discursiva sobre algo; o segundo eixo é o poder que indica as posições, relações e estratégias de seus elementos; e o terceiro eixo é a produção do sujeito, pois, dentro de um dispositivo, existe sempre a intenção de constituir sujeitos de um determinado modo (MARCELLO, 2003).

O dispositivo tem uma função estratégica, através de alguns mecanismos de poder, procura produzir verdades sobre os sujeitos, para tanto são utilizadas algumas tecnologias de vigilância (panóptico, hierárquica etc.) e de produção de verdade (confissão, exame, diagnóstico, produção de relatórios etc.) que possibilitam conhecer os pensamentos, atitudes, ações, ou seja, as minúcias das vidas cotidianas dos sujeitos, com o objetivo de controlar e regular a vida da população.

A partir do século XVII, o governo percebe que precisa lidar com uma população e não apenas com os sujeitos. Por isso, passa-se a se preocupar com a saúde e hábitos da população, preocupando-se com a vida desta. Assim, é produzida uma rede de saberes que institui verdades sobre os sujeitos. Segundo Foucault, o sexo tornou-se um objeto de verdade, o “importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil e perigosa, preciosa ou temida [...]” (2007a, p. 64-65).

Essa intensa vontade de saber sobre sexualidade emerge para fazer frente às urgências relacionadas ao corpo e à sexualidade, ou seja, para controlar e combater algumas situações que são entendidas como preocupantes relacionadas à sexualidade, tais como: masturbação, natalidade, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, nascimentos legítimos e ilegítimos, frequência das relações sexuais, a homossexualidade, efeitos de celibato, incidência de práticas contraceptivas etc. (FOUCAULT, 2007a).

Nesse sentido, a sexualidade não passou por uma repressão ou restrição, mas, sim, foi colocada em discurso, produzindo, dessa forma, uma explosão discursiva sobre esse tema. Médicos, religiosos, pedagogos, psicólogos foram alguns sujeitos que se debruçaram a conhecer e saber mais sobre a sexualidade dos indivíduos. Assim, no ocidente formou-se uma ciência sobre sexualidade, ou seja, uma vontade de saber sobre esta. De acordo com Foucault:

A partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a uma principio de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir um ciência da sexualidade (2007a, p. 19).

Sendo assim, podemos perceber que não houve um mutismo em relação à sexualidade, um não falar, mas se regularam esses discursos; estabeleceram-se os momentos, lugares e sujeitos que podiam discutir e falar sobre esses temas. Para Foucault, a partir do século XVII emergiu uma busca sobre a verdade do sexo. Para tanto, foram instauradas algumas tecnologias de poder que procuravam vigiar, analisar e conhecer a intimidade dos sujeitos, “se a sexualidade se constitui como um domínio a conhecer, foi a partir de relações de poder que a instituíram como objeto possível [...]” (2007a, p. 109).

Dentre as tecnologias utilizadas para produção de verdade, a confissão pode ser entendida como um ritual de destaque para extrair as confidencias relacionadas à sexualidade. Ela pode ser entendida como um procedimento em que o sujeito conta as suas ações, pensamentos, segredos e sentimentos para outro alguém. No início, a confissão estava vinculada ao cristianismo. No entanto, com o passar do tempo essa técnica passa a ser utilizada por professores/as, pais, médicos/as etc.. Segundo Foucault

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àquele a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se – ou se é forçado a confessar (2007a, p. 68).

O importante é que a confissão sempre ocorre de um indivíduo confessor de sua vida para outro sujeito ou outra instância social. Assim, não se confessa sem a presença “ao menos

virtual” de alguém. O interlocutor que escuta a confissão é responsável por escutar, julgar, punir, perdoar e intervir nos problemas dos indivíduos confessantes. A intenção é que a confissão produza efeitos nas atitudes, condutas e pensamentos daquele que faz a enunciação de si, “independente de suas consequências externas, a confissão produz em quem articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, liberta-o, promete-lhe salvação” (FOUCAULT, 2007a, p 71). Podemos ver funcionando relações de poder-saber nesse ato, pois é produzindo um saber através do indivíduo que confessa estabelecendo-se assim, uma relação de poder, pois sempre existe um outro sujeito, que escuta, interroga e pune o sujeito confessante da sexualidade. Assim, a confissão pode ser entendida como um processo contínuo e meticuloso, de fazer-falar, que procura conhecer as verdades do sexo dos sujeitos. É através desse procedimento que médicos/as, professores/as, pais etc. conseguem conhecer as condutas dos sujeitos e controlá-los.

A confissão pode ser entendida como uma importante tecnologia de produção e governamento do sujeito. Por isso, trata-se de uma técnica de destaque para o dispositivo da sexualidade. No entanto, outras tecnologias também foram utilizadas por esse dispositivo. Dentre estas, podemos citar: a vigilância hierárquica, a produção de relatórios, a observação dos sujeitos, os diagnósticos realizados por exames clínicos ou consultas, entre outros.

Tais técnicas de fazer falar ou de observação dos sujeitos possibilita a formação de um arquivo dos prazeres, desejos e condutas, que são utilizados para hierarquizar e classificar as questões relacionadas à sexualidade, estabelecendo o que é proibido, permitido, o que está na norma e fora desta, o que é legítimo e ilegítimo entre outros, produzindo, dessa forma, algumas interdições da sexualidade. Segundo Foucault, “as sociedade ocidentais começaram a manter o registro infinito dos prazeres. Estabelecendo o herbário, instauraram a classificação dos prazeres; descreveram tanto as deficiências cotidianas quanto as estranhezas ou as exasperações” (2007a, p. 73).

Assim, esses procedimentos contribuem para a produção de saberes sobre a sexualidade, mas também agem nos corpos dos sujeitos, pois, ao confessarem algo, os sujeitos são também instruídos sobre o que devem fazer ou não fazer. Essas técnicas contribuem para a constituição de sujeitos de uma sexualidade e acabam contribuindo para solidificação do dispositivo da sexualidade.

Esse conjunto heterogêneo de discursos, arquiteturas, leis, instâncias etc., ou seja, o dispositivo da sexualidade age diretamente no corpo do indivíduo e pode ser entendido como um “dispositivo político que se articula diretamente sobre o corpo, isto é, sobre o que este tem

de mais material e vivente: função e processos fisiológicos, sensações, prazeres, etc.”, que age regulando e controlando o mesmo (CASTRO, 2009, 401).

O dispositivo da sexualidade atua na ordem da norma, estabelecendo um padrão em relação à sexualidade, que deve ser seguido por todos os sujeitos. Os que escapam as regras tornam-se objetos privilegiados de saber, ou seja, de formação de conhecimentos e gerenciamentos.

A heterossexualidade, o casamento, as relações sexuais praticadas por adultos no âmbito privado, com objetivo de reprodução e não de prazer, são algumas das manifestações da sexualidade que foram entendidas como legítimas e aceitas em nossa sociedade. Entretanto, todas as outras formas de viver a sexualidade, que escapam a essa norma, tais como: o incesto, a homossexualidade, a indiferença da mãe, o sadismo, as relações sexuais entre crianças e adolescentes, entre outras, são consideradas desvios das manifestações da sexualidade, que precisam ser conhecidas, administradas e corrigidas.

O *sexting* também pode ser considerado um desvio da norma construída pelo dispositivo da sexualidade, pois escancara para uma multidão (âmbito público) algo que é entendido como de âmbito privado, como, por exemplo, as relações sexuais e o corpo desnudo. Assim, o *sexting* vem produzindo uma atualização no dispositivo, produzindo novas configurações nos modos de vivenciar a sexualidade, são as linhas de rupturas produzindo reconfigurações nesse dispositivo.

Se o *sexting* pode ser entendido como algo que produz e é produzido pelo dispositivo da sexualidade, ele também está relacionado as linhas de um dispositivo. Nesse sentido, é importante realizarmos aquilo que Deleuze (2005) chamou de trabalho de terreno, para tanto precisamos “desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas”.

Ao procurar cartografar a prática do *sexting*, evidenciamos que essa prática está relacionadas as linhas que compõem o dispositivo das sexualidade. As tecnologias digitais podem ser entendidas como clarões, luzes ou máquinas de fazer ver, são elas que possibilitam a produção de fotos e vídeos de conotação sexual/erótico/sensual, ou seja, são elas que visibilizam a prática do *sexting*, e portanto estão relacionadas as linhas de visibilidade.

As linhas de enunciação são possíveis de evidenciar, pois nem tudo pode ser dito, mostrado e discutido sobre o *sexting*, os material produzido pelos/as adolescentes, por exemplo, não estão disponíveis para domínio público. Além disso, existem sujeitos específicos (psicólogos, delegados, diretores etc.) que são chamados a proferirem a palavra sobre essa prática. Assim, existe um controle do que pode ser dito sobre o *sexting* nesse

momento. “O enunciável de uma época é o regime da linguagem, e as variações inerentes pelas quais ele não cessa de passar, saltando de um sistema homogêneo a outro (a língua está sempre em desequilíbrio)” (DELEUZE, 1992, p.120).

Nesse sentido, essa prática constitui-se como um objeto que deve ser investigado, sendo alvo de especulação por parte da mídia, pesquisadores/as, psicólogos/as, escolas etc., que procuram compreender esse fenômeno, saber com o que ele está envolvido, para que possam regular, controlar e impedir que a sexualidade torne-se pública. Assim, pode-se perceber a atuação de linhas de força na prática do *sexting*, em que evidencia-se algumas relações de poder/saber. O “poder e o saber constituem mistos concretamente inseparáveis” (DELEUZE, 1992, p. 122).

Os *sexting* pode ser entendida como uma prática que vem produzindo algumas rupturas das questões relacionadas a sexualidade. Se ao longo da modernidade a intimidade se constitui como um questão privada, na contemporaneidade os praticantes do *sexting*, vem criando novas formas de vivenciar a sexualidade, essas tornam-se algo a ser visibilizadas. O que possibilita uma reconfiguração na produção das subjetividades, produzindo sujeitos que se utilizam da sexualidade para aparecer. Assim, a prática do *sexting* pode ser entendido como uma “válvula de escape” aos poderes e saberes relacionados ao dispositivo da sexualidade, mesmo que posteriormente os sujeitos praticantes do *sexting* sejam punidos. Segundo Deleuze os processos de subjetivação estão atrelados

as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto os saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na sequência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes (1992, p. 217).

Assim, o *sexting* está articulado ao dispositivo da sexualidade, pois está vinculado aos eixos de poder, saber e produção do sujeito. Ao realizarmos essa pesquisa, procuramos olhar o material empírico, como dispositivos de produção da verdade, pois os mesmos têm como objetivo determinar e regular os modos de vivenciar e experimentar a sexualidade.

Cabe salientar, que atualização produzida pelo dispositivo da sexualidade, através do *sexting*, só se torna possível devido algumas condições de possibilidade, como o deslocamento da modernidade sólida para a líquida.

3.4 Deslocamento da modernidade sólida para a modernidade líquida

Para entendermos a constituição desse fenômeno de exposição da sexualidade, chamado de *sexting*, é preciso pensarmos nas condições de possibilidades que permitiram a emergência deste, ou seja, conhecer as modificações que vêm ocorrendo em nossa sociedade e que vêm possibilitando a existência do *sexting* no contexto contemporâneo. Entendemos que essa prática está relacionada a alguns movimentos pelos quais nossa sociedade vem passando, dentre estes está o deslocamento da modernidade “sólida” para a modernidade “líquida”.

Os termos “sólido” e “líquido” são utilizados por Bauman para descrever as modificações que a modernidade vem passando. Esse autor prefere não falar em pós-modernidade, pois ele acredita que nossa sociedade continua sendo moderna, e que as mudanças que estão ocorrendo são ideais da modernidade. Segundo Bauman, a “sociedade que entra no século XXI não é menos ‘moderna’ que a que entrou no século XX. O máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente” (2001, p. 36).

Sendo assim, esse autor utiliza-se da metáfora do “sólido” e do “líquido” para descrever os deslocamentos que a modernidade vem sofrendo ao longo dos anos. Tais mudanças estão relacionadas às questões sociais, culturais, econômicas, midiáticas, tecnológicas, entre outras. Para Karla Saraiva e Alfredo Veiga-Neto, essas mudanças em nossa sociedade dão-se de forma “rápida e profundamente num amplo conjunto de práticas sociais – e correlatas percepções e saberes. Tais práticas, tais percepções e tais saberes são da ordem da cultura, da economia, da política, da ética, da estética, da educação etc.” (2009, p. 188).

Bauman (2001) utiliza o termo “sólido” para descrever o início da modernidade, pois esse estado físico da matéria tem como característica um arranjo estrutural fixo, que forma uma liga, que não muda com facilidade sua forma. Por isso, está relacionado à estabilidade. É com esses adjetivos que ele descreve os primeiros momentos da história moderna, isto é, um período marcado pela produtividade, normatividade, previsibilidade, padronização, rotina, estabilidade, regras, coerção, obrigações, inflexibilidade etc.. Nesse sentido, a modernidade sólida pode ser entendida como uma “época de moldar a realidade como na arquitetura ou na jardinagem; a realidade adequada aos veredictos da razão deveria ser ‘construída’ sob estrito controle de qualidade e conforme rígidas regras de procedimento, e mais que tudo *projetada* antes da construção” (BAUMAN, 2001, p. 58).

Ao longo da modernidade sólida, era exigido o cumprimento de regras e de normas de condutas. Para que isso fosse cumprido, havia instituições, instâncias e indivíduos específicos

que eram responsáveis por vigiar e disciplinar os corpos e atitudes dos sujeitos, bem como punir os indivíduos que fugissem ou não seguissem as regras impostas.

Para Bauman, esse

era o mundo dos que ditavam as leis, dos projetistas de rotinas e dos supervisores; o mundo de homens e mulheres dirigidos por outros, buscando fins determinados por outros, do modo determinado por outros. Por essa razão era também o mundo das autoridades: de líderes que sabiam e de professores que ensinavam a proceder melhor (2001, p. 74).

Nesse sentido, a era sólida da modernidade pode ser entendida como um tempo em que vigoravam as estruturas sociais, que ditavam e controlavam o modo de vida dos sujeitos. Era uma sociedade que estava marcada por regras e pela previsibilidade. Por isso, era um mundo administrável, em que os indivíduos tinham pouca ou nenhuma liberdade de escolha. As estruturas sociais administrativas da vida eram responsáveis pelo cumprimento das normas e regras, mas também responsáveis pela vida e pelo bem estar dos sujeitos. “Administrar significa, ainda que a contragosto, responsabilizar-se pelo bem-estar geral do lugar [...]” (BAUMAN, 2001, p. 17).

Na era sólida, a ênfase estava na durabilidade, primava-se por bens, sentimentos, relacionamentos, planos e etc., que se perpetuassem por um longo tempo; não se procurava a satisfação momentânea e imediata. Assim, nesse tempo se buscava conservar tudo o que se vivia ou se adquiria; essa modernidade “punha a duração eterna como principal motivo e princípio de ação” (Ibid., p. 145).

No entanto, a partir do século XX, alguns fatores, tais como: guerras, progresso e democratização das tecnologias digitais, globalização, desenvolvimento dos direitos humanos, aumento da produção industrial, consumo em massa, necessidade de *marketing*, surgimento de novos excluídos, entre outros movimentos, possibilitaram algumas rupturas no modo de ser e estar na sociedade, o que ocasionou algumas modificações nesse cenário tão marcado pela estipulação de normas (LIPOVETSKY, 2004; BAUMAN, 2001).

Esses episódios foram promovendo algumas reconfigurações da sociedade e o rompimento de alguns padrões e obrigações que se constituíram ao longo da modernidade sólida ou tradicional, possibilitando, dessa forma, o “derretimento” de alguns sólidos e a emergência da modernidade líquida. Segundo Saraiva e Veiga-Neto, essa modernidade, que se constitui no contexto contemporâneo, acabou derretendo:

[..] tudo o que era — ou parecia ser... — sólido, mas não coloca alguma outra coisa sólida em seu lugar. Assim, assume-se a impermanência, a constante mudança de formas, num processo que parece não ter previsão de término. A impermanência torna-se a única constante da Modernidade líquida (2009, p. 188).

Nesse contexto, o termo líquido é utilizado por Bauman devido a algumas características que esse estado da matéria possui, ou seja, sua estrutura não é fixa e nem estável, mas, ao contrário, é algo que flui, que tem mobilidade, que se modifica independentemente do espaço, que é instável e imprevisível. É, nesse sentido, que ele utiliza a metáfora do líquido para descrever nossa atual conjuntura, ou seja, um tempo de incerteza, imprevisível, instantâneo etc.. Segundo Bauman:

O mundo que chamo de líquido porque, como todo o líquido, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíram ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimento que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperança e as que nos enchem de aflição (2011a, p. 7).

A modernidade líquida pode ser entendida como o tempo do efêmero, em que os desejos, gostos, vontades, planos, entre outros, modificam-se o tempo todo. Esse é o tempo do agora, em que não se pensa ao longo prazo, mas, sim, no momento que se está vivenciando. Além disso, também pode ser entendido como o tempo da instantaneidade, em que tudo deve ser realizado e adquirido prontamente, na mesma hora e de forma fugaz. Mas toda essa instantaneidade acaba provocando um desejo por novidade, pois os interesses modificam-se a todo momento.

Nesse tempo líquido, as instituições e organizações sociais que pretendiam o disciplinamento dos corpos passam por um processo de declínio na sociedade, deixando de serem as principais administradoras da vida dos indivíduos. E se, na modernidade sólida, eram responsáveis pelas escolhas de vida dos sujeitos; na modernidade líquida, os sujeitos têm o direito e o dever de pensar por si próprios, podendo escolher o que querem fazer ou deixar de fazer de sua vida. Porém, as suas escolhas acabam custando caro, pois são os próprios indivíduos os responsáveis por suas decisões, cabe a eles a resposta e a responsabilização por seus atos. Para Bauman,

A liberdade de escolha é acompanhada de imenso e incontáveis riscos de fracasso. Muitas pessoas podem considerá-los insustentáveis, descobrindo ou suspeitando que eles possam exceder sua capacidade pessoal de enfrentá-los. Para a maior parte das pessoas, a liberdade de escolha continuará sendo um espectro impalpável e um sonho infundado, a menos que o medo da derrota seja mitigado por uma política de seguro lançada em nome da comunidade, na qual possam confiar e com a qual possam contar em caso de infortúnio. Enquanto continuar sendo um espectro, a dor da desesperança será superada pela humilhação do infortúnio; a capacidade de enfrentar os desafios da vida, diariamente testada, é afinal a própria oficina em que a autoconfiança é forjada ou fundida (2007, p. 71).

Por esse viés, podemos questionar esse entendimento de liberdade de escolha, porque essa liberdade é restrita; se antes existiam líderes e instituições que diziam o que devia ser feito, na contemporaneidade são os sujeitos que devem escolher o que fazer e pagar por suas escolhas. Segundo Charles, “o indivíduo hipercontemporâneo, mas autônomo, é também mais frágil que nunca, na medida em que as obrigações e as exigências que o definem são mais vastas e mais pesadas” (2004, p. 8-9).

Sendo assim, dizer que os indivíduos têm maior autonomia, não significa dizer que os mecanismos de controle sumiram em nossa sociedade. Eles estão presentes, mas de outra maneira; o poder sobre os indivíduos é exercido, mas de uma forma mais informativa e comunicativa do que impositiva. “A obediência aos padrões (uma maleável e estranhamente ajustável obediência a padrões eminentemente flexíveis, acrescento) tende a ser alcançada hoje em dia pela tentação e pela sedução e não mais pela coerção – aparece sob o disfarce do livre-arbítrio [...]” (BAUMAN, 2001, p. 101).

Além disso, não podemos afirmar que a modernidade líquida exclua por completo a vigilância; no máximo, podemos afirmar que ela é realizada de outra forma. Antes, a vigilância era realizada por um sujeito, que controlava vários indivíduos através de uma arquitetura específica. Na contemporaneidade, muitos indivíduos cuidam e vigiam a vida de poucos por meio das diversas máquinas digitais (BAUMAN, 2001; 2008).

Além de ser um tempo fugaz e de constantes modificações, esse tempo líquido também apresenta outras particularidades, tais como: tempo de consumo excessivo, de *marketing*, de publicidade, de espetacularização, de responsabilização pessoal, de sinóptico, de borramento de fronteiras entre o âmbito público e privado e do curto-prazo.

Nesse sentido, o deslocamento da modernidade sólida para a líquida acarretou algumas mudanças de ênfases⁹ na sociedade: os padrões, normas e obrigações deram lugar à sedução e à necessidade, à vigilância e ao policiamento dos comportamentos pela publicidade. Registrou-se a passagem do panóptico para o sinóptico, da sociedade de produtores para a de consumidores, das distinções fixas entre o âmbito público e privado para o borramento dessas esferas, do longo-prazo para o curto-prazo, que acabam constituindo outros sistemas de normas e obrigações (LIPOVETSKY, 2004; BAUMAN, 2001; SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009).

Por esse viés, entendemos que o fenômeno do *sexting* encontra na modernidade líquida condições de emergência, pois só em um tempo em que os indivíduos têm uma “liberdade de escolha” é possível alguém expor a sexualidade; em outros tempos, isso não seria possível devido ao controle das instâncias de vigilância, que promoviam uma rígida barreira entre o que era considerado de âmbito público e o privado. O desenvolvimento da sociedade do espetáculo também pode ser considerado uma condição de possibilidade para que se desenvolva o desejo de exibir a sexualidade. Além disso, o *sexting* pode ser considerado uma faceta da sociedade baseada no consumismo, pois o corpo e a sexualidade também se tornam mercadorias que devem ser vendidas.

Outra característica é que o *sexting* está vinculado aos tempos efêmeros, pois esse fenômeno torna-se algo a ser discutido em um determinado instante. Logo em seguida, esses materiais produzidos deixam de ser alvo de comentários e somem da internet. Neste sentido, os materiais colocados na internet são provisórios, fluídos, voláteis e efêmeros; podem aparecer e desaparecer rapidamente, sendo substituídos por outros, de forma instantânea. Essa característica está relacionada ao momento que vivenciamos na contemporaneidade, temporário e de vida líquida. Sendo assim, os vídeos que escancaram a sexualidade de adolescentes também se tornam objetos momentâneos, que chamam atenção em um determinado momento, mas depois escapam e saem de cena. “O curto prazo' substituiu o 'longo prazo' e fez da instantaneidade seu ideal último. Ao mesmo tempo em que promove o tempo ao posto de contêiner de capacidade infinita, a modernidade fluída dissolve – obscurece e desvaloriza – sua duração” (BAUMAN, 2001, p. 145).

Contextualizar esse tempo que vivemos ajuda-nos entender a emergência da prática do *sexting*. Nesse sentido, acreditamos que algumas características deste momento, como:

⁹Segundo Saraiva e Veiga-Neto (2009), é importante salientar que não ocorre propriamente uma substituição de um momento para outro, o que ocorreu foi uma mudança de ênfase, pois em alguns momentos, os elementos da modernidade sólida ocorrem de forma concomitante com as características da modernidade líquida.

deslocamento da sociedade disciplinar para a de controle; aperfeiçoamento e democratização das tecnologias digitais; a sociedade do consumo; borramento de fronteiras entre o público e privado; a espetacularização do eu, precisam ser discutidas com maior aprofundamento teórico, para que possamos entender de forma mais complexa o surgimento do *sexting*, fenômeno que tem como propósito a exposição da intimidade. Entendemos que, na prática social, esses termos estão imbricados, operando de forma entrelaçada. No entanto, a fim de fazer uma discussão teórica mais aprofundada, optamos em apresentá-los separadamente.

3.5 Da sociedade disciplinar para a de controle

Dentre os deslocamentos que ocorreram da modernidade sólida para a líquida, está a passagem da sociedade disciplinar para a de controle. Essa passagem trouxe algumas modificações na constituição dos sujeitos e no modo de funcionamento da sociedade, que já não prima mais pela produção de corpos dóceis e pela vigilância individual, mas, sim, em produzir corpos “flexíveis” (VEIGA-NETO, 2008; MORAES; VEIGA-NETO, 2013) e no desenvolvimento de maquinarias que agem no controle dos indivíduos. Se a modernidade era marcada pelo panóptico, como um dispositivo de vigilância; na contemporaneidade, é o sinóptico que marca esta era.

A sociedade disciplinar é marcada pela utilização de técnicas de poder, que são aplicadas com intuito de normalizar, homogeneizar e adestrar os sujeitos. Tais técnicas são minuciosas, contínuas e atuam de forma individualizante no corpo no indivíduo. Segundo Foucault, a disciplina pode ser entendida como um mecanismo de poder, que emerge entre os séculos XVII e XVIII,

que permite extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância e não descontinuamente por meio de sistemas de taxas e obrigações distribuídas no tempo; que supõe mais um sistema minucioso de coerções materiais do que a existência física de um soberano (2008, p. 187-188).

Com objetivo de realizar o disciplinamento dos corpos dos indivíduos, criaram-se algumas estratégias e procedimentos, tais como: o confinamento, a vigilância hierárquica, as sanções normalizadoras etc., com o propósito de agir sobre o corpo dos indivíduos, aumentando a habilidade dos mesmos e produzindo-os como dóceis e úteis. Tais técnicas eram aplicadas através de algumas instituições, como a escola, fábrica, prisões, hospitais, entre outros.

A fim de controlar a população, os sujeitos eram submetidos às instâncias de confinamento, que tinham como objetivo aumentar a aptidão dos corpos. Assim, os sujeitos eram distribuídos e enclausurados em algumas instituições (família, escola, fábrica etc.), que atuavam corrigindo posturas, adestrando os sujeitos e tornando-os produtivos para a sociedade. Segundo Deleuze, a sociedade disciplinar é marcada pela

[...] organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência (1992, p. 219).

Junto ao confinamento, se utilizava a vigilância hierárquica como o propósito de disciplinar os corpos. A vigilância hierárquica tinha como propósito controlar os sujeitos, tornando-os docilizados e obedientes. Toda essa observação era realizada por sujeitos específicos que deveriam estar atentos e conhecer com detalhe tudo que ocorria no interior das instituições. Segundo Antônio Moraes e Alfredo Veiga-Neto, “a vigilância disciplinar distribui os indivíduos em posições fixas, colocando-os num campo permanente de visibilidade, jogando na oposição do vigiar e ser vigiado, do ver e ser visto, onde poucos vigiam/veem muito” (2013).

Um dos dispositivos descritos por Foucault (2007b) para a realização da vigilância é o panóptico, uma arquitetura pensada por Jeremy Bentham, considerado um dos símbolos da disciplina pretendida na modernidade sólida. O panóptico era uma arquitetura que possibilitava aos líderes verem e vigiarem os passos dos sujeitos, sem serem percebidos, visto ou ouvidos. “Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2007b, p. 166). Assim, nesse dispositivo, um determinado sujeito era responsável por cuidar dos movimentos, atitudes e comportamentos de vários outros, com intuito de controlar as ações, atitudes, comportamento, a fim de manter a ordem.

Nesse sentido, a vigilância e o panóptico tinham como propósito disciplinar os corpos dos sujeitos, com objetivo de produzir corpos úteis, obedientes, adestrados, exercitados, ou seja, pretendia normalizar os corpos, estabelecendo maneiras de ser e de agir perante uma determinada instituição ou perante uma determinada sociedade. Toda essa vigilância procurava evitar que gestos e atitudes considerados inapropriados estivessem presentes na sociedade. Para Michel Foucault, as “instituições disciplinares produziram uma maquinaria de

controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno do homem, um aparelho de observação, de registro e treinamento” (2007b, p. 145).

Nesse sentido, a sociedade disciplinar estava envolvida com a produção de normalização de modos de ser e estar na sociedade; todos os corpos que escapavam às regras e normas de conduta acabavam por ser punidos, a fim de enquadrar esses corpos dentro de determinadas normas. Para tanto, as instituições disciplinares, como a escola, por exemplo, penalizavam, com castigo físico, privações e humilhações, os indivíduos que tinham algum desvio de conduta, para que o comportamento ou atitude entendida como desviante não se repetisse no interior dessas instituições (FOUCAULT, 2007b).

Na modernidade líquida, com o enfraquecimento de algumas instâncias sociais (escola, família, exército, fábricas) e com o desenvolvimento e popularização das tecnologias, a sociedade disciplinar passa a dar lugar à sociedade de controle. É importante ressaltar que a sociedade do controle não substitui a sociedade disciplinar, ou seja, ela não desaparece, continua funcionando, ambas coexistem em nossa sociedade. Nesse viés, o que ocorre são pequenas rupturas, e a sociedade disciplinar começa a ceder lugar para a sociedade de controle. Para Alfredo Veiga-Neto, “o que está acontecendo é uma mudança de ênfase, em que a lógica disciplinar está recoberta pelas técnicas de controle, tudo isso de modo a manter os riscos sociais em níveis minimamente seguros” (2008, p. 52).

A sociedade de controle está caracterizada pela flexibilidade, interconexão instantânea, mutações e transformações, diminuição de confinamentos, borrimento de fronteiras entre público e privado, uso de diversas tecnologias digitais e controle contínuo (ou seja, não se tem aquela vigilância minuciosa e constante), que ocorre através de diversas máquinas eletrônicas e informacionais. Segundo Moraes e Veiga-Neto (2013), os “procedimentos de controle, concentrando-se no espaço fluxo informacionais das redes eletrônicas digitais rizomáticas, desconsideram as fronteiras e conspiram para abolição da distinção do dentro e do fora, do público e do privado”.

O *sexting* está vinculado à sociedade de controle, pois, através desse fenômeno, podemos perceber que vem ocorrendo um enfraquecimento da vigilância individual, ao mesmo tempo em que vemos aumentarem os registros da vida cotidiana por meio de tecnologias digitais. Da mesma forma, muitos indivíduos cuidam e se importam com a vida

alheia. Além disso, não são apenas indivíduos específicos e líderes¹⁰ que vigiam os passos dos sujeitos. Na contemporaneidade, as máquinas tecnológicas, possibilitam que uma multidão controle a vida de um determinado indivíduo.

Na sociedade de controle, as tecnologias digitais produzem outras formas de vigiar e controlar a vida dos indivíduos; possibilitam o monitoramento dos sujeitos e permitem que os materiais produzidos e registrados, como vídeos, postagens e fotos possam ser vistos e revistos a qualquer momento, por qualquer sujeito. Nesse sentido, na sociedade de controle a regulação dos corpos dos sujeitos ocorre de forma contínua e instantânea, enquanto na sociedade disciplinar os corpos dos sujeitos eram controlados de forma descontínua em processos de longa duração, pois não haviam máquinas cibernéticas que possibilitavam acompanhar e registrar a vida dos sujeitos, eram necessários sujeitos específicos para vigiar todos os passos dos indivíduos. Segundo Deleuze “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua” (1992, p. 224).

Para Veiga-Neto (2008), o termo controle vem do latim *contra* (ao contrário) e *rotulus* (rolos de escritos, lista). Em língua portuguesa, está relacionado aos registros armazenados, que podiam ser vistos e revistos a qualquer momento. Assim, controlar significa “fiscalizar, submeter ao exame, conferir, comparar, exercer ação restritiva ou de contenção” (Ibid., p. 51). Esse termo vem da época medieval, em que os registros eram realizados em papel ou papiros. Na contemporaneidade, esses registros estão sendo realizados através de máquinas digitais (discos rígidos, *pen drives*, bancos de dados, *chips* etc.), que podem ser revistos e conferidos a qualquer momento. São as máquinas cibernéticas e os computadores que estão em evidência na sociedade do controle, segundo Deleuze (1992), essas máquinas são capazes de armazenar muitas informações sobre aquilo que os sujeitos fazem, escutam, publicam, copiam e reproduzem através das mesmas.

Para realizar o controle não é necessário o confinamento dos indivíduos em um determinado espaço, como era realizado na sociedade disciplinar, mas é necessário o registro sobre a vida cotidiana, através de máquinas telemáticas. Deleuze, em um entrevista cedida ao *L'Autre Journal*, afirma que os confinamentos, da sociedade disciplinar, podem ser entendidos como moldes, que atuam homogeneizando os sujeitos, enquanto as práticas de controle, são modulações. “Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os

¹⁰ Estamos entendendo como líderes aqueles sujeitos que eram responsáveis pela vigilância, exame, observação e punição dos sujeitos ao longo da sociedade disciplinar, podemos citar como exemplos, os professores, carcereiros, clérigo, médicos etc.

controles são uma modulação, como moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (DELEUZE, 1992, p. 221).

Assim, a sociedade de controle tem como característica uma maior mobilidade e flexibilidade, que precisa modificar seus mecanismos de regulação dos sujeitos de forma mais fugaz, pois só assim daria conta de normalizar os corpos.

Outro ponto importante da sociedade de controle está relacionado à vigilância. Esta não ocorre mais por sujeitos específicos de segmentos superiores, ou seja, de forma hierárquica, mas passamos a ser vigiados pelos diversos sujeitos da sociedade, não existindo mais diferenças entre quem é vigiado e vigilante, pois todos assumem as duas posições.

Encontramo-nos cercados por múltiplos “olhos”, por vezes anônimos e que emergem ao acaso, outras vezes por equipamentos sofisticados, com seus amplos circuitos em rede que são disponibilizados para facilitar o controle sobre a passagem e a ação daqueles que se encontram presentes nos mais diferentes espaços (MANSANO, 2007, p. 33)

Nesse sentido, o vigiar muda de configuração, não existe mais a pessoa específica que deve conhecer tudo que está sendo realizado em um determinado contexto, mas existem múltiplos sujeitos e maquinarias que desempenham esse papel. Assim, as pessoas ditas comuns também são responsáveis por controlar os passos dos/as vizinhos/as, colegas, amigos/as e familiares. Além disso, os próprios sujeitos são considerados seus vigilantes na sociedade de controle.

Se a sociedade disciplinar foi marcada pelo panóptico, mecanismo de poder que pretendia disciplinar os corpos, através do confinamento e da coerção, a sociedade de controle tem como dispositivo o *sinóptico*, que também pode ser entendido como um mecanismo de poder, que tem como propósito controlar as ações, atitudes e comportamento dos sujeitos, mas isso não é realizado mais por apenas um sujeito específico; na modernidade líquida, uma multidão de sujeitos controla e monitora a vida de poucos, por meio das diversas tecnologias digitais e através da web 2.0. Assim, o controle é exercido em rede e de forma rizomática, e não de forma hierárquica, verticalmente, como a disciplina, pois todos nós estamos vigiando e controlando a vida alheia. Para Bauman,

O panóptico era por sua natureza um estabelecimento local: imobilização dos seus súditos – a vigilância estava lá para barrar a fuga ou pelo menos para impedir movimentos autônomos, contingentes e erráticos. O sinóptico é, global; o ato de vigiar desprende os vigilantes de sua localidade, transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais

importa a distância, ainda que fisicamente permaneçam no lugar. Onde quer que estejam e onde quer que vão, eles podem ligar-se – e se ligam – na rede extraterritorial que faz muitos vigiar poucos. O Panóptico forçava as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção – ele seduz as pessoas à vigilância” (1999, p. 60).

Na sociedade de controle, todos somos seduzidos a conhecer, vigiar, esquadrihar a vida dos sujeitos. Isso não ocorre como uma obrigação, isso é posto em forma de sedução, em que um cuida do outro como algo prazeroso. Outra característica da sociedade do controle é que não precisamos estar todos/as juntos/as em um determinado espaço físico para saber todos os passos dos sujeitos; na contemporaneidade, podemos fazer esse controle através das máquinas digitais. Assim, essas tecnologias transformam o modo de vigiar os corpos. Para Deleuze,

É fácil corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo, a pirataria e a introdução de vírus (DELEUZE, 1992, p. 223).

Nesse sentido, as máquinas, como computadores, celulares e *webcam* e as tecnologias a elas associadas, como a internet e *bluetooth*, vêm produzindo um determinado tipo de sociedade, a sociedade de controle. Essa sociedade que vem se formando está produzindo efeitos na constituição dos sujeitos, nas formas de sociabilidade e nos modos de disciplinar, controlar e governar os corpos.

Através dessa discussão, podemos perceber os efeitos da sociedade do controle na prática do *sexting*, pois os vídeos e fotos sensuais e eróticas não são descobertos pelas instituições tradicionais da sociedade disciplinar, que seriam os responsáveis por conhecer todos os passos dos sujeitos, ou seja, a família e a escola. Essas imagens tornam-se conhecidas por todos/as por meio das tecnologias digitais. Além disso, não existe apenas um sujeito específico cuidado e vigiando o que os/as praticantes do *sexting* estão fazendo; existem uma multidão de olhos que acompanham de perto, através das tecnologias digitais, o que está sendo realizado. Assim, vemos o mecanismo de poder, chamado de sinóptico, atuando nessa prática. Além disso, evidenciamos que a vigilância dos corpos não se dá apenas por meio de

confinamento, mas, sim, através da flexibilidade das máquinas cibernéticas. Nesse contexto, na sociedade que vem se constituindo todos nós podemos ser vigias e vigiados, com o objetivo de controlar os corpos e manter uma ordem. Podemos ser, consumir e produzir informação; são as tecnologias promovendo novos modos de sociabilidade.

3.6 Tecnologias Digitais: reconfigurando modos de ser e estar na sociedade

As diversas tecnologias produzidas ao longo da história vêm possibilitando algumas modificações nos modos de vida, no desenvolvimento de tarefas, na comunicação, na informação, no consumo, no corpo. Enfim, nos modos de ser, estar e comportar-se na sociedade. Para Lemos (2010, p. 160),

A escrita, a imprensa, o carro, os satélites, o telefone, o rádio, a televisão, e assim por diante, são tecnologias e complexos tecnológicos que mudaram para sempre o modo de vida ocidental. A realidade virtual se enquadra bem nessa perspectiva.

O aprimoramento e democratização das diversas tecnologias digitais causaram algumas revoluções nos modos de se relacionar, comunicar, interagir e sociabilizar. Essas tecnologias, juntamente com outros fatores socioculturais, tais como o afrouxamento das barreiras entre o público e privado, a incitação ao consumo, a constituição da sociedade do controle etc., podem ser entendidas como uma condição de possibilidade para o surgimento do *sexting*, já que esse fenômeno utiliza-se de diversas tecnologias, tais como: *smartphone*, computadores, *webcams*, câmeras fotográficas etc., para expor a sexualidade e adquirir visibilidade. Assim, as tecnologias digitais possibilitam uma reconfiguração nos modos de viver, aparecer, comunicar, informar, bem como nas formas de os sujeitos relacionarem-se e agregarem-se socialmente.

As tecnologias digitais vêm permitindo a existência de outros modos de sociabilidade, ou seja, “as tecnologias tornam-se vetores de novas formas de agregação social” (LEMOS, 2010, p. 15). Esses modos de ser, estar e aparecer na sociedade contemporânea e sua relação com as tecnologias digitais vêm possibilitando a emergência da cibercultura, o que, para Lemos e Levy, pode ser entendida como:

o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e

distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social (2010, p. 21-22).

Nesse sentido, as tecnologias digitais vêm possibilitando a emergência de outros modos de se estabelecer relações sociais, de entretenimento, de comunicação, de consumir, de realizar publicidade, entre outros. Além disso, estas vêm produzindo outras maneiras de produção e de disseminação de informação. As tecnologias digitais, na modernidade líquida vêm possibilitando a liberação da palavra, não sendo apenas a mídia massiva a responsável pela produção e disseminação da informação. Assim, os modos de relacionamento, de viver, de produzir informação e de se comunicar são modificados, conforme o momento sociocultural que vivenciamos e as tecnologias presentes neste momento. Para entendermos esse processo, é importante compreender como isso se deu nos últimos séculos.

Foi a partir dos meados do século XIX e início do século XX, mais precisamente entre os anos 1880 e 1900, que começam aparecer novas e diversificadas máquinas relacionadas à comunicação. É nesse momento histórico que começam a emergir tecnologias, como: impressoras a vapor (jornais), o rádio, a televisão, o telefone, o computador, entre outras. O rádio surgiu antes da televisão; foi um meio de comunicação muito utilizado durante a Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, o uso do rádio era controlado pelo governo. Cabe salientar que antes da difusão do rádio, os jornais impressos eram utilizados como meio de divulgação de informações. Apenas depois da Primeira Guerra Mundial, as tecnologias de comunicação, como o rádio e a televisão, difundem-se pela população e, então, começam a emergir as primeiras empresas de telecomunicação.

Nesse momento, ocorre uma verdadeira revolução nos modos de comunicação. O desenvolvimento de tecnologias, como o rádio e a televisão, possibilita a emergência da mídia massiva, que assume um papel central na produção e emissão de informação na sociedade. Chamamos de mídia massiva a mídia que se utiliza de algumas tecnologias para entreter os sujeitos, produzir e construir práticas culturais, disseminar informações etc. para uma determinada massa ou população. Assim, a informação sai de um determinado polo e chega a uma multidão de espectadores/as, que não tem a possibilidade de interagir ou colaborar na produção da informação. “Na estrutura massiva do controle da emissão – a indústria cultural clássica – a informação sai de um polo controlado para as massas (os receptores)” (LEMOS; LEVY, 2010, p. 26).

No século XXI, com o desenvolvimento e democratização da internet e com a emergência de tecnologias ubíquas, como *smartphone*, notebook, *bluetooth*, etc., que permitem mobilidade e conexão instantânea, ocorre uma modificação no modo de produção e

disseminação de informações, na comunicação e nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. De acordo com Lemos (2013):

O que está em jogo nesse começo de século XXI é o surgimento de uma nova fase da sociedade da informação, iniciada com a popularização da internet na década de 80, e radicalizada com o desenvolvimento da computação sem fio, pervasiva e ubíqua, a partir da popularização dos telefones celulares, das redes de acesso à internet sem fio (“Wi-Fi” e “Wi Max”) e das redes caseiras de proximidade com a tecnologia “bluetooth”.

Esse aprimoramento e popularização das tecnologias digitais vai possibilitar uma mudança na forma de produção e emissão das informações, descentralizando da mídia massiva o papel de produzir e disseminar a informação, trazendo mudanças nos modos comunicação.

Essas tecnologias possibilitam uma liberação da expressão, em nossa sociedade, possibilitando que todos os sujeitos possam produzir, tornar-se, distribuir, compartilhar informações. Assim, não são apenas as mídias massivas que produzem informação, agora todos/as podem produzir informações; a comunicação torna-se interativa, colaborativa, instantânea e planetária. Esse novo meio de produção e distribuição da informação é chamado de mídia pós-massiva. Segundo Lemos (2010, p. 68), “esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem do mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para as formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informações”. Nesse sentido, vem ocorrendo um deslocamento nos modos de produção e emissão de informações. Este não ocorre mais de forma hierárquica, em que um polo envia informação para uma multidão de receptores, mas, sim, de forma rizomática, no qual todos podem participar desse processo, “a circulação de informações não obedece à hierarquia das árvores (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos)” (Ibid., p. 68).

Na modernidade líquida, as tecnologias digitais possibilitam que todos nós possamos ter acesso à informação produzida, tanto na mídia massiva, quanto pela mídia pós-massiva, mas principalmente permite que todos/as nós possamos produzir e emitir informações. Além disso, isso permite que nós nos tornemos informação. Hoje, a vida cotidiana, o que os sujeitos fazem ou pensam, constitui-se como informação, quando escancarada nos sites de redes sociais, postadas na internet, enviada via mensagens pelos telefones móveis etc.. Para Moraes e Veiga-Neto (2013). “‘Consumir informação’ e ‘tornar-se informação consumível’ geram situações e experiências que são quase sempre tidas como desejáveis ou, até mesmo, necessárias”.

Desse modo, as tecnologias digitais têm transformado todos os sujeitos em jornalistas cidadãos, já que através destas podemos produzir notícias, narrar acontecimentos, postar vídeos e imagens, sobre tudo o que vem ocorrendo conosco e ao nosso redor. Quando falamos em jornalista cidadão, não estamos falando de um profissional da área, com formação em jornalismo, mas, sim, de pessoas comuns que estão produzindo, compartilhando, consumindo e emitindo informações. “O jornalismo cidadão ganhou força a partir dos últimos adventos tecnológicos como celulares, *palm*s, tablet e câmeras digitais, e a partir da evolução da programação computacional como blogs, microblogs e interfaces como o Twitter, todos em conexão com a Internet” (ÁLVARES, 2013).

Nesse contexto, na vida cotidiana – problemas nos bairros, acidentes que ocorrem, manifestos, passeio realizados, amores correspondidos ou não –, o que os sujeitos vivenciam e sentem acabam se tornando algo transparente, que é postado para uma multidão.

O social torna-se transparente pela gestão tecnocrática, a natureza é lida e traduzida pelos olhos implacáveis, a comunicação torna-se instantânea e planetária na troca sem ruído de informação. Aqui aparece um outro mito supremo da modernidade: a transparências - social, comunicacional, política (LEMOS, 2010, p. 49).

Sendo a sexualidade uma questão sociocultural, esta também vem passando por um processo de se tornar transparente em nossa sociedade. Assim, as relações sexuais, os modos de sentir prazer e os desejos dos sujeitos tornam-se algo a ser visibilizado e escancarado através das tecnologias digitais. Isso vem possibilitando a existência do fenômeno do *sexting*. Na contemporaneidade, qualquer pessoa que esteja equipada com tecnologias digitais pode mostrar seu corpo e sua sexualidade para uma multidão de olhos.

Assim, essas tecnologias (incluindo os vídeos e as fotos) propagam imagens e cenas cotidianas vinculadas à sexualidade. Para André Lemos, o erotismo vem ganhando um espaço de destaque na cibercultura, com a disseminação desenfreada de “*sites* X-pornográfico, (pedofílicos), *chats* eróticos, *webcams* e, em menor grau, a realidade virtual” (2010, p. 161). Mas, para o autor, esses materiais ainda repercutem o que a mídia massiva trazia sobre pornografia. No entanto, Lemos (2010, p. 161) acredita que “o desenvolvimento de tecnologias da realidade virtual vai trazer ainda grandes possibilidades para a emergência de novas práticas da sexualidade no ambiente eletrônico”.

Entendemos que o *sexting* é uma dessas novas práticas vinculadas ao dispositivo sexualidade, que foi oportunizada pelas tecnologias digitais, prevista por Lemos. Na prática

do *sexting*, as tecnologias digitais acabam funcionando como verdadeiras vitrines digitais, que possibilitam que o corpo e a sexualidade sejam expostos como mercadorias.

3.7 *Sexting* como estratégia de *marketing* pessoal: discutindo a sociedade do consumo

Como discutimos, diversos elementos possibilitaram a emergência da modernidade líquida. Dentre estes, podemos destacar a constituição de uma sociedade, em que o consumo assume um ponto central. Se ao longo da modernidade sólida vigorava a sociedade de produtores, na contemporaneidade ocorre uma mudança de ênfase; é a sociedade de consumidores que vem se constituindo.

Ao afirmar que o consumo exerce um papel de destaque na construção da modernidade líquida, não quer dizer que antes disso não existia o consumo; esse esteve presente em outros tempos e momentos, ao longo da história da humanidade. Para Bauman, “o fenômeno do consumo tem raízes tão antigas quanto os seres vivos – e com toda a certeza é parte permanente e integral de todas as formas de vida conhecida a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos” (2008, p. 37). No entanto, o consumo passou por reconfigurações ao longo da história. Essas modificações produziram efeitos em nosso modo de vida, possibilitando a emergência de diversas práticas socioculturais, dentre estas o *sexting*. Nesse contexto, procuramos conhecer as reconfigurações pelas quais nossa sociedade passou e está passando, em relação ao consumo, a fim de compreendermos a constituição de uma sociedade em que tudo vira mercadoria.

Na sociedade dos produtores, a vida dos indivíduos era regulada, com o estabelecimento de regras e normas de condutas que deveriam ser seguidas. E isso não era diferente em relação ao consumo, que também sofria uma série de restrições. Segundo Bauman, na sociedade de produtores,

há um mínimo do que se precisa a fim de manter-se vivo e ser capaz de fazer o que quer que o papel de produtor possa requerer, mas também um máximo com que se pode sonhar, desejar e perseguir, contando com a aprovação social das ambições, sem medo ser desprezado, rejeitado e posto na linha (2001, p. 90).

Durante a modernidade sólida, o consumo não estava vinculado ao desejo e ao prazer, mas estava baseado na satisfação de algumas necessidades do sujeito. Nesse sentido, adquiria-se o que era preciso no momento, para a subsistência e bem estar dos sujeitos. Não se buscavam grandes luxos, pois o querer algo que não era necessário, apenas por desejo,

vaidade ou para aparecer, era considerado pecado. Na sociedade dos produtores, os sujeitos deveriam nivelar seu consumo, ou seja, deveriam ficar entre a linha do mínimo e do máximo, como cita Bauman.

O consumo era realizado com intuito de que os bens adquiridos trariam segurança, conforto, poder e respeito aos sujeitos. Tais objetos deveriam vir com uma promessa de durabilidade, ou seja, os elementos adquiridos tinham que satisfazer as necessidades por um longo prazo. O desejo por consumo não mudava de um dia para outro, e muito menos de uma hora para outra. Assim, os objetos não eram consumidos com objetivo de satisfazer desejos momentâneos. “Na era sólida-moderna da sociedade de produtores, a satisfação parecia de fato residir, acima de tudo, na promessa de segurança a longo prazo, não no desfrute imediato de prazeres” (BAUMAN, 2008, p. 43).

Com essas características, na modernidade sólida, o *marketing* não tinha um papel central na sociedade, não sendo imprescindíveis grandes estratégias de venda, já que se adquiria apenas o que era preciso. O consumo de luxos era repudiado, pois também se pregava a durabilidade dos desejos e dos objetos.

Uma característica bem marcante da sociedade de produtores é a divisão bem delimitada e precisa entre a mercadoria e o consumidor. Nessa época, os sujeitos assumiam a posição de consumidores, os que adquiriam as mercadorias. Os produtos alimentícios, roupas, objetos gerais, móveis, automóveis, entre outros, eram considerados os bens de consumo, não havendo uma inversão na posição do sujeito como um produto a ser vendido ou consumido, ou seja, os indivíduos não eram considerados mercadorias ou bens de consumo, sendo “colocados fora do universo de seus potenciais objetos de consumo” (BAUMAN, 2008, p. 20), ao contrário do que ocorre na sociedade dos consumidores, em que tudo vira mercadoria.

Podemos afirmar que a modernidade líquida trouxe um rompimento em relação ao consumo. Bauman (2008) afirma que passamos por uma “revolução consumista”, pois, se na era dos produtores o consumo era relacionado aos bens necessários para sobrevivência, na contemporaneidade este torna-se central em nossas vidas, sendo inclusive entendido como a finalidade para vivermos. Assim, ocorre um deslocamento da era do consumo para a do consumismo.

A sociedade dos produtores pode ser entendida como a era do consumo. Nessa sociedade, o trabalho ocupava um papel de destaque na vida dos sujeitos, sendo que este trazia satisfação pessoal, orgulho, confiança, rotina, reconhecimento; era o trabalho que ditava os modos, rotinas e padrões de vida dos sujeitos. Desse modo, era o trabalho o foco dessa sociedade, “en síntesis: el trabajo era el principal punto de referencia, alrededor del cual se

planificaban y ordenaban todas las otras actividades de la vida” (BAUMAN, 1998, p. 35). Na sociedade dos produtores, seus membros dedicavam-se à produção, o consumo era algo secundário, que era realizado a fim de satisfazer algumas necessidades e adquirir respeito. Nesse momento, eram os homens que trabalhavam e consumiam; as mulheres, as crianças e homens que estavam fora do mercado de produção (trabalho) não eram considerados consumidores.

Alguns problemas econômicos começam a emergir: a diminuição de pedidos nas fábricas e indústrias, a instabilidade e insegurança dos empregos, a diminuição de mão de obra antiga e qualificada. Esses elementos são causados por falta de interesse dos sujeitos em consumir. Para que as fábricas consigam se reerguer, é necessário vender os produtos produzidos nessas instituições. A partir desse momento, investe-se em incentivos que estimulem os sujeitos a comprar, com intuito de fazer a economia se reanimar, “la esperanza de disipar esos problemas y de que las cosas se reanimen se basa em que los consumidores vuelvan a cumplir con su deber: que outra vez quieran comprar, comprar mucho y comprar más” (BAUMAN, 1998, p. 48). Assim, constitui-se numa sociedade em que somos estimulados a comprar, adquirir bens o tempo todo, a nos tornarmos bens vendáveis. Agora que o ponto central é consumir, forma-se desse modo a sociedade dos consumidores. Esta pode ser entendida como “tendência a situar a preocupação com o consumo no centro de todos os demais focos de interesse e quase sempre como aquilo que distingue o foco último desses interesses” (BAUMAN, 2011a, p. 83).

Segundo Bauman (2008), essa avidez por consumir e a vontade de ter sempre mais pode ser considerada um excesso, que vem proporcionando muito desperdício e muita competição em nossa sociedade, produzindo efeitos culturais, sociais, históricos e econômicos. Para Bauman, “o consumismo também é, por essa razão, uma economia do engano. Ele aposta na irracionalidade dos consumidores, e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas, estimula emoções consumistas e não cultiva a razão” (2008, p. 65).

Nesse viés, o consumo está vinculado à aquisição de bens de necessidade e o consumismo está relacionado à busca desenfreada em adquirir cada vez mais bens e de se tornar uma mercadoria.

É importante destacar que, nessa sociedade que vem se constituindo, não são apenas homens, adultos, de classe média alta que consomem, mas todos estão inseridos nesse mercado: crianças, mulheres, homens de todas as classes sociais. Nesse sentido, na sociedade voltada para o consumo pessoas de todos os gêneros, idades e classe devem se constituir

como consumidores/as ativos/as e ávidos/as. Por isso, Bauman (2008) afirma que, na modernidade líquida, o consumo é entendido como um direito e um dever de todos/as nós.

Na era líquida, o consumo torna-se um atributo da sociedade, algo de que os sujeitos não conseguem escapar. Para o consumismo assumir esse papel chave na sociedade, os sujeitos são orientados a desenvolver uma capacidade de querer, desejar e almejar cada vez mais, as diversas mercadorias que estão postas à venda, constantemente.

O consumismo é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas individuais (BAUMAN, 2008, p. 41).

Pensar sobre o consumismo da contemporaneidade demanda refletir sobre o desejo e a sedução, pois é determinado comportamento ou vontade de adquirir objetos, que levam os sujeitos a consumirem. Na sociedade de consumidores, existe um consumo para sobrevivência, assim como na de produtores, mas o que importa mesmo nessa era é o consumo de novidades, futilidades, vidas, comportamentos, espetacularizações, modas, emoções, felicidades, prazeres, ou seja, o consumo que está vinculado às vontades (CHARLES, 2004; BAUMAN, 2001, 2008, 2011a).

Nesse sentido, na sociedade de consumo não são apenas os bens materiais, tais como eletrodomésticos, roupas e alimentos, que são vendidos e consumidos. Mas também comportamentos, corpos, receitas de vida, modos de viver a sexualidade, entre outros aspectos da vida dos sujeitos, tornam-se produtos vendáveis, que precisam ser promovidos e visualizados a todo o momento através de campanhas de *marketing*, a fim de se tornarem mercadorias interessantes. Nessa sociedade, “somos todos pressionados a consumir mais, e nesse percurso nós mesmos nos tornamos produtos nos mercados de consumo e de trabalho” (BAUMAN, 2011b, p. 65).

Na modernidade líquida, são os/as consumidores/as que vêm passando por uma comodificação. Como todo bem de consumo, os sujeitos devem tornar-se atraentes, visíveis e cobiçados. E, para isso, os sujeitos mercadorias devem se promoverem e tornarem-se um bem desejável, tornando-se assim seus/suas próprios/as agentes de *marketing*. Desse modo, os sujeitos são “ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que

promovem. São simultaneamente, o produto e seus/suas agentes de *marketing*, os bens e seus vendedores” (BAUMAN, 2008, p. 13).

Para tornarem-se uma mercadoria desejada, os sujeitos criam diversas estratégias de *marketing*: aumentam sua qualificação, mostram suas atitudes e seus comportamentos, criam estereótipos de si, cuidam do corpo, escancaram a sua sexualidade etc.. Segundo Bauman, a sociedade do consumo “traduz-se em ‘vendabilidade’: obter qualidades para as quais já existe uma demanda de mercado, ou reciclar as que já possui, transformando-as em mercadorias para as quais a demanda pode continuar sendo criada” (2008, p. 75). Para se tornar objeto de consumo, os sujeitos produzem verdadeiras vitrines de si, com o propósito de atraírem atenção e se constituírem em alvos de interesse alheio.

O *sexting* pode ser entendido como uma estratégia de *marketing*. Assim, fotos sensuais, com corpos nus e seminus postados na internet ou enviados para companheiros, vídeos com relações sexuais, filmados por pessoas alheias, com consentimento dos/as protagonistas, relações sexuais sendo realizadas em espaços públicos, expostas na internet ou enviadas via mensagem para conhecidos/as, mostram o quanto a sexualidade vem sendo utilizada como algo a ser publicizado e escancarado para todos/as, como um modo de chamar a atenção alheia sobre si. Nesse viés, o corpo e a sexualidade tornam-se mercadorias, que precisam de campanhas de *marketing* para serem vendidas. Por esse viés, fotos e vídeos constituem-se como verdadeiras vitrines, em que os/as diversos/as consumidores/as podem ter acesso ao corpo e à sexualidade alheia. Assim, o *sexting* também pode ser entendido como um fenômeno da sociedade dos consumidores, pois, através dessa prática, os sujeitos procuram ser reconhecidos, cobiçados, visíveis e objetos de desejo.

Sendo o desejo o que impulsiona a sociedade dos consumidores, podemos dizer que a modernidade líquida rompe com uma marca da sociedade dos produtores, que é a durabilidade. O desejo é, por si só, algo passageiro e efêmero, que se modifica a todo o momento. Por isso, se a modernidade sólida podia ser considerada a era do longo prazo, a modernidade líquida produz um rompimento e é entendida como a era do curto prazo. Para Bauman, “o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer coisa que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físico ou psíquico) que marcam seu passado” (2001, p. 88).

Nesse sentido, podemos afirmar que na sociedade dos consumidores as vontades, os bens e os desejos mudam constantemente. Os interesses modificam-se a todo o momento; o querer torna-se insaciável e o descarte torna-se algo fácil e cotidiano. Por isso, o consumo é tão voraz, pois a vontade de ter algo transforma-se a cada compra. É a época da

instantaneidade, em que se busca o tempo todo novas mercadorias, novas informações e novos espetáculos.

Nesse sentido, entendemos que o fenômeno do *sexting* está vinculado à instantaneidade, pois, no período em que as fotos e vídeos aparecem, essas situações são extremamente comentadas. No entanto, depois de algum tempo esses vídeos somem da internet e não são mais motivo de interesse dos demais sujeitos, sendo colocados à margem, deixando de ser alvo de discussões. Porém, outros vídeos tornam-se o espetáculo do momento.

Entendemos que o estímulo ao desejo de consumir imagens, de consumir a própria vida dos sujeitos, o desejo de ser visto, reconhecido e comentado, entre outros fatores sociais, culturais e históricos vem proporcionando a emergência do *sexting*. Quando se produzem fotografias e vídeos sexuais e eróticos, os/as protagonistas estão envolvidos com emoções consumistas, e não estão pensando nas consequências que estão por vir; estão se focando apenas no tempo “agorista”.

A competição, a transformação do sujeito em mercadoria, o estabelecimento do tempo “agorista” (curto-prazo), bem como a ênfase na emoção consumista, e não na razão que vem possibilitando a emergência de práticas como a do *sexting*. Prática que tem por finalidade a busca por visibilidade. Nessa prática, é possível observar um afrouxamento de fronteiras entre os âmbitos do público e do privado.

3.8 O deslocamento da esfera privada para a pública

Na sociedade dos consumidores, o *sexting* pode ser entendido como uma estratégia de *marketing*, pois é uma prática em que o corpo e a sexualidade são expostos como mercadorias, por meio das tecnologias digitais, em busca de ser visto. Para ganhar visibilidade, os adolescentes vêm produzindo fotos de corpos nus e seminus e filmagens que mostram relações sexuais, que são apresentadas a determinados sujeitos. Assim, os/as praticantes do *sexting* vêm expondo a sexualidade, a qual durante determinado tempo foi entendida como algo da esfera privada. Nesse sentido, podemos perceber que a nossa sociedade vem passando por um borramento nas fronteiras entre as esferas do público e do privado, o que vem servindo de condição de possibilidade para a emergência do *sexting*.

A distinção entre os domínios público e privado não pode ser entendida como algo que sempre esteve presente em nossa sociedade. Precisamos desconfiar dessas naturalizações e pensar em como essa distinção foi sendo produzido ao longo da história. Para Sibilia, a

“separação entre os âmbitos público e privado da existência é uma invenção histórica e datada, uma convenção que em outras culturas não existe ou se configura de outras formas” (2008, p. 60).

Por esse viés, procuramos conhecer como se constituiu essa separação entre o âmbito público e o privado ao longo da história e como essas esferas vêm se embaralhando na modernidade líquida, possibilitando a emergência de fenômenos que buscam mostrar a si, através da exposição da intimidade/privacidade, como *o sexting*.

Para discutirmos a distinção entre o público e o privado é preciso voltar à Grécia antiga, pois foi lá que esses termos começaram a ser colocados em polos distintos. Para Sibilia (2008, p. 93), a Antiguidade Grega nos possibilita entender como a nossa sociedade foi se constituindo e, nesse sentido, esse período histórico pode ser considerado o “berço da nossa tradição cultural”.

A divisão entre o público e o privado emerge na era clássica, através da constituição de uma vida política, o que, para Hannah Arendt (2010), podia ser considerada uma segunda vida da população desse local, que não tinha mais apenas o lar e a família como centro de seu cotidiano. Na Grécia antiga, a política podia ser entendida como um espaço público de disputa e discussão. Para Santana e Couto, o âmbito público nesse período pode ser considerado como a “esfera das ideias e da disputa pelo reconhecimento, o espaço democrático (de acordo com o conceito de democracia grega) de busca pela excelência entre os cidadãos, isto é, entre os homens livres. É o espaço do comum no cotidiano político da *polis*” (2012, p. 32).

É com a emergência da política que se forma a cidade-Estado. É nesse âmbito que os cidadãos podiam discutir suas ideias e pensamentos. Assim, no espaço público, podiam pensar em alguns fenômenos e tomar algumas decisões. Isso não ocorria de forma violenta; todos os indivíduos que participavam da *polis* estavam em pé de igualdade. Nesse domínio, a ênfase estava no discurso. Esse, sim, era utilizado como meio de persuasão. Desse modo, “ser político, viver em *polis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não com força e violência” (ARENDR, 2010, p. 31).

Já a família e o lar estavam vinculados ao âmbito privado. Era nesse espaço que eram estabelecidas algumas interações e relações de intimidades mais próximas, entre familiares e casais. Atividades econômicas, continuação da espécie, administração domésticas, a sobrevivência, a demonstração de carinho, violência e raiva; na era clássica, eram questões que envolviam as atividades do lar. Por isso, eram consideradas do espaço privado. Segundo Santana e Couto,

O espaço público era valorizado socialmente, o lugar por excelência do masculino, em oposição à esfera do privado, socialmente desvalorizada e território próprio do feminino. Assim, para os gregos, público remete ao coletivo, à sociedade igualitária e viril, e o privado aponta para a particularidade, as desigualdades, as intimidades, as fragilidades femininas, aquém do mundo dos negócios (2012, p. 33).

O espaço público era o lugar em que homens livres debatiam e realizavam discussões sobre suas necessidades individuais e imediatas, como também a previsão das necessidades para as gerações futuras. Assim, muitas questões eram resolvidas através do uso público da palavra (discurso) e da ação. Enquanto o âmbito privado estava centrado em assuntos domésticos, econômicos e familiares; e atrelado à manutenção da vida. Nesse sentido, “a distinção entre as esferas privada e pública da vida corresponde ao domínio da família e da política, que existiram como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-Estado [...]” (ARENDDT, 2010, p. 33).

Cabe salientar que essa relação entre o público e privado só existia para uma determinada camada da sociedade, pois só poderiam participar das discussões sobre política, na antiga cidade-Estado, os homens que tivessem seu próprio lar. Assim, para as mulheres, as crianças e aos homens que não tinham propriedade ou eram escravizados, restava apenas o domínio privado. Estes não tinham direito de expor suas opiniões e nem discutir sobre as preocupações comuns. Nesse contexto, o âmbito privado também era entendido como uma privação de algo, ou seja, os que ficavam presos ao domínio privado não tinham acesso a algumas questões e nem podiam participar de certas discussões. Por isso, não eram considerados “inteiramente humanos” (Ibid., 2010).

Nesse período, participar do âmbito público, ou seja, fazer parte da cidade-Estado, era um forma de expressar suas ideias e tentar convencer os outros de que elas eram válidas. Os homens que participavam da política na era clássica tinham como propósito tornarem-se imortais, ou seja, desejavam não ser esquecidos pelo povo. Esses homens preocupavam-se com questões de ordem comum e não com questões da vida cotidiana. Essas eram por eles consideradas como fúteis. A “*pólis* era para os gregos, como a *res publica* para os romanos, antes de tudo sua garantia contra futilidade da vida individual, o espaço protegido contra essa futilidade e reservado à relativa permanência dos mortais, se não à sua imortalidade” (ARENDDT, 2010, p. 68).

De acordo com Santana e Couto (2012), essa distinção entre o âmbito público e privado segue por alguns séculos. No entanto, ela passa por algumas reconfigurações, que

foram proporcionadas devido a alguns fatores históricos e culturais. Dentre elas, podemos destacar a eclosão do domínio social.

Na era clássica, a vida privada era constituída pelo lar; a vida política era do âmbito público, mas não se falava sobre uma esfera social. Esta não aparecia nessa época. A “eclosão da esfera social, que estritamente não era nem privada nem pública, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com a eclosão da era moderna e que encontrou sua forma política no estado-nação” (ARENDDT, 2010, p. 33). Com a emergência da vida social, a política deixa de ser considerada a vida pública e torna-se uma função da sociedade, em que “a ação, o discurso e o pensamento são, fundamentalmente, superestruturas assentadas no interesse social” (Ibid., p. 39). Assim, a distinção das esferas privada e pública passa por uma reestruturação, sendo a primeira vinculada à intimidade e a segunda à constituição da sociedade, que está envolvida com aspectos políticos, econômicos, sociais, científicos etc..

Cabe salientar que, ao longo da Idade Média, a distinção entre espaço público e privado também se fazia presente. Porém, de um modo mais atenuado, pois nesse momento era o poder da religião e do feudalismo que estava gerindo a sociedade. Assim, era o clero e os senhores feudais os responsáveis por organizar a vida de sua comunidade.

Com o feudalismo, verifica-se a absorção da esfera privada dos vilãos e dos servos da gleba pelo senhor feudal que centraliza o poder na esfera pública do feudo (que incluía o castelo, a vila e as propriedades dos vilãos). O senhor feudal administrava a justiça aplicando as leis na esfera privada e na esfera pública (ANTUNES, 2013).

Não cabia aos indivíduos da sociedade a organização e gerenciamento de sua vida, mas cabia à religião e ao senhor feudal instituírem leis que deveriam ser seguidas pela comunidade. Assim, esse período não traz muitas contribuições na distinção entre o público e o privado.

É na consolidação da sociedade burguesa, na era industrial, que a distinção entre esses dois domínios torna-se mais acirrada. É nesse momento que a ideia de intimidade constitui-se como algo importante em nossas vidas. Para Sibília, a distinção entre o âmbito público e privado é bastante recente,

a esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa dos séculos XVIII e XIX, ecoando o desenvolvimento das sociedades industriais modernas e do modo de vida urbano. Foi precisamente nessa época que um certo espaço de refúgio para o indivíduo e a família nuclear começou a ser criado, no seio do mundo burguês, fornecendo a esses novos sujeitos aquilo que tanto almejavam: um território a salvo das exigências e dos perigos do meio

público, aquele espaço “exterior” que começava a ganhar um tom cada vez mais ameaçador (2008, p. 60).

Esse território, em que os sujeitos poderiam fugir do meio público, começa a se tornar mais presente e acessível a todos. Isso ocorre devido ao desenvolvimento das indústrias modernas. Segundo Eulálio (2010), as indústrias quando instaladas em um determinado ambiente, começam a construir moradias, parques, escolas, igrejas, bibliotecas etc.. Isso acaba gerando um determinado tipo de organização social, que separa os espaços em de duas categorias: público e privado.

As casas em que as famílias moravam eram entendidas como lugares em que os sujeitos podiam desenvolver e resguardar seu eu e onde transcorria a sua intimidade. Já o âmbito público – praças, indústrias, teatros, bibliotecas etc. –, era considerado o espaço de encontros, de sociabilidade, de trabalho etc.. Nesse contexto, existiam demarcações de espaços: trabalho, política, economia e cultura tornam-se algo do espaço público e as questões relacionadas ao *eu* pessoal constituem-se como privado.

É nesse momento que os quartos individuais ou privados tornam-se presentes e indispensáveis nas moradias. Estes passam a ser entendidos como espaços reservados e íntimos, assim como lugares de pensar e escrever sobre si. “Apenas entre quatro paredes próprias era possível desdobrar um conjunto de prazeres até então inéditos e agora vitais, ao resguardo dos olhos intrusos e sob o império austero do decoro burguês” (SIBILIA, 2008, p. 63). Nesse contexto, a sociedade burguesa, da era industrial, pode ser entendida como o berço da intimidade, pois é nesse momento que esse termo emerge e assume um papel de destaque em nossa sociedade.

Na modernidade, as fronteiras entre o público e o privado eram bem demarcadas; tornaram-se inclusive conceitos opostos, que possuíam limites rígidos que não permitiam violações, ou seja, não havia possibilidades de um embaralhamento entre esses conceitos (BAUMAN, 2011a).

O âmbito público estava vinculado à vida em sociedade, ao trabalho, às conversas com os conhecidos. Ou seja, trata-se tudo o que podia ser falado, visto e ouvido fora do lar, para quem quisesse presenciar. Nesse âmbito, deveriam ficar de fora questões relacionadas ao corpo, à sexualidade, aos sentimentos, às emoções, às necessidades vitais dos seres humanos etc. (SIBILIA, 2008; BAUMAN, 2011a).

No entanto, o âmbito privado era o ambiente em se podia estar à vontade, ser verdadeiro, sentir emoções – medos, angústias, felicidade, prazer etc.; era o espaço em que se cuidavam das necessidades vitais. Era nesse espaço que os sujeitos poderiam ser eles mesmos,

tirar as máscaras; isto é, no lado de dentro do lar, podia-se ser “‘vivo e patético’ à vontade” (SIBILIA, 2008, p. 63). Esse âmbito também era reservado às preocupações com os processos vitais, com o cuidado com o corpo e com as questões relacionadas à sexualidade. Apenas dentro do quarto privado era possível pensar nos desejos e prazeres corporais e pessoais. De acordo com Hannan Arendt,

A distinção entre os domínios público e privado, concebida mais do ponto de vista da privatividade que do corpo político, equivale à distinção entre o que deve ser exibido e o que deve ser ocultado. Somente a era moderna, em sua rebelião contra a sociedade descobriu quão rico e variado pode ser o domínio do oculto nas condições da intimidade, mas é impressionante que, desde os primórdios da história até o nosso tempo, o que precisou ser escondido na privatividade tenha sempre a parte corporal da existência humana, tudo que é ligado à necessidade do processo vital e que antes da era moderna, abrangia todas as atividades a serviço da subsistência do indivíduo e da sobrevivência da espécie (2010, p. 88-89).

Assim, parece que os aspectos relacionados, à intimidade dos sujeitos, como o corpo e à sexualidade, estiveram reservados ao âmbito privado ao longo da modernidade sólida. Na mesma, esses assuntos só eram tratados, discutidos e partilhados em segredos, com o máximo de cuidado e discrição possível, para que ninguém tomasse conhecimento de como, onde e quando se passavam essas questões dentro de suas casas. Existia todo um cuidado para que os temas relacionados ao corpo e à sexualidade não extrapolassem os muros do lar para o âmbito público.

Na modernidade líquida, as questões relativas a esse par (público/privado) passam por diluições e extravasam as fronteiras. É nesse contexto que a prática do *sexting* torna-se possível. Com esses limites mais brandos, os sujeitos permitem-se expor e escancarar algo que foi sendo estabelecido como da vida íntima e privada, como os corpos e as sexualidades.

Desse modo, através da prática do *sexting*, podemos perceber que a esfera privada vem invadindo o domínio público e isso vem produzindo uma reconfiguração no entendimento sobre essa díade, tornando o âmbito público um verdadeiro palco, em que as vidas privadas são expostas e apresentadas para quem quiser ver. Para Bauman,

O que parece estar em jogo é uma redefinição da esfera pública como um palco em que dramas privados são encenados, publicamente expostos e publicamente assistidos. A definição corrente de ‘interesse público’, promovida pela mídia e amplamente aceita por quase todos os setores, é o dever de encenar tais dramas em público e o direito do público de assistir à encenação (2001, p. 83).

Assim, podemos perceber que vem se constituindo, em nossa sociedade, uma vontade de mostrar a vida íntima e privada, no âmbito público. Dessa forma, os espaços públicos acabam sendo colonizados pelas questões privadas, o que não significa que as questões de âmbito privado tornem-se questões pública. A prática do *sexting*, coloca os corpos e as sexualidades, questões constituídas como de âmbito privado, em exposição pública, promovendo uma redefinição da esfera pública. No entanto, essas questões não deixam de serem entendidas como privadas. Para Bauman “os problemas privados não se tornam questões públicas pelo fato de serem ventilados em público; mesmo sob o olhar público não deixam de ser privados, e o que parece resultar de sua transferência para a cena pública é a expulsão de todos os outros problemas “não-privado” da agenda pública” (2001, p. 83) .

Essa reconfiguração do espaço público, como um espaço legitimado para a discussão e exibição de questões privadas, ocorre devido a uma proliferação de espectadores/as, que esperam ávidos para conhecer a vida alheia. É por isso que fenômeno como o do *sexting* vem se tornando algo publicável e discutido, pois existe uma vontade de saber e conhecer a intimidade dos sujeitos.

Esse afrouxamento de fronteiras entre o domínio público e privado vem ocorrendo devido a algumas reconfigurações que a sociedade vem passando, tais como: a exaltação da sociedade dos consumidores, em que tudo, inclusive o sujeito vira mercadoria; o desenvolvimento e democratização das tecnologias digitais, que acabam influenciando na mídia massiva e possibilitando a emergência da mídia pós-massiva; a necessidade de se tornar aparente, marca da sociedade do espetáculo entre outros fatores. Para Bauman, essa mudança em relação à disposição do público foi produzida através do “impacto debilitante dos meios de comunicação de massa, por uma conspiração dos anunciantes, pela sedutora atração da sociedade do consumo ou pelos efeitos soporíferos da sociedade do espetáculo e do entretenimento” (2001, p. 191).

Todos esses fatores possibilitaram o enfraquecimento das barreiras entre os domínios público e privado, o desenvolvimento das tecnologias digitais – câmera fotográfica, celulares “tele-tudo”, computadores – e a *web 2.0* possibilitaram que os sujeitos possam divulgar e expor suas vidas e que os outros sujeitos tenham acesso a essa vida narrada. Assim, ocorre uma expansão do campo de visibilidade (SIBILIA, 2008).

Na era clássica, os sujeitos participavam da vida pública com o intuito de tornarem-se imortais, ou seja, de ser lembrado, mesmo depois da morte, por suas ideias e ideais. Na modernidade líquida, expõe-se a vida íntima com intuito de chamar a atenção, querendo, sim,

constituir-se em uma celebridade, ainda que por breves instantes (ou breves momentos). Essa necessidade de tornar-se visível é o legado da sociedade do espetáculo.

3.9 Da invisibilidade à visibilidade das pessoas comuns

Como discutimos anteriormente, o *sexting* pode ser entendido como um efeito do afrouxamento das barreiras entre o público e privado, da constituição da sociedade dos consumidores e do deslocamento da sociedade disciplinar para a de controle. No entanto, não são apenas esses aspectos socioculturais que possibilitam a existência desse fenômeno, o *sexting* também está vinculado à constituição da sociedade do espetáculo contemporânea.

Essa sociedade caracteriza-se pela constituição de uma ênfase na imagem, ou quando a “própria imagem se cotidianiza, tornando-se elemento constitutivo de nosso dia-a-dia” (ROCHA; CASTRO, 2009). Esse enfoque na imagem vem desenvolvendo uma cultura do visual, em que tudo deve ser escancarado aos olhos de todos. Assim, tornar-se visível é, hoje, uma condição de existência em nossa sociedade.

Nesse sentido, o *sexting* pode ser considerado como uma faceta da sociedade do espetáculo, pois os/as praticantes deste utilizam suas imagens – fotos de corpos nus e seminus sensualizadas e vídeos que têm como conteúdo relações sexuais –, com o propósito de produzir espetáculo de si, a fim de ganhar visibilidade.

É importante salientar que a cultura do espetáculo não surge na atual conjuntura; ela se apresenta em nossa sociedade desde a era clássica, em que eram produzidos espetáculos dramáticos, batalhas e guerras, construção de monumentos, entre outros, que tinham como objetivo entreter a sociedade. Douglas Kellner (2012), chama atenção para o fato de que os espetáculos vêm fazendo parte da constituição da sociedade, ao longo do tempo:

Nos primórdios da era moderna, Maquiavel aconselhou seu príncipe sobre o uso produtivo do espetáculo para o governo e o controle da sociedade, e os imperadores e reis dos estados modernos cultivaram os espetáculos como parte de seus rituais de governo e poder. O entretenimento popular naturalmente teve suas raízes no espetáculo, enquanto a guerra, a religião, os esportes e outros aspectos da vida pública se tornaram terrenos férteis para a propagação do espetáculo por muitos séculos. Agora, com o desenvolvimento de novas mídias e da tecnologia da informação, os tecnoespetáculos têm, decisivamente, determinado os perfis e as trajetórias das sociedades e culturas contemporâneas, pelo menos nos países capitalistas avançados, ao mesmo tempo em que o espetáculo também se torna um fato marcante da globalização.

Assim, ao longo da história da humanidade, podemos perceber que vem ocorrendo alguns deslocamentos e reconfigurações, nos propósitos e nos modos de realizar espetáculos. Na era clássica, medieval e ao longo da modernidade, os espetáculos eram montados e produzidos por pessoas específicas, como guerreiros, poetas, escultores, reis, artistas, esportistas, músicos, governantes etc., e tinham como propósito o entretenimento e governando da população. Cabe salientar que a mídia massiva teve um papel de destaque na produção de espetáculo, pois ajudaram na produção de celebridades e no desenvolvimento da sociedade do consumo, funcionando como vitrines, que tinham como propósito visibilizar certos produtos ou sujeitos. Ao longo da modernidade líquida, com as novas tecnologias digitais, todos nós podemos produzir e espetacularizar; o propósito é aparecer.

Mesmo havendo vários espetáculos ao longo da constituição da sociedade, foi só a partir do século XX que a sociedade do espetáculo foi teorizada. Isso foi realizado por Guy Debord, em seu livro intitulado “A sociedade do espetáculo”, que foi publicado pela primeira vez em 1967. O autor conceitua essa sociedade como o

resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação e propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário – o consumo (2012).

Assim, o espetáculo pode ser entendido como um reflexo de um momento histórico e social, em que a economia adquire um papel de destaque em nossa sociedade. Isso ocorre devido à expansão da produção industrial, da superprodução de mercadorias e da necessidade de vendê-las. Por esse viés, constitui-se numa sociedade voltada para o consumo, em que tudo gira em torno da produção, publicização, venda de mercadoria e a aparência adquire um papel de destaque na vida dos sujeitos. Para Debord,

a primeira fase da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, de forma que todo o ter efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última (2012).

Nesse momento, não basta apenas ser alguém, possuir algum bem material, ser de um determinado modo, se isso não for visível. Na sociedade do espetáculo, tudo deve ser mostrado, pois vivemos permeados em uma cultura do visual, em que o importante é aparecer, já que apenas o que é bom é aparece. Desse modo, percebemos que vivenciamos um momento que está focado na afirmação da aparência, pois o “conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral”. Nesse enfoque na aparência, o que ocorre é a proliferação e acumulação espetáculos na vida em sociedade, assim “tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (DEBORD, 2012).

Em “A sociedade do espetáculo”, Debord faz questão de frisar que sua obra é uma crítica à sociedade do espetáculo, pois ele entende que é o capitalismo e a cultura do consumo que fazem esta emergir. Assim, para Debord o “espetáculo é pensado como um mecanismo de passividade e alienação” (ROCHA; CASTRO, 2009, p. 50), que, para ele, determinam o que os sujeitos devem ou não ser e fazer, ou seja, esse tipo de lógica é usada como forma de manipular a sociedade.

Debord (2012) contribui para esse estudo para compreendermos a constituição de uma sociedade voltada para as aparências. Ele nos possibilita entender a emergência desse fenômeno, que acaba por se espalhar em nossa sociedade, deixando de ser algo apenas vinculado à indústria, empresas, estado e da mídia, para fazer parte da vida de todos os sujeitos.

Essa busca por aparência, conforme descreve Debord, vem se multiplicando e se espalhando em nossa sociedade, o que faz com que ocorra uma propagação de espetáculos. A multiplicação de espetáculos vem produzindo efeitos em diversos setores e instância de nossa sociedade. Para Kellner, “nas últimas décadas, a indústria cultural possibilitou a multiplicação dos espetáculos por meio de novos espaços e sites, e o próprio espetáculo está se tornando um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana” (2012).

O espetáculo pode ser entendido como a transformação da vida – objetos, sujeitos, acontecimentos, paisagens etc. – em imagens, que são utilizadas como mediadoras de relação sociais entre os sujeitos. Além disso, o espetáculo pode ser entendido como um “meio de divulgação, reprodução, circulação e venda de mercadorias” (KELLNER, 2012), pois as imagens são utilizadas como mercadorias a serem vendidas, para tanto são expostas em vitrines. Segundo Rocha e Castro (2009, p. 55), vivenciamos um momento em que “mais do

que excesso ou pura e simples obscenidade das imagens”, o que vem ocorrendo é a “inserção original das imagens na malha cultural e nas interações sociais contemporâneas, através da qual se efetiva o consumo de imagens/sensações e de imagens/estilos-de-vida” (Ibid., p. 55).

Nesse contexto, vemos emergir uma sociedade que está baseada na cultura da visibilidade, em que tudo deve ser mostrado e escancarado para todos, com o propósito de ser visto e reconhecido na sociedade. Tornar-se visível é um dos troféus mais cobiçados na sociedade do espetáculo (SIBILIA, 2008).

Nesse tipo de cultura, só existe quem aparece; tornar-se visível pode ser entendido como um atestado de existência (ROCHA; CASTRO, 2009). Para tanto, os sujeitos transformam seus corpos, sexualidades, comportamentos, decisões, ou seja, suas vidas íntimas e cotidianas, em espetáculos ficcionalizados. Para Sibilía, os sujeitos contemporâneos adaptam

os principais eventos de suas vidas às exigências da câmera, seja de vídeo ou de fotografia, mesmo que o aparelho concreto não esteja presente – inclusive poderia adicionar um observador mordaz, porque nunca se sabe se você está sendo filmado. Assim, a espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, com todo um arsenal de técnicas de estabilização das experiências de vida e da própria personalidade para “ficar bem na foto” (2008, p. 50).

Nesse contexto, se antigamente apenas alguns sujeitos podiam se tornar celebridade, na modernidade líquida todos nós podemos nos tornar a personalidade do momento. Isso é possível devido ao aperfeiçoamento e democratização das tecnologias digitais.

Telefones celulares, computadores, câmeras fotográficas, sites de redes sociais, internet, entre outros, servem como vitrines, que contribuem para a espetacularização do eu.

As telas – sejam do computador, da televisão, do celular, da câmera de fotos ou da mídia que for – expandem o campo de visibilidade, esse espaço onde cada um pode se construir como uma subjetividade alterdirigida. A profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exhibir diante dos olhos alheios e, desse modo, tornar-se um *eu* visível (SIBILIA, 2008, p. 111).

A sociedade do espetáculo não está relacionada apenas à necessidade de aparecer dos indivíduos, mas está vinculada também à vontade de saber, pois, nessa cultura da visibilidade, existe uma crescente necessidade de conhecer a vida alheia. Assim, podemos dizer que a sociedade do espetáculo também pode ser a sociedade dos espectadores, que esperam ávidos por informações sobre a vida cotidiana e íntima do outro.

Nessa vontade de aparecer, os sujeitos expõem sua vida íntima nas mídias, assim algumas questões como a sexualidade, o erotismo, o corpo, entre outros, passam a ser usadas como forma de ganhar visibilidade. Isso está se tornando possível, pois nossa sociedade vem passando por um afrouxamento entre as esferas do público e do privado.

Para Douglas Kellner, o erotismo e a sexualidade tornam-se verdadeiros elementos atrativos e de destaque na sociedade do espetáculo. Para o autor, essas questões estão sendo cada vez mais usadas pela mídia, como forma de publicidade. Para Kellner,

O erotismo tem frequentemente invadido os espetáculos da cultura ocidental e é apresentado tanto nos filmes hollywoodianos como em outras formas populares como a burlesca, o vaudeville e a pornografia. Um dos grandes atrativos da publicidade, a sexualidade erotizada é usada para vender todo tipo de produto. O espetáculo do sexo é também um dos elementos da cultura da mídia, permeando todas as formas culturais e criando seus próprios gêneros na pornografia, uma das principais e maiores áreas do espetáculo (2012).

No entanto, não são apenas os filmes, agências de propaganda, músicas, ou seja, a mídia massiva, que tem apelado para o erotismo e a sexualidade, como forma de chamar atenção ou de aparecer. As pessoas comuns e anônimas também vêm se apropriando da sexualidade e do erotismo, para ganhar visibilidade. É nesse viés que práticas como a do *sexting*, que emergem em nossa sociedade, apresentando fotos de corpos nus e seminus e vídeos que mostram relações sexuais, podem ser consideradas espetáculos íntimos, que são realizados com intuito de ganhar fama e tornar os sujeitos as celebridades do momento. Nesse sentido, a sexualidade passa a ser considerada uma mercadoria, que está inserida na lógica do consumo, pois os sujeitos expõem sua sexualidade, a fim de conquistar o sucesso. Em troca disso, os espectadores podem consumir a vida alheia.

3.10 Discutindo a emergência do *sexting*

Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de “atualidade” (DELEUZE, 1992, p. 109).

Ao discutir sobre o que vem possibilitando a emergência do *sexting*, não procuramos buscar uma origem dessa prática. Em vez disso, tivemos como propósito entender o que torna

visível e enunciável esse fenômeno. Nesse sentido, ao realizar essas discussões, procuramos, nesta pesquisa, “pegar as coisas” onde estas crescem, como nos incentiva Deleuze.

Ao discutirmos os deslocamentos que vêm ocorrendo em nossa sociedade, evidenciamos que o *sexting* só se torna possível de acontecer na contemporaneidade devido a algumas condições sociais, culturais, econômicas e históricas. É o deslocamento da modernidade sólida para a líquida que torna possível a emergência desse fenômeno, que pode ser entendido como uma novidade ou atualidade do dispositivo da sexualidade.

A modernidade sólida é marcada por regras rígidas que deveriam ser seguidas pelos sujeitos, para que a sociedade funcionasse dentro de um certo padrão. Para tanto, os sujeitos eram submetidos a estratégias de disciplinamento. As práticas disciplinares eram aplicadas diretamente no corpo dos indivíduos de forma minuciosa, a fim de torná-los dóceis e úteis. Confinamentos em instâncias como a família, escola, fábrica etc., vigilância hierárquica, realizada por sujeitos específicos (pais, professores, instrutores etc.) e por meio de punições (castigos, humilhações, advertências etc.), foram algumas estratégias utilizadas para manter a sociedade funcionando dentro de uma ordem.

Tais estratégias eram utilizadas para produzir sujeitos disciplinados, que atuassem de forma produtiva nas instituições como escola, fábrica e exército. Aquela era também chamada de sociedade dos produtores, pois o trabalho era entendido como algo central na vida dos sujeitos. Era ele quem trazia satisfação e reconhecimento aos sujeitos. Nessa sociedade, os sujeitos estavam preocupados com a produção, que se dava por meio do trabalho; estes não eram seduzidos ao consumo. Assim, o consumo estava relacionado apenas com bens necessários para suas vidas. O *marketing* não era algo enfatizado e destacado nesse momento. Os sujeitos eram aqueles que consumiam os bens. Como estes eram duráveis, o consumo era menos frequente e não estava envolvido com seduções. Na modernidade sólida, as condutas eram monótonas e rotineiras; e a distinção entre o âmbito público e privado era acirrada. Assim, na esfera pública os sujeitos socializavam-se, discutiam sobre economia e política, enquanto que, no âmbito privado, reservavam-se às questões relacionadas à intimidade, como a sexualidade, por exemplo. Cabe salientar que, ao longo da modernidade sólida, as tecnologias digitais não se faziam presentes. Esse tempo era marcado pelas máquinas energéticas.

A modernidade sólida, por apresentar tais características, não possibilitava a exposição da sexualidade. Esta era entendida como algo que deveria ser reservado à intimidade e à privacidade. Por isso, práticas como a do *sexting* não encontrariam condições de emergência nesse tipo de sociedade. Nem as tecnologias digitais, que possibilitam a produção e

disseminação das fotos e vídeos de cunho sexual, faziam-se presentes naquela época.

Assim, as tecnologias digitais podem ser entendidas como clarões ou regimes de luz que possibilitam que os/as adolescentes produzam fotos e vídeos de conotação sensual/sexual/erótica e compartilhem-nas com quem quiserem. Assim, as tecnologias digitais podem ser entendidas como linhas de visibilidade para a prática do *sexting*. No entanto, não são apenas as tecnologias digitais que possibilitam que o *sexting* aparecesse e fosse enunciável em nossa sociedade. Modificações culturais, sociais, econômicas, políticas e históricas vêm contribuindo para que ocorra um deslocamento da modernidade sólida para a modernidade líquida.

A modernidade líquida pode ser entendida como um tempo marcado pela maleabilidade e pela instantaneidade. Nesse sentido, as regras rígidas da modernidade sólida tornam-se mais flexíveis. As instituições e os sujeitos que estavam envolvidos no disciplinamento dos corpos deixam de ser os principais produtores e reguladores da vida dos sujeitos. No entanto, isso não quer dizer que os sujeitos não passam por procedimentos de controle. Na modernidade tardia, a obediência aos padrões adquiridos ocorre por meio da sedução, por meio da qual os sujeitos são envolvidos e regulados pelas práticas de consumo.

Na modernidade sólida, as indústrias passaram por momentos de crise. Com isso, percebeu-se que era necessário estimular o consumo de bens. Então, começa-se a pensar/criar estratégias que visassem estimular os sujeitos à compra.

O *marketing* pode ser entendido como uma dessas estratégias, que se potencializa ao longo da modernidade líquida, a fim de estimular os sujeitos a tornarem-se consumidores. Assim, o *marketing* pode ser entendido como um instrumento de sedução, pois este produz as mercadorias como algo a ser desejado. Tantos incentivos para consumir contribuem para a constituição de uma sociedade voltada para o consumo. Não são apenas alimentos e objetos que são consumidos, mas os próprios sujeitos tornam-se mercadorias vendáveis. Como toda a mercadoria, os sujeitos também devem se constituir como algo atraente e desejado, pois só assim os sujeitos atraem o olhar do outro. Para conseguirem esse tão sonhado reconhecimento do outro, os sujeitos produzem verdadeiros shows do eu, ou espetáculos de sua intimidade, a fim de se tornarem visíveis. Aqui, evidenciamos a relação sociedade espetáculo e sociedade do consumo. É necessário expor ou colocar em uma vitrine algo que seja atraente; ou seja, torna-se um objeto a ser contemplado, para que esse sujeito seja reconhecido pelo outro. Nesse viés, aparecer torna-se uma condição de existência para os sujeitos, ao longo da modernidade líquida.

No entanto, para aparecer, é necessário que existam sujeitos interessados em contemplar a vida alheia. Assim, tanto a sociedade do espetáculo quanto a sociedade do consumidor exigem o olhar do outro para a sua sustentação. Ninguém visibiliza a sua intimidade se não houver a copresença de um espectador/consumidor, que espera ávido para conhecer a vida íntima dos sujeitos. Para Bauman, vivemos em um mundo em que

muitos observam poucos. Os poucos que são observados são as celebridades. Podem ser do mundo da política, do esporte, da ciência, do espetáculo ou apenas especialistas em informação famosos. De onde que venham, no entanto, todas as celebridades exibidas colocam em exibição o mundo das celebridades – um mundo cuja principal característica é precisamente a condição de ser observado... por muitos e em todos os cantos do globo, se ser global na sua qualidade de ser observado (1999, p. 61).

Nesse viés, a modernidade líquida também é marcada pelo vício em conhecer/assistir/comprar a vida alheia. Os sujeitos esperam ansiosos/as para ser seduzidos/as pelo espetáculo por eles produzido, buscando o reconhecimento do outro. Assim, evidenciamos que estes não são mais regulados apenas por instâncias disciplinadoras. Agora, o controle dos sujeitos é realizado por uma multidão. É a sociedade do controle, que começa a se instalar ao longo da modernidade líquida. Esse tipo de sociedade é marcado pelas máquinas cibernéticas, que são utilizadas para produção de informações e de registros sobre os sujeitos. É por meio destas que os sujeitos são regulados. Assim, ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais possibilitam a visibilização do eu, estas também servem como meios reguladores dos sujeitos.

Nessa necessidade de afirmação da aparência, por meio de espetáculos da vida real ficcionalizada, podemos evidenciar que vem ocorrendo um afrouxamento entre as barreiras entre o âmbito público e o privado. Assim, questões que, durante a modernidade sólida, foram entendidas como da esfera íntima e privada passam, agora, a transitar no espaço público. Bauman (1999) discute que as questões privadas na contemporaneidade ocupam os espaços construídos como públicos. Assim, esses espaços servem de palcos para os espetáculos da vida privada, o que não significa que as questões privadas constituam-se como de âmbito público. Nesse sentido, a sexualidade continua sendo entendida como de âmbito privado, porém é exposta, discutida e acompanhada em público, como evidenciamos na prática do *sexting*.

Tais características da modernidade líquida criaram condições de possibilidade para a emergência do *sexting*. Entendemos esse fenômeno como uma estratégia de *marketing* e de

sedução, em que o corpo e a sexualidade, questões entendidas e vivenciadas como de âmbito privado ao longo da modernidade, tornam-se mercadorias que são expostas em vitrines virtuais (celulares, internet, sites de redes sociais etc.), a fim de serem contemplados por um determinado sujeito ou por uma multidão. Assim, o *sexting* pode ser entendido como um espetáculo da vida privada, em palcos públicos, em que olhar do outro é uma condição. São esses múltiplos olhares que acompanham os/as praticantes do *sexting*, que também acabam regulando e controlando esses mesmos sujeitos. Assim, é possível perceber que, ao mesmo tempo, as tecnologias são utilizadas para a produção dos materiais de conotação sexual. São essas mesmas tecnologias que acabam regulando esses sujeitos, pois é por meio destas que as instâncias disciplinares (família, escola, delegacias etc.) tomam conhecimento do comportamento desses/as adolescentes. Ao tomar conhecimentos dos casos, essas instâncias disciplinares acabam aplicando práticas disciplinares, a fim de normalizarem os sujeitos. Isso dá-nos indícios de que ainda vivemos um momento de transição entre a modernidade sólida e a líquida.

Nesse contexto, as articulações entre esses acontecimentos que vêm ocorrendo em nossa sociedade possibilitam a emergência de fenômenos como o do *sexting*, os quais colocam em evidência a sexualidade dos sujeitos. Tais acontecimentos possibilitam que, hoje, a exposição da sexualidade seja possível de ser realizada por meio das tecnologias digitais, que podem ser consideradas palcos que possibilitam a espetacularização da intimidade. Assim, esse emaranhado de fatores culturais, sociais, históricos, econômicos, entre outros, atuam na fabricação de uma tecnologia de dar visibilidade e enunciabilidade à sexualidade na contemporaneidade.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, é importante narrarmos os caminhos percorridos para pensarmos como esta pesquisa foi sendo construída.

Dedicar-se à pesquisa social é compreender de forma complexa e aprofundada os fenômenos e os discursos que estão presentes em nossa sociedade, que só emergem devido a algumas condições de possibilidades, construídas através de contextos culturais, sociais, econômicos, históricos etc.. Bauman discute que poetas e cientistas sociais não devem prender-se às “verdades óbvias” e explicações do senso comum, que flutuam em nossa sociedade. Para ele, isso seria papel dos falsos poetas e sociólogos. Segundo o autor:

Se não quisermos partilhar do destino dos “falsos poetas” e não quisermos ser “falsos sociólogos”, devemos nos aproximar tanto quanto os verdadeiros poetas das possibilidades humanas ainda ocultas; e por essa razão devemos perfurar as muralhas do óbvio e do evidente, da moda ideológica do dia cuja trivialidade é tomada como prova de seu sentido. Demolir tais muralhas é vocação tanto do sociólogo quanto do poeta, e pela mesma razão: o emparedamento das possibilidades desvirtua o potencial humano ao mesmo tempo em que obstrui a revelação de seu blefe (2001, p. 232).

Nesse sentido, ao realizarmos a pesquisa sobre o *sexting*, procuramos fugir de explicações de senso comum, dadas e superficiais, buscando problematizar as “verdades” ditas e reditas sobre *sexting* em nossa sociedade. Além disso, buscamos conhecer de forma aprofundada as condições de emergência desse fenômeno, que emerge ao longo do século XXI, conforme sugerem as pesquisas sociais.

Halavais (2012) discute que as pesquisas sociais são dificultosas, pois são poucos os métodos que permitem a observação, do objeto a ser investigado, em larga escala. Assim, os estudos das relações, interações e conexões sociais, em nível macro, tornam-se complicados, sendo possível apenas pesquisas em nível micro.

Essa dificuldade de realizar investigações sobre as relações e práticas sociais acaba sendo atenuada com o advento das novas tecnologias digitais e de complexos tecnológicos, como a internet. Halavais (2012) e Fragoso, Recuero e Amaral (2012) afirmam que a internet pode ser considerada um “presente” para as investigações sociais, pois possibilita que o pesquisador tenha acesso a um excesso de informações, registros e interações sociais. “O cientista social de hoje se encontra diante de uma oportunidade magnífica. A internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta” (HALAVAI, 2012, p. 11).

A internet possibilita a existência de novas práticas sociais, a produção de uma imensa quantidade de informações, bem como o registro das experiências cotidianas vivenciadas pelos sujeitos e/ou ocorridas em nossa sociedade, o que possibilita que os/as cientistas sociais tenham acesso a uma ampla quantidade de dados sobre as questões sociais, podendo, assim, visualizar e compreender as diversas complexidades e formações da vida social. “A riqueza da internet como campo e ferramenta de pesquisa é em grande parte derivada do fato de que tantas informações e registros sobre a vida social estão disponíveis online” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 22).

As investigações sobre a internet, em países anglo-saxões, emergem a partir dos anos 1990. No início, as pesquisas estavam enfocadas no modismo sobre a emergência desta, no binarismo do real *versus* virtual, entre outros. Nesse momento, a internet passa a ser entendida como um campo de estudos. Nos finais dos anos 1990, mais precisamente a partir de 1998, as pesquisas na internet são ampliadas e os/as cientistas sociais “começam a utilizar a sistemática da documentação para coleta e observação tanto dos usuários como dos tipos de usos e práticas sociais” (Ibid., p. 37). Apenas nos anos 2000 é que ocorre um enfoque e abordagens sobre questões teóricas e metodológicas.

No entanto, no Brasil, a internet só começa a ser usada como objeto e campo de pesquisa, a partir de meados dos anos 2000. Antes disso, a internet só estava vinculada a estudos teóricos, voltados a aspectos filosóficos e psicológicos (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012). Assim, por ser um espaço de inúmeras interações, produção de informações e registros da vida cotidiana, aos poucos a internet vai se tornando um importante ambiente de produção¹¹ de dados e um espaço a ser investigado.

Essa ampla produção de materiais e disponibilidade de registros que a internet possibilita levaram-nos a optar em utilizar a internet como o campo de pesquisa, ou seja, o ambiente de produção dos dados empíricos sobre *sexting*. Para Fragoso, Recuero e Amaral, “a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um determinado tema ou assunto)” (2012, p. 17).

Assim, a internet pode ser entendida como instrumento de pesquisa dessa tese, que a utiliza como ferramenta de produção dos dados sobre *sexting*. Para localizar materiais que

¹¹ Utilizamos o termo produção dos dados, pois entendemos que ao realizarmos a busca do material empírico, não estamos sendo neutros, pois estamos escolhendo e recortando os materiais encontrados. Nesse sentido, não estamos simplesmente pegando dados, mas, sim, de uma determinada maneira, produzindo-os.

discutissem sobre o *sexting*, escolhemos a empresa on-line *Google*¹². Optamos em utilizar essa ferramenta de busca, pois ela é mundialmente conhecida, popular e possui ampla organização e registro de materiais do mundo inteiro. O *Google* pode ser considerado um dos instrumentos de seleção de dados mais comum em nossa sociedade (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012).

Para a produção do material empírico dessa pesquisa, utilizamos alguns termos-chave, no sistema de buscas do *Google*, tais como: “Vídeos de adolescentes postados na internet”; “Sexo entre adolescentes na internet”; “Fotos sensuais de adolescentes na internet”; “Reportagens sobre vídeos de sexo entre adolescentes na internet”, “*sexting*” e “*sexting* no Brasil”.

No total, encontramos 48 materiais na internet, que relatavam casos sobre *sexting* e discutiam essa prática. Dentre esses materiais, tivemos acesso às notícias e reportagens publicadas em revistas e jornais, presentes em sites e portais de informação, postagens de *blogs*, alguns programas televisivos, postados no *youtube*. Alguns desses materiais continham comentários de internautas sobre as situações relatadas, tais comentários também passaram a fazer parte do *corpus* de análise.

Ao olhar o material, evidenciamos que, dentre os dados produzidos, trinta e sete (37) destes discutiam sobre casos relacionados à produção de vídeos caseiros, que mostravam relações sexuais. É importante destacar que alguns desses materiais discutiam sobre os mesmos casos, mas com enfoques diferentes. Três (3) abordavam discussões sobre a prática de publicação de fotos sensuais. Oito (8) falavam de modo geral sobre o *sexting*: causas, consequências, modas, competições, relação dos pais e da escola, sexualidade adolescente etc..

Encontramos um total de dezesseis (16) casos de produção de vídeos caseiros que mostram relações sexuais diferentes, aparecendo situações de *sexting* nos seguintes lugares: Cuiabá/MT; São Carlos/SP; Curitiba/PR; Porto Alegre/RS; Ibirubá/RS; Bom Retiro/RS (três casos diferentes); São Luís /MA; Joaçaba/SC; Araraquara/SP (dois casos diferentes); Varginha/MG; Belém/PA; Espírito Santo/ES e Sousa/PB. Através desses dados, podemos evidenciar que os casos de *sexting* estão ocorrendo em diferentes lugares no Brasil, o que nos sinaliza de que essa prática vem se espalhando em nossa sociedade. Temos indícios de que esse número é bem maior, pois, nos curso de formação de professores e profissionais da educação, oferecido pelo GESE, da FURG, temos escutado diversas narrativas de casos de

¹² O *Google* é uma empresa on-line, que surgiu em 1998, e que tem a “missão de organizar as informações do mundo e torná-las mundialmente acessíveis e úteis” (GOOGLE, 2012).

sexting que vem ocorrendo na cidade do Rio Grande, no entanto esses casos não se tornaram alvo de discussão na mídia.

Os materiais produzidos ao longo da pesquisa foram publicados na internet, no período de 2008 a 2012. Tais materiais possuem os seguintes títulos:

- ✓ *Jovens são suspeitos de estuprar garota de 15 anos e colocar vídeo na Web;*
- ✓ *Vídeo de sexo entre alunos no ginásio da escola no Pará acaba na internet;*
- ✓ *Vídeo entre adolescentes fazendo sexo abala Ibirubá;*
- ✓ *Vídeo erótico com crianças veiculado na internet provoca escândalo e alerta para riscos da sexualidade precoce;*
- ✓ *Vídeo Polêmico denuncia casal de adolescentes fazendo sexo oral em banheiro de escola;*
- ✓ *Adolescentes fazem vídeo pornô em escola: assista reportagem com aluno;*
- ✓ *Delegada identifica jovens que postaram vídeo de sexo oral na internet com adolescentes;*
- ✓ *Aluna quis ser filmada durante o sexo;*
- ✓ *Adolescentes confessam terem postado vídeo de sexo oral na internet;*
- ✓ *Polícia já sabe quem divulgou vídeo de alunos fazendo sexo oral em sala de aula;*
- ✓ *Adolescentes fazem vídeo pornográfico em escola do interior de São Paulo: Gravação foi feita dentro da sala de aula e se espalhou;*
- ✓ *Adolescentes são identificados após exibir cenas de sexo na internet;*
- ✓ *Adolescentes gaúchos fazem sexo via twitcam;*
- ✓ *Vídeo com cenas de sexo entre jovens causa polêmica em escola de Belém;*
- ✓ *Vídeos com cenas de sexo entre jovens causa polêmica em escola de Belém;*
- ✓ *Polícia Federal investiga sexo entre adolescentes em escola do interior de São Paulo;*
- ✓ *Vídeo com cenas de sexo entre adolescentes vai parar na polícia;*
- ✓ *Vídeo de sexo entre adolescentes de Varginha MG;*
- ✓ *Vídeo de adolescentes fazendo sexo no interior de uma escola em Sousa, no Sertão paraibano;*
- ✓ *Vídeo de sexo no banheiro entre adolescentes do Paraná (CEP);*
- ✓ *Vídeo de sexo entre adolescentes deixa pais perplexos em Aracruz;*
- ✓ *Cenas de sexo entre adolescentes se espalham em Bom Retiro do Sul;*
- ✓ *Adolescentes são identificados após exibir cenas de sexo na internet;*

- ✓ *Sexo no twitter – polícia apura vídeo de sexo entre menores na web;*
- ✓ *Garota de 13 anos se deixa filmar fazendo sexo com 3 adolescentes;*
- ✓ *Polícia civil prende jovem que divulgou foto de adolescente nua na internet;*
- ✓ *O que cada pai deve saber sobre o sexting;*
- ✓ *Exibição online ameaça reputação de crianças e adolescentes;*
- ✓ *Alheios a riscos, jovens postam fotos sensuais;*
- ✓ *Adolescentes postam fotos sensuais na internet;*
- ✓ *Adolescentes aderem ao ‘sexting’ e postam fotos sensuais na internet;*
- ✓ *Adolescentes filmam relações sexuais para competir na rede;*
- ✓ *Pornografia on-line influência iniciação sexual de jovens;*
- ✓ *O uso da internet pelos jovens e suas consequências;*
- ✓ *Polícia investiga cenas de sexo com adolescentes transmitidas na internet –
Imagens causam revolta de usuários do Twitter;*
- ✓ *Vídeo na internet com cenas íntimas de crianças abala Ibirubá;*
- ✓ *PF investiga novo caso de imagens de sexo entre jovens na internet;*
- ✓ *Alunos são afastados após filmar cenas de sexo em banheiro de colégio;*
- ✓ *Vídeo de sexo vira caso de polícia;*
- ✓ *Alunos fazem sexo em sala de aula em São Carlos;*
- ✓ *Jovens transmitem cenas de sexo ao vivo na internet;*
- ✓ *Jovem que gravou vídeo de sexo em escola diz que garota concordou [Rede Record];*
- ✓ *Polícia procura autores de vídeo de sexo envolvendo menores;*
- ✓ *Fantástico: sexo de adolescentes ao vivo no twitter vira caso de polícia;*
- ✓ *Imagens de adolescente fazendo sexo oral chocam Bom Retiro do Sul (RS);*
- ✓ *Vídeos com menores preocupam a polícia;*
- ✓ *Polêmica do Sexo Oral no Banheiro_Globo Belém (Jornal Liberal);*
- ✓ *Pesquisa: 22% das adolescentes já se exibiram nuas na internet.*

Logo depois de realizarmos a pesquisa na *Google*, começamos a fazer um mapeamento nos materiais empíricos, buscando verificar que assuntos eles traziam. Assim, produzimos uma tabela, com intuito de organizar e esquematizar esses dados produzidos, para melhor visualizá-los e entendê-los (ANEXO¹³). Para produzir essa tabela, fizemos o

¹³ O anexo está gravado em um CD-ROM.

movimento de rever todos os materiais encontrados e destacamos dezesseis (16) tópicos empíricos. São eles:

- ✓ Explicações para a prática do *sexting*;
- ✓ Entendimento de adolescência;
- ✓ Envolvimento das tecnologias digitais nesse fenômeno;
- ✓ Consentimento para realizar as fotos e vídeos;
- ✓ Instâncias envolvidas;
- ✓ As questões de gênero;
- ✓ As punições que sofriam os praticantes;
- ✓ As pessoas consideradas autorizadas a discutirem esse assunto;
- ✓ O uso de bebida alcoólica;
- ✓ A violência;
- ✓ Envolvimento da família;
- ✓ As leis utilizadas para subsidiar a discussão do *sexting*;
- ✓ Tipo de material (foto/vídeo);
- ✓ A disseminação dos materiais;
- ✓ O papel da educação sexual;
- ✓ O que era dito sobre os vídeos e os sujeitos que comentavam.

Esses tópicos ajudaram-nos a construir o *corpus* de análise dos artigos dessa tese. Dos casos analisados, dois (2) destes foram postados na internet por vingança de namorados. Nesses casos, as meninas produziam o material (fotos e vídeos) e enviavam para os namorados, “paqueras” ou “ficantes”, ou se deixavam ser filmadas na hora da relação sexual. Depois, com o fim do namoro, acabavam publicando as fotos e vídeos das meninas na internet, com o intuito de difamá-las, por vingança. Em um (1) dos casos, foi um menino que estava envolvido (paquera) que postou as fotos íntimas da menina. Cabe ressaltar que não houve casos que tenha ocorrido o inverso, ou seja, meninas colocando fotos ou vídeos de meninos. Através desses dados, podemos perceber uma violência sexual e de gênero sobre as meninas, pois os meninos utilizam-se de materiais, como fotos e vídeos, sensuais, eróticos e sexuais, para desmoralizarem as meninas com quem tinham uma relação. As autoras Marlene Matos, Carla Machado, Sônia Caridade e Maria João Silva afirmam que pesquisas realizadas internacionalmente apontam números preocupantes em relação à violência no namoro: os caminhos mais utilizados pelos jovens estavam ligados à difamação, insultos, ameaças etc..

Tal como noutros estudos internacionais, verificou-se que os comportamentos mais usualmente recebidos/perpetrados eram aquilo a que poderíamos chamar de “formas menores” de violência: insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir, gritar ou ameaçar com intenção de meter medo, partir ou danificar objectos intencionalmente e dar bofetada (2006, p. 60).

Nesse sentido, são os meninos que postam esses materiais, por vingança, e não as meninas. Talvez isso esteja vinculado à questão de que, historicamente e culturalmente, aos meninos foi sendo permitido vivenciar os prazeres da sexualidade desde cedo. Sendo assim, mostrar um vídeo que mostre este tendo relação sexual seria apenas um modo de reforçar a sua virilidade. No entanto, as relações sexuais das meninas foram construídas como um tabu; só deveriam ser vivenciadas depois do casamento com o seu marido. Por isso, mostrar os corpos ou produzir vídeos de atos sexuais não são consideradas atitudes esperadas das meninas. Isso também foi possível notar nos comentários dos sujeitos “comuns”, que discutiam as reportagens e programa de televisão, postados na internet. Assim, podemos perceber que os corpos e as sexualidades das meninas são o tempo todo controlados e vigiados quanto a essas questões. Quando elas escapam, são julgadas por seus atos.

Dos casos analisados, dois (2) estavam vinculados ao uso de bebida alcoólica, sendo que as meninas disseram não lembrar do ocorrido. Nesses dois casos, existe a suspeita de estupro. Os outros onze (11) que envolvem a produção de vídeos caseiros, bem como os (3) materiais que discutem sobre a produção de fotos sensuais, foram realizados com consentimento dos protagonistas. Nestes, não se fala sobre o uso de bebida alcoólica. Nesse sentido, evidenciamos que a maioria dos casos que envolvem *sexting* são realizados com o consentimento dos sujeitos envolvidos; não estão relacionados ao uso de drogas e bebidas.

Além disso, é importante destacar que não tivemos acesso a nenhum desses vídeos e fotos que foram produzidos. Estes não estavam mais presentes na internet. Fizemos o movimento de procurar os vídeos e fotos sensuais e eróticas, no site do *youtube* e no site do *Google*. No entanto, não conseguimos ter acesso aos mesmos.

O difícil acesso a esses materiais pode estar ligado a uma questão jurídica, pois sabemos que a exposição de vídeos e fotos com conotação sexual, de crianças e adolescentes, na internet é considerado crime, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Segundo o artigo 241 desse documento, quem “apresentar, produzir, vender, fornecer ou publicar, por qualquer meio de comunicação, inclusive rede mundial de computadores ou internet, fotografias ou imagens como pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente” terá uma pena de multa ou reclusão de dois a seis anos (BRASIL,

2005, p. 55). Nesse sentido, quando materiais que envolvem a prática do *sexting* com crianças e adolescentes são encontrados, eles devem ser retirados o mais rápido possível da rede.

A internet possibilitou-nos um amplo acesso a materiais que discutem o *sexting*, mas não podemos deixar de frisar que é necessário ter um rigor quando se optar em utilizar a internet como instrumento de pesquisa. Assim, devemos nos preocupar com os dados produzidos, pois estes devem estar em consonância com os problemas e objetivos de nossas pesquisas, ou seja, devemos ser cuidadosos com o modo de produção destes, pois o método utilizado pode não contribuir para responder as questões de pesquisa. Entendemos que utilizar a internet como meio de busca dos dados dessa pesquisa foi um caminho viável para produção destes, pois ela nos facilitou o contato com uma ampla diversidade de materiais produzidos em todo o País, pela mídia, o que nos possibilitou ampliar o *corpus* de análise sobre esse fenômeno.

Também necessitamos atentar para o material empírico produzido a partir da internet; devemos ter o cuidado de salvar os arquivos, fazer captura de tela (como a ferramenta do *printscreen*) e baixar os *downloads* do material a ser utilizado, ou seja, é preciso armazenar e salvar o material a ser analisado, pois este pode ser retirado do local de busca a qualquer momento, considerando que as postagens realizadas na internet são efêmeras e instáveis. Pensando nisso, tivemos o cuidado de salvar todo o material de pesquisa. Para tanto, reproduzimos o que estava na internet, em arquivo de texto, com seu respectivo hiperlink e a data de produção dos dados. Além disso, fizemos *downloads* de todos os programas televisivos que discutissem sobre *sexting*.

O/A pesquisador/a que se utiliza da internet, seja como objeto, lugar ou instrumento de pesquisa, deve atentar para a ética na investigação. Por ser um campo novo, principalmente no Brasil, essas questões ainda estão sendo discutidas e repensadas. Para Fragoso, Recuero e Amaral, “a prática da pesquisa na internet, através da internet ou a respeito da internet reposiciona uma série de dilemas éticos” (2012, p. 21). E nesse sentido, é necessário tomarmos alguns cuidados quando utilizarmos a internet como campo de pesquisa, tomando precauções, como citar as fontes utilizadas e/ou pedir consentimento para o uso do material. Para Mosele (2013), “a internet é um meio de publicação e como tal deve-se ter o cuidado de mencionar as fontes usadas e, dependendo do conteúdo, solicitar autorização do autor, principalmente tratando-se de um trabalho acadêmico”.

Nesse sentido, as questões éticas também se tornaram uma preocupação nessa pesquisa. A utilização dos materiais encontrados sem um Termo de Consentimentos de seus/suas autores/as causava-nos inquietação. Para Fragoso, Recuero e Amaral (2012),

devemos nos questionar sobre o que é ou não público e possível de ser investigado sem autorização. As autoras discutem que existem quatro níveis de classificações dos ambientes virtuais quanto à privacidade: “o público que está aberto e disponível a todos; semipúblico (requer cadastro ou participação); semiprivado (requer convite ou aceitação) e privado (requer autorização direta)” (Ibid., p. 21).

Para elas, os dados ou interações que estão presentes no nível de classificação do ambiente público estão disponíveis para todos/as e, por isso, podem ser utilizados sem a necessidade do consentimento. “A publicação de dados ou opiniões em um sistema aberto ou semipúblico implicaria que os mesmos poderiam ser trabalhados e divulgados pelos pesquisadores sem necessidade de autorização das pessoas que os originaram, ou às quais dizem respeito” (Ibid., p. 21).

Nesse viés, entendemos que o material empírico dessa pesquisa estava em espaços públicos, que poderiam ser acessados por qualquer sujeito que estivesse interessado nesse tema, pois está disponível a todos, sem nenhuma restrição. Por isso, entendemos que não seria necessário pedir autorização para o uso dos dados produzidos. Além disso, ao longo da escrita, estamos tomando o cuidado de referenciar todo o material que está sendo utilizado para as discussões que realizamos, a fim de dar crédito a quem produziu esses materiais.

A partir desses pressupostos e dos cuidados éticos, apresentaremos a seguir as ferramentas de análise do material empírico.

4.1 Algumas estratégias de análise do material empírico

Empreender a história do que foi dito é refazer, em outro sentido, o trabalho da expressão: retomar enunciados conservados ao longo do tempo e dispersos no espaço, em direção ao segredo interior que os precedeu, neles se depositou e aí se encontra (em todos os sentidos do termo) traído (FOUCAULT, 2009, p.137).

Trazemos essa citação de Michel Foucault, pois entendemos que esta nos remete ao que procuramos fazer neste estudo, ou seja, discutir sobre o que vem sendo dito sobre a prática do *sexting*, em diferentes materiais postados na internet. Além disso, buscamos “retomar os enunciados” e problematizar as “verdades” implementadas sobre esse fenômeno, suas regras de aparecimento e sua capacidade de circulação, nesse momento histórico-social. Nesse sentido, ao analisarmos os dados, procuramos entendê-los como questões que emergem devido a algumas relações de poder-saber e a algumas condições de possibilidades (históricas, sociais, culturais, econômicas etc.). Para Rosa Fischer, “as ‘coisas ditas’, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo” (2001, p. 205). Ao

olharmos o que está sendo dito sobre o *sexting*, buscamos entender em que relações de poder-saber estão imersas as discussões realizadas pelas mídias, e o que permite a emergência desse fenômeno nesse momento.

Sendo assim, neste estudo utilizamos algumas ferramentas foucaultianas da análise discurso para realizarmos as análises do material empírico. Ao assumirmos essa perspectiva, partimos do pressuposto de que não existe um sentido oculto, escondido ou invisível nos dados da pesquisa; desse modo, fugimos da experiência de tentar interpretar o que está dito nos materiais que discutem sobre *sexting*. Para Michel Foucault, ao realizarmos análise discurso, “não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar”. (2009, p. 31).

Em nossos estudos, procuramos focar nas análises das enunciações presentes nos materiais no que está dito, visível e exposto em sua estreiteza e singularidade. Ou seja, ao olhá-las, temos a intenção de compreendê-las em sua exterioridade, sem procurar o que está escondido, mas, sim, o que possibilita a sua aparição.

Procuramos entender as enunciações como um acontecimento, que só emerge devido a algumas condições de existência ou através de alguns fatores que estão ocorrendo em um determinado contexto, tempo e espaço. Estamos entendendo a enunciação como,

um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade, entretanto, deixa passar um certo número de constantes – gramaticais, semânticas, lógicas – pelas quais se pode, neutralizando o momento da enunciação e as coordenadas que o individualizam, reconhecer a forma geral de uma frase, se uma significação, de uma proposição (FOUCAULT, 2009, p. 114).

Nesse viés, as enunciações podem ser uma narrativa, um comentário, um vídeo, uma imagem, um dado estatístico, mapas, um número etc.. A enunciação está relacionada às multiplicidades de signos que emergem em um determinado contexto, ou seja, “diremos que há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido” (FOUCAULT, 2009, p. 114). Assim, quando a multiplicidade de enunciações fala sobre o mesmo objeto, podemos evidenciar a formação de um mesmo enunciado. É a união de diversas enunciações que constituem um enunciado; assim, “diferentes enunciações podem ser repetições de um enunciado idêntico” (DREYFUS; RABINOW, 2010, p. 58).

O enunciado pode ser entendido como uma manifestação de saber, em que atitudes, comportamentos, modos de ser, estar e pensar etc. são transmitidos, repetidos, reproduzidos e

conservados em nossa sociedade. Michel Foucault define-o como “[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos [...]” (2009, p. 136). Nesse sentido, os enunciados atuam produzindo algumas “verdades” em nossa sociedade e ensinando modos de ser e estar no mundo. Assim, eles podem ser entendidos como atos discursivos, que constituem um “campo mais ou menos autônomo e raro de sentidos que devem, em seguida, ser aceitos e sancionados numa rede discursiva, segundo uma ordem [...]” (VEIGA-NETO, 2007, p. 94).

Os enunciados são elementos importantes para entender a constituição dos discursos que percorrem nossa sociedade. No entanto, eles são raros, não são “transparentes” (FOUCAULT, 2009) e fáceis de serem percebidos, pois não são propriamente uma fala, uma verbalização ou uma manifestação; eles estão espalhados em nossa sociedade, de diversas formas, articulados a diversos elementos. Os enunciados não podem ser entendidos como uma unidade ou uma estrutura, como algo independente, que pode ser dissociado, mas, sim, devem ser entendidos como sistemas que estão articulados a determinadas leis de existência.

Um enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela instituição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2009, p. 98).

Os enunciados não são independentes, eles fazem parte de um conjunto de elementos ou de um jogo enunciativo, estando sempre relacionados a algumas regras e determinados contextos sócio-históricos, sendo, dessa forma, contingentes. “Se os enunciados são unificados em sistemas que obedecem a regras, então deve haver elementos para as regras a serem relacionadas” (DREYFUS; RABINOW, 2010, p. 58).

Assim, os enunciados estão sempre atrelados a outros elementos. Foucault destaca quatro elementos, que são: o referente (ponto de discussão), o sujeito (o alguém a quem se referente ou está sofrendo a ação, assumindo uma determinada posição do sujeito), um campo associado (um enunciado está sempre atrelado a outros enunciados) e, por último, a materialidade do enunciado (se trata de fatos concretos, que aparecem nas enunciações em diversos momentos e lugares) (FISCHER, 2001).

Por esse viés, os enunciados podem ser entendidos como um acontecimento que emerge devido a algumas condições de existência e que estão em coexistência com outros

enunciados, pois não há enunciado livre e individual; ele está sempre atrelado a outros enunciados. Para estudá-los, é preciso entender as suas relações e suas formações, “o que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva” (FISCHER, 2001, p. 202). Para analisar ou conhecer os enunciados, é necessário entendê-los como parte de uma formação discursiva. Estas podem ser entendidas como um processo temporal, que contribui para articulação e regularização dos enunciados. Segundo Michel Foucault, a formação discursiva pode ser compreendida como

um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (2009, p. 82).

As formações discursivas são agrupamentos ou ordenamentos específicos de enunciados que se referem ao mesmo objeto, e que formam uma unidade de sentido, ou seja, como um conjunto de enunciado que tratam de um mesmo campo. Assim, ela atua na regulação do enunciado, podendo ser considerada uma “lei de série, princípio de dispersão e de repartição dos enunciados” (BARONAS, 2011). As formações discursivas colocam o enunciado em funcionamento. No entanto, elas devem ser consideradas como processos temporais, que ocorrem seguindo algumas normas de uma determinada época. Assim, as formações não são estáticas, elas se modificam com o tempo e de acordo com o contexto; ela “não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 83).

O conjunto de enunciados que se inscrevem em uma determinada formação é regulado através de regras, que são estabelecidas ao longo de um determinado momento histórico-social. Podemos dizer que eles estão entrelaçados às práticas discursivas, que, para Foucault, “é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (2009, p. 133).

São as práticas discursivas que estabelecem o que pode ou não circular, ser dito e realizado em um determinado momento. Desse modo, “exercer uma prática discursiva

significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso” (FISCHER, 2001, p. 204).

O emaranhado de enunciados que se ancora em uma mesma formação discursiva e que é regulado pelas práticas discursiva constituem os discursos sobre os objetos. “O termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2009, p. 122).

Os discursos agem em nossa sociedade definindo regimes de verdades, ensinando modos de ser, estar e pensar. Além disso, controlam e regulam a vida dos sujeitos, determinando o que pode ou não ser dito. Assim, os discursos podem ser considerados como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Ibid., p. 55). Desse modo, os discursos constituem os sujeitos e os objetos e marcam pensamentos de determinadas épocas e lugares.

Entendemos que o discurso midiático vem formando o objeto *sexting*. Assim, ele vem produzindo essa prática de uma determinada maneira. Sendo assim, a mídia acaba definindo esse objeto e fazendo-o aparecer em nossa sociedade. Nesse viés, o *sexting* torna-se um objeto de saber, que passa por um processo de esquadrinhamento pela mídia. Neste estudo, procuramos conhecer o que a mídia massiva vem falando sobre o *sexting*, de que forma ela vem instituindo, quem são os sujeitos autorizados a discutir sobre esse tema, quais as instituições envolvidas com essa prática, entre outros. Além disso, buscamos analisar as enunciações sobre *sexting* na mídia, a fim de conhecer os enunciados que estão presentes nesses materiais, bem como nos discursos que estão se formando sobre essa prática social.

Para Michel Foucault, para realizar análise do discurso, devemos seguir quatro princípios: “a noção de acontecimento, o da série, o da regularidade e o da condição de possibilidade” (FOUCAULT, 2007, p. 54). Assim, procuramos saber sobre a criação do *sexting*, o que levou a mídia a se interessar por esse fenômeno, que unidades ou que enunciados estão formando esse discurso, o que vem sendo dito sobre isso e o que levou a mídia a estabelecer essa discussão.

Assim, ao olharmos as diversas enunciações presentes nos dados empíricos, procuramos conhecer os enunciados que vêm emergindo no discurso proferido pela mídia, sem ter como o objetivo conhecer o que está poder de “trás da cortina” (FISCHER, 2001, p. 198) ou oculto, mas, sim, entender o que é dito sobre *sexting*.

OS ARTIGOS

5. OS ARTIGOS

5.1 “SEXTING”: AS TECNOLOGIAS POTENCIALIZANDO A EXIBIÇÃO DE SI¹⁴

Resumo: O *sexting* é um termo que foi criado nos Estados Unidos da América, e significa envio de mensagens de conotação sexual. Nesse sentido, esse estudo procura investigar as práticas discursivas – o “dito” – sobre o *sexting*, em alguns materiais presentes na internet. Utilizamos a internet como campo empírico, na qual procedemos à busca dos dados sobre *sexting*. Para a análise dos dados, utilizamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana. Encontramos um total de 48 produções culturais, tais como reportagens, programas televisivos etc., que discutiam sobre o *sexting*. Ao analisar o material empírico, evidenciamos que são as tecnologias digitais que estão servindo como condições de possibilidades para a emergência do *sexting*. Além disso, percebemos que o *sexting* vem ocorrendo devido ao borramento de fronteiras entre o público e privado, já que coloca a sexualidade como algo a ser exibido para todos. Entendemos que essa vontade de escancarar a sexualidade, através das tecnologias digitais, está vinculada a sociedade do espetáculo, que está vinculada a necessidade de viver aparente que está se constituindo na contemporaneidade. Estudar sobre o *sexting* vem nos possibilitado entender alguns rompimentos no modo como a sexualidade vem sendo entendida e tratada em nossa sociedade.

Palavras-chaves: *Sexting*. Sexualidade. Tecnologias da Informação e Comunicação.

Contextualizando o estudo

Na contemporaneidade, o aumento vertiginoso das tecnologias digitais, bem como a sua popularização, vem contribuindo para a emergência e a disseminação de algumas práticas sociais e culturais, como o *sexting*.

Esse termo foi criado nos Estados Unidos da América, e deriva das expressões *sex* (sexo) e *texting* (envio de mensagens). Ele descreve uma prática social e cultural, que está se difundindo mundialmente e que consiste em produzir e enviar fotos e vídeos sensuais, eróticos e sexuais, entre conhecidos/as, amigos/as, companheiros/as, namorados/as, ficantes etc., através das novas tecnologias digitais (SAFERNET BRASIL, 2012).

Este estudo tem como objetivo analisar alguns materiais, presentes na internet, que discutem o *sexting*, procurando entender como as tecnologias digitais potencializam a divulgação e

¹⁴ Esse artigo será submetido à revista Interface: Comunicação, Saúde e Educação.

a produção de fotos e vídeos caseiros, que procuram escancarar a sexualidade. Além disso, tem como propósito discutir sobre a relação entre os fatores sociohistóricos que possibilitaram a emergência do *sexting*.

Nos próximos momentos deste artigo, situamos a perspectiva teórica em que se fundamenta esta pesquisa. Em seguida, apresentamos as estratégias para a produção dos dados da pesquisa. Por fim, analisamos os materiais produzidos sobre *sexting*.

Alguns apontamentos teóricos

Entendemos que a emergência do fenômeno do *sexting* está atrelado a uma série de modificações decorrentes do deslocamentos da sociedade sólida para a líquida. Assim, essa prática tem como condição de existência alguns aspectos sociais, culturais e históricos, tais como: a popularização das tecnologias digitais, a constituição da sociedade do espetáculo e do consumo, o fortalecimento da sociedade do controle e o afrouxamento das barreiras entre o âmbito público e o privado

Os termos sólido e líquido são utilizados por Bauman para descrever as modificações pelas quais a modernidade vem passando. Segundo o autor a modernidade sólida está relacionada a regras excessivas, que deviam ser seguidas sem ser questionadas. A modernidade sólida ou pesada “era, afinal a época de moldar a realidade como na arquitetura ou na jardinagem; a realidade adequada aos veredictos da razão deveria ser ‘construída’ sob estrito controle de qualidade e conforme rígidas regras de procedimentos [...]”(BAUMAN, 2001, p. 58). Para que as regras e ordem fossem mantidas, alguns sujeitos específicos eram responsáveis por vigiar, disciplinar e punir os sujeitos. Além disso, a modernidade sólida, é marcada pela durabilidade e pelo longo-prazo, assim os desejos, sentimentos, os bens de consumo, os relacionamentos e os planos etc., se mantinham por um longo tempo.

Na modernidade líquida as regras não são tão rígidas assim e se modificam o tempo todo e por isso a mesma pode ser entendida como um tempo de fluidez, liquefação, mobilidade, efemeridade e instantaneidade. Para Bauman “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” – mas também exaustão desaparecimento do interesse (2001, p. 137). Assim, a modernidade líquida é o tempo em que os desejos se modificam de forma fugaz.

Segundo autor “Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve tênis, telefones celulares (inventados para o uso dos nômades que têm que estar ‘constantemente em contato), pertences portáteis ou descartáveis – são objetos culturais da instantaneidade” (2001, p. 149).

Sendo assim, o uso e democratização das tecnologias digitais podem ser entendidas como uma das características da modernidade líquida.

Assim, as tecnologias digitais vêm produzindo efeitos na contemporaneidade, construindo outros comportamentos, subjetividades e modos de ser e estar em nossa sociedade. Para Elisabete Garbin (2003), “o desenvolvimento das tecnologias dos computadores e da comunicação influenciou, e influencia, definitivamente as atitudes da chamada Geração Net¹⁵”.

Essas tecnologias estão abrindo brechas para outros modos de construção, produção e disseminação do conhecimento, modificando o nosso modo de comunicação na sociedade. Segundo André Lemos e Pierre Lévy (2010), na contemporaneidade, as mídias estão sofrendo um deslocamento, de massivas para pós-massivas. As mídias massivas estão relacionadas à produção da informação por um determinado polo, ou seja, a mesma é produzida e depois disseminada para a população. “As mídias de função massiva são centradas na maioria dos casos em um território geográfico nacional (ou local) desempenhando o papel político do público e da opinião pública” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 48). Cabe salientar que, na função massiva da mídia, existe pouca ou nenhuma possibilidade de interação; nessa, a população seria receptora de informações e de conhecimentos. Neste sentido, tal mídia é dirigida “ao ‘receptor massivo’, homogêneo, não diferenciado, pessoas que não se conhecem, que estão juntas espacialmente e que têm pouca possibilidade de interagir” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 48).

Para esses autores, o advento de algumas tecnologias, sistemas e ferramentas que permitem a interatividade e a publicação de informações, tais como os computadores, celulares, internet, *blogs*, fóruns, *wikis*, os sites de redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter etc.), entre outros, possibilitaram o surgimento da chamada mídia pós-massiva; essa traz uma outra configuração na produção e disseminação de informações e conhecimentos em nossa sociedade. Através dessas tecnologias, a comunicação pode ocorrer de forma mais interativa, colaborativa e cooperativa. Além disto, esse tipo de mídia possibilitou a liberação da palavra, ou seja, todos podemos nos expressarmos e expor nossas opiniões publicamente, bem como podemos produzir e divulgar informações de forma planetária (LEMOS; LÉVY, 2010).

¹⁵ Elisabete Garbin utiliza o termo geração net, para descrever um grupo social, que passa um tempo excessivo conectado a internet. A geração net são “aqueles que a sociedade, em seu afã de medicalizar e rotular comportamentos como normais ou desviantes, chama de “viciados” na Net, às vezes não conseguem sequer dormir, esperando por *e-mails* que podem chegar durante a noite, ou trabalham por horas sem parar no computador, sem fixar-se em horários (já apareceram muitas *home pages* de terapia para o “vício” da Internet)” (2003, p. 128).

Contudo, cabe fazer uma ressalva: o surgimento da mídia pós-massiva não apaga de forma alguma a mídia em massa; as duas estão presentes em nossa sociedade. Porém, neste estudo detemos-nos na mídia pós-massiva, pois entendemos que essa vem possibilitando o surgimento de novos fenômenos e práticas sociais, como *sexting*.

Assim, ao “tempo real” (do receptor preso ao fluxo do aqui e agora) das mídias massivas, acrescenta-se um outro, um tempo de escolhas (e de reflexão) de uma memória ampliada, planetária e viva (já que atualizada por qualquer um) do ciberespaço. Essa é a grande mutação das mídias (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 79).

Essa “grande mutação das mídias”, da qual Lemos e Lévy nos falam, vem promovendo reconfigurações nos modos de ser, estar e aparecer em nossa sociedade. Dentre essas mutações podemos evidenciar uma mudança na técnica da confissão, a expansão de uma sociedade baseada na “espetacularização do eu” (SIBILIA, 2008), bem como o borramento de fronteiras entre o público e o privado.

Em uma sociedade que busca a visibilidade e/ou a “espetacularização do eu”, os sujeitos inventam facetas de si, para publicizar sua vida íntima, ou seja, tudo deve ser mostrado minuciosamente, inclusive a intimidade (SIBILIA, 2008).

O que parece que está havendo é uma crescente necessidade de falar e mostrar tudo sobre si. Nesse contexto, o que vemos atuando é a técnica da confissão que, para Foucault (2007a), é uma técnica de poder constituída ao longo da história do Ocidente, que tem como propósito fazer o sujeito falar sobre si, seus desejos mais íntimos, suas ações, suas vontades, seus pensamentos etc., isto é, a “confissão” como reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamentos” (FOUCAULT, 2007a, p. 67). Essa exposição da vida íntima deveria ser realizada a alguém específico – padres, pedagogos, pais, médicos etc. –, em um encontro presencial. Nesse contexto de fazer contar tudo sobre si, o que se procurava era a produção de verdades sobre os sujeitos.

A confissão é entendida como uma técnica de poder, pois está sempre atrelada a outro sujeito, pois não se fala de si de forma solitária, mas sempre existe um outro interlocutor para ouvir, assistir e opinar sobre o que é confessado. No entanto, na contemporaneidade, a figura do interlocutor e o propósito de realizar a confissão vem sofrendo algumas modificações (FOUCAULT, 2007a; SIBILIA 2008). Michel Foucault, em uma entrevista presente no livro *Ditos Escritos IV*, discute que essa técnica já passou por algumas reconfigurações e afirma que a história da confissão não “terminaria assim”, para ele ainda “haverá outras peripécias” (2003a, p. 238).

Na contemporaneidade, podemos perceber algumas dessas peripécias, pois se antes a confissão deveria ser realizada a pessoas específicas e de maneira privada, agora essa confissão passa a ser realizada através das mídias pós-massivas e de forma planetária. Para Paula Sibilia (2008), houve uma mudança no modo de confessar. No século XIII, essa técnica era realizada pelo clérigo e pelos jurídicos. Já na era industrial, essa era uma atribuição dos campos da medicina e da pedagogia. E na contemporaneidade, a confissão está sendo realizada através das mídias, ou seja, através das diversas tecnologias digitais que estão presentes em nossa sociedade. "Os computadores e as redes digitais surgiram, assim, como mais um cenário para a colocação em prática da antiga "técnica da confissão", essa modalidade de construção da verdade sobre os sujeitos" (SIBILIA, 2003).

Mas não mudam apenas os interlocutores que ouvem e assistem as confissões, existe uma modificação também no objetivo de realizar tal técnica. Ao longo da idade média, o propósito era a salvação, a purificação do eu e o disciplinamento dos corpos de uma determinada sociedade (FOUCAULT, 2007a). Na contemporaneidade, a confissão está vinculada à visibilidade. Ao tornar pública a vida real e cotidiana em suas minúcias mais privadas, inclusive as relações sexuais devem ser escancaradas, confessadas, através das tecnologias digitais. Para Sibilia, "Ao longo da última década, a rede mundial de computadores tem dado à luz um amplo leque de práticas que poderíamos denominar 'confessionais'" (2008, p. 27).

Nesse contexto, a prática de confessar, ou seja, de contar e mostrar – através de vídeos, imagens e fotos – a vida íntima e privada para todos/as, contribuiu para o fortalecimento da "Sociedade do Espetáculo" (DEBORD, 2012; SIBILIA, 2008). Esse tipo de sociedade começa a emergir a partir dos anos de 1970, e tem como premissa a visibilidade e a superprodução de informações sobre a vida cotidiana. Neste viés, o importante não é mais ser e nem ter algo, mas sim aparecer, pois não importa ter algo ou ser de uma determinada maneira, se isso não for escancarado para todos/as. Neste sentido, podemos entender o espetáculo como "a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência" (DEBORD, 2012, p. 11).

Assim, nessa sociedade, são criadas diversas estratégias, para aparecer e para ser visto; assim, o que se busca é o olhar do/a outro/a. "Cada vez mais, é preciso *aparecer* para *ser*. Pois tudo aquilo que permanece oculto, fora do campo da visibilidade – seja dentro de si, trancado no lar ou no interior do quarto próprio – corre o triste risco de não ser interceptado por olho algum" (SIBILIA, 2008, p. 111). Assim, os sujeitos dessa sociedade assumem a prática do exibicionismo, com o desejo de se tornar conhecido pelos diversos espectadores.

A fim de ser reconhecido por todos/as, ou seja, tornar-se a celebridade do momento, os sujeitos aproveitam-se de algumas tecnologias presentes em nosso cotidiano, tais como: câmeras fotográficas, filmadoras, webcam, blog e weblogs, internet, celulares e os sites das redes sociais, para registrarem seus pensamentos e ações, com o propósito de expor a sua vida aos olhos de um determinado público, e tornarem-se a personalidade do momento. Neste sentido, “‘ser uma celebridade’ (quer dizer, estar constantemente exposto aos olhos do público, sem ter necessidade nem direito ao sigilo privado) é hoje o modelo de sucesso mais difundido e mais popular” (BAUMAM, 2011a, p. 41).

Os corpos e as sexualidades, visibilizados através da prática do *sexting*, tornam-se mercadorias vendáveis, ou seja, tornam-se produtos que são expostos, a fim de conseguir atrair atenção e tornarem-se reconhecidos. Sendo assim, evidenciamos algumas características da sociedade dos consumidores na prática do *sexting*, esse tipo de sociedade vem se formando na modernidade líquida e tomando o lugar da sociedade dos produtores. Na sociedade dos produtores, o consumo estava vinculado a necessidade, se adquiria os bens de consumo que por algum motivo eram necessários naquele momento. No entanto, a sociedade dos consumidores, o consumo emerge como atributo da sociedade, somos estimulados a desejar cada vez mais mercadorias. Além disso, nesse tipo de sociedade tudo é transformado em mercadoria, inclusive os sujeitos passam por processos de comodificação, ou seja, tornam-se mercadorias. Cabe ressaltar, que não basta transformar-se em qualquer mercadoria, os sujeitos devem tornar-se produtos cobiçados, vendáveis e desejáveis. “‘Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (BAUMAN, 2008, p. 22). O *sexting*, não deixa de ser uma espécie de *marketing* de si mesmo, pois transforma os corpos e as sexualidades em mercadorias que precisam ser desejadas e cobiçadas, com intuito de sair do anonimato e da invisibilidade, para tornar-se aparente. Para tanto, são produzidos verdadeiros espetáculos da intimidade dos sujeitos, para adquirir visibilidade. Desta forma, percebemos na prática do *sexting*, o fortalecimento da sociedade do espetáculo.

Essa prática não está marcada apenas pela procura da visibilidade de alguns protagonistas, mas também é constituída pela vontade de saber, conhecer e consumir todos os passos da vida alheia. “‘Todas essas tendências atuais de exposição da intimidade vão ao encontro e prometem satisfazer uma vontade geral do público: a avidez de bisbilhotar e “consumir” vidas alheias” (SIBILIA, 2003). Assim, estamos vivendo em uma sociedade produzida por sujeitos que buscam a visibilidade e por aqueles que desejam e procuram conhecer a vida cotidiana e privada dos sujeitos.

Nesse viés, podemos afirmar que as máquinas cibernéticas e os computadores possibilitam a constituição de outras formas de poder sobre os sujeitos. Durante a modernidade sólida os sujeitos eram regulado através de confinamentos (escola, família, fábrica etc), essas instâncias através de estratégias de poder/saber (confissão, exame, punições) atuavam disciplinando¹⁶ os sujeitos, como intuito de produzir indivíduos dóceis e úteis, que seguissem determinados padrões de conduta.

Na modernidade líquida, vem ocorrendo “a implementação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação” (DELEUZE, 1992, p. 225), a sociedade de controle, essa tem como objetivo a regulação vida dos sujeitos, no entanto essa não é mais realizada através de confinamentos, o controle é realizado através de tecnologias digitais. Assim não são necessários sujeitos específicos ou instituições para vigiar e punir os corpos, na contemporaneidade toda uma multidão pode conhecer as ações, atitudes e até pensamentos dos sujeitos, através de máquinas cibernéticas. Esse controle ocorre de forma contínua, pois a todo momento uma informação sobre a vida dos sujeitos pode ser revisitado. Para Deleuze “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua” (1992, p. 224).

Assim, essa prática de conhecer a vida cotidiano dos sujeitos, está atrelada a sociedade do controle, pois nessa vontade de saber sobre a vida alheia, os sujeitos acabam regulando, vigiando e até mesmo punindo os sujeitos.

Uma sociedade que prima pela aparência e vive em busca da visibilidade, tudo aquilo que durante algum tempo era entendido como algo privado e íntimo torna-se algo possível de ser exibido e mostrado para todos. Nesse cenário, parece existir um borramento entre as fronteiras do público e do privado, são as tecnologias digitais que têm possibilitado a exposição das vidas privadas. Segundo Lemos e Lévy (2010, p.13), “um dos aspectos mais desconcertantes da nova situação da comunicação no ciberespaço é o apagamento da distinção público/privado, ou mesmo simplesmente, a erosão da esfera privada”.

A rígida distinção entre a esfera pública e privada é uma invenção social, cultural, econômica e política, que toma seu apogeu nos meados do século XVIII e XIX, quando começa a emergir a burguesia. Nesse momento, alguns pensamentos e algumas ações começam a tornar-se algo privado, e só devem ser discutidos e refletidos em determinados espaços. Assim, apenas no âmbito privado podia-se viver a vida de um modo mais leve. É nesse espaço que os sentimentos

¹⁶ A disciplina pode ser entendida como um poder individualizante, pois atuava diretamente no corpo de um determinado sujeito.

podiam ser extrapolados. Neste sentido, é no âmbito privado, que o sujeito se permitia chorar, sorrir, gargalhar, ter relações sexuais... Para o âmbito público sobrava aquilo que não era tão íntimo, que não estava vinculado ao *eu* pessoal e que podia ser falado, sem causar nenhum tipo de constrangimento a ninguém (BAUMAN, 2011a; SIBILIA, 2008).

Por este viés, podemos perceber que, nessa época, existia uma diferença bem marcada entre o que era considerado algo público e o que era privado. Essa demarcação era rígida e não devia ser rompida. De acordo com Bauman,

‘Privado’ e ‘público’ são conceitos antagônicos. Em geral, seus campos semânticos não estão separados por limites que permitiam tráfego de mão dupla, mas por fronteiras demarcadas: linhas intransponíveis, de preferência fechadas com rigidez e pesadamente fortificada de ambos os lados para impedir transgressões (invasores ou trãsufugas, sobretudo desertores) (2011a, p. 37).

Nessas rígidas fronteiras, produzidas entre o público e o privado, a sexualidade foi constituída como do âmbito privado, sendo entendida como algo que só deveria ser discutida em determinado ambiente e com determinados sujeitos. Na família burguesa, por exemplo, a sexualidade ficou restrita ao quarto dos casais (FOUCAULT, 2007a). Neste sentido, a partir do século XVI, essa temática passou por procedimentos de interdições, que procuravam regular o discurso sobre a sexualidade. Assim foram estabelecidos os sujeitos autorizados a discutir essa temática, bem como o que podia ser dito, feito e mostrado sobre a sexualidade. Por este viés, podemos evidenciar que a sexualidade, ao longo da modernidade, esteve presa ao âmbito privado. Segundo Bauman, “até há pouco tempo o sexo era o exemplo mais radical, o verdadeiro epítome, de um segredo íntimo que somente partilhamos com a máxima discrição e apenas com pessoas cuidadosas e laboriosamente escolhidas” (2011a, p. 43).

No entanto, na contemporaneidade, as fronteiras entre o público e o privado passam por afrouxamento, e aquilo que era entendido como algo privado e íntimo torna-se algo a ser publicizado e exibido.

É cada vez maior o número de semelhantes nossos que tendem a crer (embora não o digam com tantas palavras) que não há prazer algum em manter segredos – salvo aqueles preparados para serem exibidos com prazer na internet, na televisão, nas primeiras páginas dos jornais e nas capas das revistas populares. Dessa maneira, a esfera *pública* é que se encontra hoje inundada e sobrecarregada, invadida pelos exércitos da *privacidade* (BAUMAN, 2011a, p. 41).

Em tempos que guardar segredos é considerado um problema, de deslocamento da modernidade sólida para a líquida, de expansão da mídia pós-massiva, da transição da sociedade disciplinar para de controle, de constituição da sociedade de consumo e de crescente

espetacularização do eu, a sexualidade, que durante muito tempo foi entendida como algo reservado, também se constitui como algo “transparente” e escancarado no âmbito público (LEMOS; LÉVY, 2010). E é nesse contexto que emergem algumas práticas como *sexting*, que tem como objetivo mostrar a sexualidade “nua” e “crua”, para os diversos espectadores presentes na rede. Neste sentido, este artigo procura investigar e conhecer alguns aspectos dessa prática que vem se tornando um fenômeno mundial, através de notícias, vídeos, comentários, reportagens postadas na internet.

Caminhos metodológicos

As pesquisas vinculadas às questões sociais são importantes, pois nos possibilitam compreender alguns fenômenos e práticas sociais que estão ocorrendo em uma sociedade, em um determinado momento cultural, social, econômico e político específico. Neste sentido, debruçar-se sobre pesquisas relacionadas a questões sociais, permite-nos entender a complexidade social.

Pensando na importância de analisar situações presentes em nossa sociedade, este estudo procura investigar as práticas discursivas – o “dito” – (FOUCAULT, 2008) sobre o *sexting*, em alguns materiais, postados na internet. Esse fenômeno social, que se aproveita das diversas tecnologias digitais para disseminação de fotos e vídeos que visam a exposição de si, está se disseminando em nossa sociedade, entre os sujeitos das diversas idades, inclusive entre os/as adolescentes e vem causando algumas rupturas no modo de entendermos e vivenciarmos as sexualidades. Nesta pesquisa, centramos nossos estudos em materiais que discutem sobre o *sexting* e a adolescência. Nesse contexto, investigar o que é dito sobre o *sexting* na mídia digital permite-nos entender alguns discursos presentes na sociedade, os quais ensinam formas de ser e estar no mundo.

Investigar na perspectiva social é preocupar-se com as questões metodológicas, pois elas devem permitir que o pesquisador produza e analise seus dados de forma “compatível com os seus problemas de pesquisa e com suas perspectivas teóricas mantendo o devido rigor científico” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 17). Nesta pesquisa, utilizamos a internet como campo empírico, no qual procedemos à busca dos dados. Para Halavais (2012), a internet foi um “presente” para os pesquisadores sociais, pois ela permitiu uma maior visualização das interações ocorridas em nossa sociedade, possibilitando conhecer com maior complexidade alguns fenômenos sociais. “A riqueza da internet como campo e ferramenta de

pesquisa é em grande parte derivada do fato de que tantas informações e registros sobre a vida social estão disponíveis online” (Ibid., p. 22).

Fragoso, Recuero e Amaral (2012, p. 17) chamam atenção que existem três modos de utilizar a internet em nossas pesquisas; assim ela pode ser utilizada como objeto de pesquisa, local de pesquisa e ainda, *instrumento* de pesquisa. Neste estudo, utilizamos a internet como um instrumento de pesquisa, ou seja, é através dessa tecnologia que coletamos os dados sobre *sexting*.

A pesquisa na internet foi realizada com o objetivo de encontrar textos, notícias, reportagens e vídeos, ou seja, materiais que discutam ou narrem casos que envolvam a prática do *sexting*. A procura foi realizada através da empresa de serviços *online* chamada *Google*. A fim de refinar as buscas do material, utilizamos alguns termos chaves, tais como: “*sexting*”, “vídeos de adolescentes postados na internet”, “fotos sensuais de adolescentes na internet”, “reportagens sobre vídeos de sexo entre adolescentes na internet”. Foram encontrados 48 materiais que discutem, de alguma forma, o *sexting*. Foram analisados diversos materiais, tais como: reportagens de programas televisivos postados na internet, notícias de jornais, comentários sobre as matérias, reportagens de revistas, e *blog*, bem como notícias presentes em alguns sites da internet. Foram selecionados os materiais postados no período de 2008 a 2012.

As questões éticas também são uma preocupação nas pesquisas que utilizam a internet como instrumento de produção de dados e, por isso, tivemos o cuidado de pesquisar se precisaríamos de autorização dos sujeitos que produziram o material analisado. Para Fragoso, Recuero e Amaral (2012), os materiais que estão presentes em ambientes públicos não precisam de autorização para serem utilizados pelo pesquisador. Como os materiais desta pesquisa estavam todos disponíveis a qualquer um que procure sobre essas questões, compreendemos que não precisaríamos de nenhuma autorização para desenvolver esse estudo.

Para a análise dos dados, foram utilizadas algumas ferramentas da análise do discurso, a partir da perspectiva foucaultiana. Portanto, ao olhar o material empírico, não procuramos encontrar algo que esteja oculto, aquilo que não esteja às nossas vistas e que seja possível de ser interpretado, mas, sim, procuramos olhar as enunciações presentes e analisar aquilo que está dito e descrito, sem procurar algo que esteja subentendido. Assim, seguimos Foucault, “partindo do discurso tal como ele é” (2003b, p.253). Para o autor (2009) o discurso pode ser entendido como um conjunto de enunciados, que estão implicados em relações de poder-saber.

Os enunciados podem ser entendidos como elementos que são ditos e repetidos em nossa sociedade, ou seja, são sempre suscetíveis de serem mencionados outras vezes. No entanto, nem sempre eles aparecem de uma mesma maneira; eles podem sofrer modificações. É importante salientar que tais elementos não têm sentido sozinhos; eles só formam o discurso quando estão articulados e correlacionados a outros enunciados. Para Foucault, “os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (2009, p. 36).

Esses conjuntos de enunciados produzem aquilo que Foucault chamou de formações discursivas. Elas só podem ser entendidas, como questões temporais, que são passíveis de mudanças e que estão relacionadas a questões históricas, sociais e culturais. Neste sentido, podemos evidenciar que o discurso está relacionado a questões sócio-históricas e, portanto, é formado através de algumas regras que marcam uma determinada época. Por este viés, realizar a análise do discurso é “descrever as ligações e relações recíprocas entre todos esses elementos” (FOUCAULT, 2003b, p. 254), ou seja, olhar e analisar a relação entre os enunciados que constituem um determinado discurso. Michel Foucault ajuda-nos a pensar que as práticas e fenômenos sociais não surgem do nada, mas, sim, são estabelecidas através de algumas estratégias de poder-saber. Assim, seguir a análise do discurso é procurar conhecer as condições de possibilidade que permitiram a emergência de uma determinada prática social, cultural e histórica.

O que é “dito” sobre *sexting*

Ao olharmos o material empírico que discutia sobre *sexting*, verificamos que, das 48 reportagens encontradas, 37 abordavam situações que envolviam a produção de vídeos caseiros que mostravam adolescentes tendo relações sexuais, 8 falavam de modo geral sobre o *sexting* (essas traziam alguns exemplos de situações que envolviam essa prática sexual, sendo que a maioria destacava a produção de vídeos) e 3 delas versavam sobre fotos sensuais produzidas pelos/as adolescentes.

No entanto, ao realizarmos a procura dos vídeos e fotos produzidos pelos/as adolescentes através do site de buscas google, evidenciamos que os mesmos não se encontram na internet. Além disso, a mídia massiva, que produz as reportagens sobre o *sexting*, também

não apresenta os materiais sexuais/eróticos/sensuais¹⁷. Como podemos evidenciar nos fragmentos a seguir:

Um vídeo envolvendo uma criança e três adolescentes, divulgado pela internet, abalou Ibirubá, município de 18,6 mil habitantes, na região do Alto do Jacuí. Zero Hora não divulga o vídeo para proteger as crianças (ETCHICHURY, 2012).

Por questões éticas e em respeito aos usuários do site decidimos não publicar o vídeo por conter cenas muito fortes que podem causar pânico nas criancinhas e também por causa do horário que é proibido (VÍDEO, 2012f).

Portal Zill não divulga o vídeo para proteger os menores (GAROTA, 2012).

Tal evidência nos possibilita pensar o quanto a sexualidade passa por procedimentos de interdição, sendo controlado e selecionado aquilo que pode ser dito e visibilizado sobre esse fenômeno. Podemos evidenciar que existe um controle em relação ao discurso da sexualidade, e por isso não se tem “o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2007a, p. 9). Ao retirar de circulação os vídeos e fotos, a mídia está contribuindo para a regulação e controle das questões relacionadas a sexualidade. E assim, evidencia-se que a sexualidade passa por procedimentos de interdição em nossa sociedade. Para Michel Foucault “em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as das políticas [...]” (2007c, p. 9).

Nesse sentido, evidenciamos que existem regimes de enunciabilidade, controlando tudo aquilo que pode ser dito e visibilizado, discussões sobre o *sexting* podem ser realizadas, desde que ocorram dentro de um determinado viés ou dentro de uma ordem do discurso, as fotos e os vídeos não estão as margens dessas ordem, e acabam passando por procedimentos de interdição.

Outro ponto que gostaríamos de destacar é que ao realizar a produção do material empírico verificamos, que os casos que envolvem a produção de fotos e vídeos por

¹⁷ Nesse estudo, utilizamos o termo erótico para designar desejos e fantasias que estão relacionadas às relações sexuais. “O erotismo marca uma separação entre a pura atividade sexual de reprodução e associar -se a outra dimensão, que é dimensão da fantasia que marca toda a atividade amorosa e sexual do ser humano” (MIRANDA, 2013). Já o termo sensual, como uma maneira de despertar o desejo, através da atração, da conquista e das provocações. Quando o utilizamos o termo sexuais, focamo-nos diretamente em fotos e vídeos que enfocam o ato sexual propriamente dito.

adolescentes, são alvos de debate por um determinado tempo específico, depois disso, a mídia massiva não se debruça em discutir tais casos, depois de um tempo curto, eles perdem o interesse, pois outro caso mais interessante emerge. Esse dado possibilita evidenciar uma característica da modernidade líquida, a instantaneidade e o curto-prazo, os vídeos e fotos são de curiosidade do público em um curto espaço de tempo, em seguida os mesmos deixam de ser alvo de interesse. Assim, o que num dia é moda, sendo falado, discutido e mostrado, no outro já não é lembrado. Na modernidade líquida “as modas vêm e vão com velocidade estonteante, todos os objetos de desejo se tornam obsoleto, repugnantes e de mau-gosto antes que tenhamos tempo de aproveitá-los. Estilos de vida que são chiques hoje serão amanhã alvos do ridículo” (BAUMAN, 2001, p. 186).

Além disso, percebemos outra característica da modernidade líquida, é possível evidenciar que a maioria dos vídeos foram produzidos com câmeras fotográficas presentes em telefones celulares, objetos marcantes dessa modernidade. Logo após, os vídeos que continham conteúdo sexual eram transmitidos pelo sistema *bluetooth* dos celulares, para conhecidos/as e amigos/as. Os vídeos foram sendo espalhados, pois cada um enviava o vídeo para alguém que conhecia e assim por diante, atingindo, desse modo, um grande número de sujeitos. Tal evidência pode ser percebida nas narrativas abaixo:

*[...]as imagens começaram a ser **filmadas em um celular**, que **chegou a armazenar 12 minutos** de cenas na memória do aparelho. O vídeo foi enviado para outras pessoas, que repassaram a outros usuários, que **reenviaram** para mais outros, até tornar-se público no bairro (GAROTA, 2012).*

*O vídeo foi espalhado na cidade através do **Bluetooth dos aparelhos celulares** pelos alunos da escola e aparecem os dois adolescentes (VÍDEO, 2012e).*

*São quatro vídeos que mostram adolescentes fazendo sexo e dançando de forma sensual. As imagens foram **espalhadas rapidamente de celular em celular**, por **Bluetooth**. Como a cidade é pequena, não demorou muito para as cenas chegarem até escolas, empresas e lojas de Bom Retiro do Sul (WOBETO, 2012).*

Através dessas enunciações, podemos perceber que os telefones celulares estão possibilitando o registro e armazenamento de situações da vida privada ou da intimidade dos sujeitos, como as relações sexuais. Isso é possível, porque esses aparelhos possuem cada vez mais tecnologias acopladas a eles. André Lemos (2013) salienta que, na contemporaneidade, o

“celular passa a ser um ‘teletudo’”, ou seja, além de funcionar como telefone, é também máquina fotográfica, filmadora, televisor, computador, entre outras possibilidades.

A mobilidade e as diversas funcionalidades do celular têm permitido que, em qualquer espaço e tempo, algo possa ser filmado, gravado e transmitido, inclusive em tempo real. Por este viés, podemos dizer que o celular é “mais do que uma máquina de contato oral e individual para ser um verdadeiro centro de comunicação, um controle remoto para diversas formas de ação no cotidiano, uma forma de manter em contato permanente a sua “comunidade individual” (LEMOS, 2013).

Outro recurso utilizado para a produção de fotos e vídeos sensuais e eróticos, pelos/as adolescentes, foi a *webcam* e um site de rede social, chamado Twitter. Esses recursos possibilitaram a produção de um dos vídeo produzidos por adolescentes. Esse foi transmitido em tempo real de forma planetária, assim as pessoas que estavam conectadas à rede poderiam assistir.

A intenção dos jovens gaúchos era transmitir cenas de sexo no twitter, uma das maiores redes sociais na internet. Nas imagens, os adolescentes estão sentados na frente do computador, o menino conduz as cenas, eles se beijam, tiram a roupa e trocam carícias íntimas em frente à câmera (webcam) (RECORD, 2012).

Esses artefatos permitem que mostremos a nossa vida em tempo real; assim a *webcam* possibilita a exposição de si, de qualquer sujeito comum que utilize as tecnologias digitais. Nesse contexto, as máquinas tecnológicas estão permitindo qualquer sujeito registrar a vida cotidiana e exibi-la em tempo real, constituindo assim um “campo de visibilidade para o indivíduo comum” (BRUNO, 2012).

Nesse contexto, entendemos que as máquinas cibernéticas estão contribuindo para a produção de outros modos de comunicação, em que não são apenas os jornalistas e as pessoas envolvidas com a comunicação que estão na ordem do discurso, ou seja, produzindo e disseminando informação. Na contemporaneidade, todos os sujeitos estão produzindo, reproduzindo, transmitindo, consumindo e tornando-se informação, o que só é possível por causa da disseminação de novas tecnologias, que possibilitam uma maior interatividade entre os sujeitos, constituindo assim a mídia pós-massiva.

Ao mesmo tempo que as tecnologias digitais, bem como os sites de relacionamentos sociais, são utilizadas pelos jovens para se exibirem e escancararem a sua sexualidade, as mesmas também são utilizadas para regular e controlar os/as adolescentes. Assim, essas

mesmas tecnologias possibilitam que os sujeitos conheçam as ações e atitudes que vivenciam em seu cotidiano, assim como as relações que os/as adolescentes estão estabelecendo. Assim, podemos evidenciar algumas marcas da sociedade do controle nos casos relacionados ao *sexting*, para Deleuze (1992) a sociedade do controle, está relacionada a linhas de força e estratégias de poder, que se utilizam das máquinas cibernéticas, para produzir informações e registros dos sujeitos, como o objetivo de regular a vida do sujeitos.

Entendemos que a democratização das diversas tecnologias (celulares com câmera, a webcam, a internet etc.), serviu como condição de possibilidade para que a prática do *sexting* tenha surgido em nossa sociedade, já que essas tecnologias permitiram a interatividade, de modo que atualmente todos nós podemos postar artefatos (fotos, vídeos, poemas, músicas e etc.) e nos posicionarmos publicamente, ou seja, todos nós podemos agir como “jornalistas” em nossa sociedade, produzindo e publicando informação. “A web permite a cada um tornar-se produtor de informações (um jornalista, no sentido essencial da palavra), um jornalista de si, mas também de tudo aquilo que é possível testemunhar com *smartphones*, *palm* ou *laptop* nas mãos” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 82). Nesse contexto, percebemos uma mudança no modo de produção e transmissão da informação, que vem produzindo efeitos em nosso meio social, cultural, econômico e político.

Assim, nos casos relacionados ao *sexting*, podemos ver operando essa questão do “jornalismo cidadão/cidadã” (LEMOS; LÉVY, 2010), pois além de ocorrer uma necessidade de filmar e disseminar tais vídeos, os sujeitos que têm acesso a tais materiais também agem como “jornalista cidadão/cidadã”, pois enviam para outros/as conhecidos/as, até que em algum momento isso para na internet. Nesse contexto, através do material produzido, evidenciamos que, com exceção das cenas transmitidas pelo Twitter, os outros vídeos acabaram na internet, pelas mãos de terceiros. Assim, não foram os/as protagonistas dos mesmos que os postaram, mas, sim, algum espectador/a e “jornalista cidadão/cidadã” da vida alheia.

A Polícia Federal de Araraquara, na região Central do Estado de São Paulo, está investigando a divulgação na internet de um vídeo de sexo entre duas pessoas, que, segundo denúncias, são menores de idade (PF, 2012).

O vídeo foi enviado para outras pessoas, que repassaram a outros usuários, que reenviaram para mais outros, até tornar-se público no bairro. Mas o pior estava por vir: alguém resolveu postar o vídeo na internet (GAROTA, 2012).

Dois adolescentes, um de 14 e outro de 15 anos confessaram que postaram o vídeo na internet de dois estudantes da Escola Estadual Jesuíno de Arruda praticando sexo oral no interior da sala de aula (ADOLESCENTES, 2012c).

Tais fragmentos mostram-nos o quanto a cibercultura tem provocado modificações em nossa sociedade. Para André Lemos, na atualidade, estamos vivendo um momento chamado de “mídia do cidadão/cidadã”, pois somos todos incitados “a produzir, distribuir e reciclar conteúdos digitais, sejam eles textos literários, protestos políticos, matérias jornalísticas, emissões sonoras, filmes caseiros, fotos ou música”, transformando-nos assim em “cidadãos/cidadãs digitais” (LEMOS, 2012).

Nesse contexto, entendemos que o uso das tecnologias digitais vem possibilitando uma modificação no modo de vivermos nossa vida e inclusive nossa sexualidade; a mesma torna-se uma questão pública e transparente, que é exposta a todos/as. Ao mesmo tempo em que existe uma vontade de visibilizar a intimidade pessoal, existe uma vontade de conhecer a vida alheia; assim estamos produzindo uma sociedade espectadora. Portanto, se ao longo da modernidade as vivências mais íntimas e privadas eram contadas apenas a pessoas específicas, hoje todos/as tomam conhecimento dos mínimos passos dados. Neste viés, estamos constituindo a sociedade do controle.

A revolução tecnológica vem produzindo novas práticas e hábitos na sociedade, que contribuem para o enfraquecimento da sociedade disciplinar e fortalecimento da sociedade de controle. Segundo o filósofo Gilles Deleuze (1992), podemos compreender a sociedade em que vivemos, através das máquinas que utilizamos, na sociedade contemporânea são as máquinas de informática e computadores, com seus sistemas acoplados que exprimem nossa formação social.

Neste sentido, as máquinas como computadores, celulares e webcam e as tecnologias nelas associadas, como a internet e *bluetooth*, vêm produzindo a sociedade de controle. Essa sociedade, que vem se formando, está produzindo efeitos na constituição dos sujeitos, tornando-os mais atores de seus atos e protagonistas de suas histórias, que agora são expostas através de imagens.

Ao analisar as enunciações presentes no material empírico, evidenciamos outros indícios do fortalecimento da sociedade do controle, os sujeitos que postaram os vídeos dos/as adolescentes na internet, foram identificados através do rastreamento do IP (Internet Protocol), esse pode ser considerado um código que identifica os computadores, esse código é único para cada computador. Como podemos visualizar nas enunciações a seguir:

Em entrevista coletiva a delegada da DDM (Delegacia de Defesa da Mulher) Denise Gobbi Szakal, informou que após investigações chegou a dois adolescentes que postaram um vídeo de uma aluna fazendo sexo oral dentro da sala de aula na Escola Estadual Jesuíno de Arruda. “Através dos números de IP – código que identificação de computadores – chegamos aos computadores dos dois adolescentes que também estudavam no colégio”, explicou Denise (VIEIRA, 2012).

Depois da preservação das imagens, a pessoa precisa entrar em contato com o provedor ou o site para fazer a exclusão e, através da identificação do IP, fornecer os dados do usuário (POLÍCIA, 2012c).

Gilles Deleuze, discute que uma das características das sociedade do controle é o uso de cifras/senhos que são utilizadas, para produzir informações e dados sobre a vida dos sujeitos, a fim de realizar o controle dos mesmos. Segundo o autor,

Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição (1992, p. 222).

O IP é utilizado como uma cifra/senha que fornece informações a respeito do uso do computador, nos casos de *sexting*, esse código identificador possibilita conhecer os sujeitos que vêm reproduzindo os vídeos e fotos dos adolescentes. Nesse viés, o IP que é utilizado para rastrear os sujeitos que postam os materiais sensuais/sexuais/eróticos dos/as adolescentes, pode ser entendido como algo que possibilita o controle das atitudes e ações dos sujeitos que utilizam computadores. O IP, enquanto uma linguagem numérica, possibilita a manutenção da ordem, contribuindo para que as regras, leis, condutas sejam reguladas.

Mesmo não sendo os/as próprios adolescentes a exporem tais vídeos na internet, podemos evidenciar que esses sujeitos procuram, sim, ganhar visibilidade, pois muitos dos vídeos foram repassados para outros sujeitos pelos/as próprios/as protagonistas das cenas, para colegas, amigos/as e conhecidos/as, para tanto eles utilizam seus telefones celulares.

Segundo o menino, ele e os amigos não tinham a intenção de divulgar o filme. Só passamos para dois colegas que não estavam com a gente na casa (SEXO, 2012).

Trata-se de dois menores que tiveram acesso ao vídeo por intermédio do adolescente que fez a filmagem (POLÍCIA, 2012a).

A menina conta que há um mês os próprios adolescentes, que aparecem nas imagens, começaram a enviar os vídeos para os celulares dos colegas (VÍDEO, 2012g).

A partir dessas enunciações, podemos evidenciar algumas características da sociedade do espetáculo, pois é possível identificar uma necessidade de exteriorizar aquilo que está sendo vivenciado em um determinado momento; para tanto, esses/as adolescentes aproveitam-se das tecnologias para que o/a outro/a (colega, amigo/a, parceiro/a etc...) possa ter acesso a sua vida íntima e privada. Por este viés, podemos perceber, a partir das enunciações citadas, uma característica marcante da sociedade do espetáculo, que é a necessidade do olhar do/a outro/a. Assim, nessa sociedade espetacularizada, são criadas estratégias que possibilitam aos sujeitos “viver aparente”, ou seja, que permitem a qualquer pessoa se “fazer ver” (DEBORD, 2012). Mas essa sociedade não é apenas marcada pela característica de se fazer visível, mas também está envolvida com uma necessidade de consumir vida alheia. Para Debord, “o espetáculo surge devido ao fato do homem moderno ser demasiado espectador” (2012, p. 127), ou seja, existe por parte da sociedade uma vontade de conhecer e saber o que vem ocorrendo com o outro.

Toda essa vontade de ver e de ser visto vem produzindo efeitos na técnica da confissão que, na contemporaneidade, ganha outro sentido. A mesma tem como propósito a exposição da vida “íntima” e “secreta” do sujeito, que não é mais revelada a pessoas específicas (psicólogos/as, psiquiatras, padres, bispos, médicos/as etc.), mas, sim, aos sujeitos comuns, que de alguma forma fazem parte do seu círculo de convivência. Nesse contexto, “os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional” (BAUMAN, 2008, p. 10).

Outra evidência que corrobora com a ideia de que os/as adolescentes buscam a visibilidade dos seus atos, é que os materiais são produzidos em comum acordo entre os/as protagonistas, e geralmente não são eles que produzem seus próprios vídeos, mas, sim, chamam um colega, amigo ou irmã para realizarem a produção do mesmo. Como podemos perceber nas narrativas a seguir:

Dois adolescentes de Porto Alegre foram intimados ontem a prestar esclarecimentos à polícia por exibirem cenas de sexo online tempo real (AGUIARI, 2012).

O casal foi para o quarto e chamou um dos amigos para filmar a "brincadeira" com o celular (VÍDEO, 2012g).

As imagens foram feitas no período de recuperação e segundo informações a pedido da menina (ADOLESCENTES, 2012c).

O vídeo com as imagens pornográficas teria sido feito da Escola Estadual Batista Leite, que fica localizada na rua Coronel José Vicente, no Centro. A suspeita é de que as imagens teriam sido produzida por uma irmã da adolescente (VÍDEO, 2012e).

Ao analisarmos os fragmentos presentes nos materiais de pesquisa, observamos que, para esses/as adolescentes, não basta apenas ter a relação sexual com seu parceiro ou colega, mas ela deve ser exibida, escancarada e confessada para as pessoas que estão em sua volta. Assim, tais vídeos são realizados na frente de outros sujeitos, são produzidos por pessoas que não estão envolvidos no ato sexual, bem como são enviados para alguns sujeitos de sua convivência. Neste sentido, podemos evidenciar que esses/as adolescentes possuem uma necessidade de visibilizar a sua vida íntima e privada, tornando-a mais “transparente”. Tais atos mostram-nos um alargamento na fronteira entre o público e o privado (LEMOS; LÉVY, 2010).

Nesse contexto, as relações sexuais, que antes eram entendidas como algo privado e oculto, agora tornam-se uma questão mais “transparente” que é mostrada e escancarada para todos/as (LEMOS; LÉVY, 2010). De acordo com Paula Sibilia, “a intimidade se evadiu do espaço privado e passou a invadir aquela esfera que outrora se considerava pública” (2008, p.77). Nos casos que envolvem o *sexting*, é possível evidenciar que a sexualidade, que durante a modernidade sólida era entendida como de âmbito privado, passa a invadir o espaço público. Neste sentido, uma das condições de possibilidade, que permitiram a emergência da prática do *sexting*, é o afrouxamento das fronteiras entre a díade público e privado.

Algumas considerações

Investigar reportagens, comentários, programas e notícias, que envolvem a prática do *sexting*, possibilita-nos perceber algumas rupturas em algumas questões relacionadas à sexualidade, e mais precisamente as relações sexuais. Dentre essas modificações, podemos evidenciar que o ato sexual está perdendo o *status* de algo entendido com obscuro, um segredo, algo íntimo que deve ser restrito ao quarto dos sujeitos, como foi sendo constituído a

partir dos meados do século XVI, passando a torna-se algo transparente, que está sendo escancarado e mostrado em suas minúcias, para todos/as aqueles/as que quiserem ver.

A fim de exporem suas relações sexuais, os/as adolescentes estão se utilizando de telefones celulares com câmeras fotográficas, internet, *Bluetooth*, redes sociais e *webcam*. Neste sentido, podemos notar que as tecnologias digitais estão potencializando a ocorrência do *sexting*. Assim, crianças e adolescentes estão sendo equipados com as máquinas tecnológicas, que permitem o registro e a documentação de seus atos, bem como a sua disseminação para todos/as aqueles/as que possuem contatos no mundo digital. Entendemos que o desenvolvimento dessas tecnologias está produzindo um mundo mais visível e “transparente” (LEMOS; LÉVY, 2010).

Ao analisarmos o material empírico, evidenciamos que os/as adolescentes protagonistas dos vídeos estavam cientes de que os mesmos estavam sendo produzidos e que muitos desses vídeos foram disseminados pelos/as próprios/as adolescentes. Além disso, percebemos que, na maioria dos casos, os vídeos eram produzidos na presença de conhecidos dos/as adolescentes, isso traz evidências de que os/as protagonistas tinham o intuito de mostrar o que estavam praticando.

Neste sentido, entendemos que a prática do *sexting* está relacionada com a técnica da confissão que, na contemporaneidade, vem passando por algumas modificações, deixando ser realizada para alguém em específico e de forma particular, para tornar-se algo exposto e público. Ao realizarem o *sexting*, os/as adolescentes se constituem como sujeitos confessionais, que procuram mostrar e contar a todos/as os sujeitos comuns àquilo que estão realizando, ou seja, desejam confessar algo sobre a sua sexualidade. Podemos perceber que a confissão contemporânea busca a espetacularização do eu.

Essa confissão pública e exposta, que visibiliza a vida íntima, está vinculada a uma determinada sociedade que está se formando. Assim, entendemos que o *sexting*, está contribuindo para a consolidação da “sociedade do espetáculo” (SIBILIA, 2008; DEBORD, 2012), pois procura-se, através da produção e transmissão de imagens, estabelecer uma relação entre os sujeitos.

Realizar a análise do discurso e debruçar-se no conjunto de enunciações, a fim de conhecer o enunciado que está sendo repetido nas mesmas. Olhar algumas enunciações, tais como: “*os adolescentes estão sentados na frente do computador, o menino conduz as cenas, eles se beijam, tiram a roupa e trocam carícias íntimas em frente à câmera (webcam)*” (RECORD, 2012); “*Só passamos para dois colegas que não estavam com a gente na casa*” (SEXO, 2012); “*os próprios adolescentes, que aparecem nas imagens, começaram a enviar*

os vídeos para os celulares dos colegas (VÍDEO, 2012g)”; *O casal foi para o quarto e chamou um dos amigos para filmar a "brincadeira" com o celular* (VÍDEO, 2012g), entre outras, presente nesse artigo, nos possibilitou conhecer o seguinte enunciado: na contemporaneidade tornar-se visível, ou seja, aparecer é considerado uma condição de exigência. Só existe quem aparece!

Neste sentido, a exposição do eu, através do *sexting*, está ocorrendo devido algumas rupturas que vem ocorrendo entre as barreiras daquilo que era entendido como público e privado. Assim o ato sexual está passando da esfera privada para a esfera do público, algo que deve ser mostrado a todos/as.

A prática do *sexting*, torna-se algo desconcertante, pois rompe com algumas questões relacionadas a sexualidade, como entendimento de que essa é uma questão privada e íntima, o que provoca uma vontade de saber sobre casos que rompem com essa questão, e é isso que tem impulsionado a nossa pesquisa e possivelmente, também, a escrita de tantos materiais pela mídia massiva, sobre essas práticas. Esperamos que nossos estudos contribuam para entendermos a prática do *sexting* e as novas configurações da sociedade que está se formando.

Referências

ADOLESCENTES confessam terem postado vídeo de sexo oral na internet. Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2011/11/18/24202/adolescentes-confessam-terem-postado-video-de-sexo-oral-na-internet/?page=8>>. Acesso em: 15 jun. 2012c.

AGUIARI, Vinicius. **Adolescentes gaúchos fazem sexo via Twitcam**. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/adolescentes-gauchos-exibem-sexo-via-twitcam-28072010-31.shl>>. Acesso em: 20 set. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

_____. **Modernidade Líquida** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3271/2531>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.

ETCHICHURY, Carlos. **Vídeo na internet com cenas íntimas de crianças abala Ibirubá**.

Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/03/video-na-internet-com-cenas-intimas-de-criancas-abala-ibiruba-2443409.html>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

FOUCAULT, Michel. Poder Saber. In: _____. **Ditos e escritos IV** - Estratégias, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a. p. 218-235.

_____. Diálogo sobre o Poder. In: _____. **Ditos e escritos IV** - Estratégias, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b. p. 247-260.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007c.

_____. **Microfísica do poder**. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais...In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, maio/jun./jul./ago., 2003, p. 119-135

GAROTA. **Garota de 13 anos se deixa filmar fazendo sexo com 3 adolescentes**. Disponível em: <<http://180graus.com/geral/garota-de-13-anos-se-deixa-filmar-fazendo-sexo-com-jovens-244880.html>>. Acesso em: 14 out. 2012.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 11-16.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção comunicação).

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade**: a Era da Conexão. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>>. Acesso em: 01 set. 2013.

_____. **Ciber-Cultura-Remix**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. **O erótico no verbo**: o espírito da carne e a carne do espírito. Disponível em: <<http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Monde10/soares.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

PF investiga novo caso de imagens de sexo entre jovens na internet. Disponível em: <<http://www.viaeptv.com/epnoticia/noticias/NOT,3,3,337829,PF+investiga+novo+caso+de+imagens+de+sexo+entre+jovens+na+internet.aspx>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

POLÍCIA já sabe quem divulgou vídeo de alunos fazendo sexo oral em sala de aula. Disponível em: <<http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/lmno/item/20225-pol%C3%ADcia-j%C3%A1-sabe-quem-divulgou-v%C3%ADdeo-de-alunos-fazendo-sexo-oral-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 20 set. 2012a.

POLÍCIA Federal investiga sexo entre adolescentes em escola do interior de São Paulo. Disponível em: <<http://piauiiebrasil.blogspot.com.br/2011/03/policia-federal-de-araraquarana-regiao.html>>. Acesso em: 22 jun. 2012c.

RECORD. **Jovens transmitem cenas de sexo ao vivo na internet.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qX4C7wXHRBo>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

SAFERNET BRASIL. **Banner:** Você navega com segurança? Disponível em: <<http://divulgue.safernet.org.br/banners/infografico.png>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

SEXO cada vez mais cedo. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/10862_SEXO+CADA+VEZ+MAIS+CEDOSexo%20cada%20vez%20mais%20cedo%20Reportagem%20isto%C3%A9>. Acesso em: 21 jun. 2012.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26. **Anais...** Belo Horizonte, set. 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom].

VÍDEO de adolescentes fazendo sexo no interior de uma escola em Sousa, no Sertão paraibano. Disponível em: <<http://trabalhosfeitos.blogspot.com/2010/09/video-de-adolescentes-fazendo-sexo-no.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012e.

VÍDEO polêmico denuncia casal de adolescentes fazendo sexo oral em banheiro de escola. Disponível em: <<http://www.blogando20.com/2011/03/video-polemico-denuncia-casal-de-adolescentes-fazendo-sexo-oral-em-banheiro-de-escola.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012f.

VÍDEO de sexo entre adolescentes deixa pais perplexos em Aracruz. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/05/90123video+de+sexo+entre+adolescentes+deixa+pais+perplexos+em+aracruz.html>. Acesso em: 18 jun. 2012g.

VIEIRA, Jeferson. **DDM identifica adolescentes que postaram vídeo de sexo na EE Jesuíno de Arruda.** Disponível em: <<http://www.jornalpp.com.br/policia/item/3664-ddm-identifica-adolescentes-que-postaram-v%C3%ADdeo-de-sexo-na-ee-jesu%C3%ADno-de-arruda/3664-ddm-identifica-adolescentes-que-postaram-v%C3%ADdeo-de-sexo-na-ee-jesu%C3%ADno-de-arruda?start=90>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

WOBETO, Simone. **Cenas de sexo entre adolescentes se espalham em Bom Retiro do Sul.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/lajeado/2011/04/16/cenas-de-sexo-entre-adolescentes-se-espalham-em-bom-retiro-do-sul/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

5.2 *SEXTING*: A ESPETACULARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE¹⁸

Resumo: O termo *sexting* foi criado nos Estados Unidos da América e significa envio de mensagens de conotação sexual. A prática consiste em utilizar as diversas tecnologias digitais (celulares, internet etc.) presentes em nossa sociedade para expor a sexualidade. Neste texto, são analisadas algumas reportagens, notícias, blogs, comentários, postados na internet, a fim de investigar as enunciações sobre a espetacularização da sexualidade. Para tanto, a internet é utilizada como ferramenta para a produção dos dados. Ao realizar a análise do material empírico, foram percebidos alguns afrouxamentos nas fronteiras entre o que é considerado de âmbito público e privado, o que pode ser entendido como uma condição de possibilidade para a emergência do *sexting*. Os/As adolescentes estão utilizando as tecnologias digitais para realizarem a espetacularização do eu, ou seja, para ganharem visibilidade e tornarem-se a personalidade do momento. Junto a isso, é crescente o número de sujeitos que se preocupam em examinar e esquadrinhar a vida alheia. Por fim, é necessário ressaltar o quão importante são os estudos sobre o *sexting*, pois é uma prática recente, que se instalou em nossa sociedade e que traz algumas reconfigurações no entendimento da sexualidade.

Palavras-chave: *Sexting*. Sexualidade. Tecnologias digitais.

Sexting: the spectacularization of sexuality

Abstract: Sexting is a term that was created in the United States and refers to the act of sending messages of sexual content. Sexting consists in the use of different digital technologies (cell phones, internet, etc.) present in our society, in order to expose the sexuality. In this article, it was analyzed some reports, news, blogs, comments, posted on the Internet in order to investigate the statements about the spectacularization of sexuality. Thus, it was used the internet as a tool for data producing. While performing the analysis of the empirical data, it was noticed some loosening in boundaries between what is considered the public and private scope, which can be understood as a condition of possibility for the emergence of the sexting. Adolescents are using digital technology to make the spectacularization of the self, i.e. to gain visibility and become the outcoming personality. Along with this comes a growing number of individuals who are concerned to examine and scrutinize the lives of others. It was considered to be important to focus on the studies of sexting, once it was understood as a recent practice, that was installed in our society and is bringing some reconfigurations in the understanding of sexuality.

Keywords: Sexting. Sexuality. Digital technologies.

¹⁸ Esse artigo foi aceito para publicação na revista Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - e-ISSN: 1981-8106.

Contextualizando o estudo

Este artigo tem como objetivo analisar alguns materiais – reportagens, comentários e matérias –, postados na internet, a fim de investigar as enunciações sobre a espetacularização da sexualidade.

O *sexting* emerge a partir do século XXI, e pode ser entendido como uma prática sociocultural, que consiste em enviar para alguém fotos, vídeos e mensagens, de conotação sexual, através das diversas tecnologias digitais. Nesse sentido, essa prática tem como objetivo a exibição da sexualidade.

Neste estudo, entendemos a sexualidade como um dispositivo histórico, que articula prazeres, poderes e saberes, com o objetivo de responder a uma urgência. Segundo Michel Foucault (2007a):

A sexualidade é nome que pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (p. 116-117).

Neste sentido, a sexualidade pode ser entendida como uma construção social, cultural e histórica, que foi produzida por um conjunto heterogêneo, ou seja, através de diversos discursos, leis, instituição e instâncias sociais, enunciados etc., permeada por disputas e por relações de poder/saber (FOUCAULT, 2008).

Sendo assim, entendemos que o *sexting* faz parte desse grande dispositivo histórico da sexualidade, pois está relacionado a desejos, prazeres, saberes e poderes. Também pode ser entendido como uma invenção da contemporaneidade, pois tem sido construído através de diversos discursos. A partir dessa prática, os sujeitos têm como objetivo tornar-se a personalidade do momento, através exibição da sexualidade.

Ao longo deste artigo, tecemos alguns apontamentos teóricos, discutindo sobre a constituição da sociedade do espetáculo. Em seguida, apresentamos as estratégias metodológicas, discutindo sobre o modo como produzimos os dados e as formas de análise. Por fim, analisamos os materiais produzidos sobre o *sexting* e tecemos algumas considerações deste artigo.

Tecendo alguns apontamentos teóricos

Na contemporaneidade, a sociedade está sofrendo algumas modificações e reconfigurações, de forma que o disciplinamento dos corpos, das normas e das condutas, tão vigentes ao longo da modernidade, está dando lugar à transparência, ao efêmero, ao amor-próprio, ao “direito de escolha”, à espetacularização, à sedução, à moda etc. Assim, segundo Sébastien Charles (2004), nessa época que estamos vivenciando, não existem

mais modelos prescritos pelos grupos sociais, e sim condutas escolhidas e assumidas pelos indivíduos; há não mais normas impostas sem discussão, e sim uma vontade de seduzir que afeta indistintamente o domínio público (culto à transparência e à comunicação) e o privado (multiplicação das descobertas e das experiências subjetivas) (p. 24-25).

Os padrões estabelecidos ao longo da modernidade estão mais maleáveis e os sujeitos têm algumas possibilidades de escolha e de expressão.

Todas essas características, como sedução e transparência, por exemplo, deram espaço a outra cultura, que cultua o espetáculo. Segundo Douglas Kellner (2012), “o espetáculo está se tornando um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana” (p. 5). Está vinculado à obsessão em se mostrar e, para tanto, são utilizadas diversas estratégias para que os indivíduos possam escancarar sua vida.

Dessa forma, a sociedade do espetáculo está relacionada à produção e disseminação de imagens e sua relação com os diversos sujeitos constituintes de nossa sociedade, pois não basta produzir ou escancarar a vida privada se não houver alguém para ser o/a espectador/a. Assim, para Guy Debord (2012), o espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (p. 14). Nesse sentido, a sociedade do espetáculo nada mais é do que a procura por se fazer visto, a busca pela aparição.

No entanto, temos que ter o cuidado ao falarmos sobre o surgimento da sociedade do espetáculo, pois não podemos entendê-la como algo novo que surge na contemporaneidade, uma vez que essa configuração social está se formando já faz algum tempo. Para Kellner (2012),

os espetáculos existem desde os tempos pré-modernos. A Grécia Clássica teve seu Olimpo, seus festivais de dramaturgia e de poesia, suas batalhas retóricas públicas, e guerras sangrentas e violentas. A Roma Antiga viveu suas orgias, a ampla oferta de pão e circo, suas grandiosas batalhas políticas e o espetáculo do Império com as paradas e os monumentos em honra dos Césares vitoriosos e de seus exércitos, extravagâncias mostradas em 2000,

no filme *O Gladiador*. E como o historiador alemão Johan Huizinga nos lembra, a vida medieval também teve seus momentos marcantes de exibições e espetáculos (p. 5).

Esse tipo de sociedade vem se constituindo desde os tempos pré-modernos, quando se promoviam espetáculos para se mostrar algo ou alguém para toda a população. Porém, na contemporaneidade, a sociedade do espetáculo apresenta algumas reconfigurações, pois o espetáculo não fica restrito apenas a pessoas ditas “públicas”, tais como: atores/atrizes, esportistas, músicos/musicistas etc., mas ele se propaga para o indivíduo “comum”; assim todos nós (eu e vocês) podemos ser protagonistas de espetáculos, ou seja, todos/as podem expor sua vida de forma planetária.

Para aparecer, os indivíduos escancaram para todos/as aquelas vivências do seu cotidiano; assim é a vida real ficcionalizada que é exposta, e é a partir dela que se procura tornar-se a personalidade do momento. Para tanto, tais indivíduos aproveitam-se de algumas tecnologias para ganhar a visibilidade do eu. Para Paula Sibilía (2008), “espetacularizar o eu consiste precisamente nisso: transformar nossas personalidades e vidas (já nem tão) privadas em realidades ficcionalizadas com recursos midiáticos” (p. 197).

Nessa sociedade do espetáculo, vale tudo para aparecer. E são aqueles pensamentos e atitudes mais íntimas que são expostas aos olhos de todos/as. Assim, aquilo que durante muito tempo foi entendido como de âmbito privado – a sexualidade, o corpo, a alimentação, os cuidados com a higiene, entre outros – torna-se algo a ser exposto aos olhos de todos/as, que esperam ávidos/as para conhecer a vida alheia, já que a sociedade do espetáculo não é marcada apenas pela vontade de exibição, mas também pela vontade de saber e conhecer a vida dos/as outros/as (SIBILIA, 2008).

Na contemporaneidade, podemos perceber um afrouxamento entre as fronteiras do que é permitido para o espaço público e para o espaço privado na sociedade atual. E, por esse viés, algumas questões que eram entendidas como de âmbito privado, como a sexualidade, por exemplo, acabam invadindo o âmbito público; assim, a vida privada torna-se algo a ser discutida no espaço público, para que todos/as possam ter acesso à vida cotidiana. Para Zygmunt Bauman (2001), “o ‘interesse público’ é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissão de sentimentos privados (quanto mais íntimo melhor)” (p. 46). Sendo assim, podemos evidenciar que a sociedade não busca mais ocultar ou esconder aquilo que é íntimo e pessoal, mas há sim há uma necessidade de escancarar a vida privada para

todos/as; assim, vivemos em uma sociedade em que a vida privada torna-se transparente e a vida “real” produzida é exposta ou confessada para todos/as.

A expansão da sociedade do espetáculo, bem como o afrouxamento de fronteiras entre as esferas pública e privada, foram impulsionados pela propagação, evolução e ampla disseminação das tecnologias da informação e da comunicação por toda a sociedade. Se antes apenas pessoas públicas podiam expor suas opiniões e sua vida íntima, e as informações eram produzidas por um determinado polo e transmitidas para toda a população, na contemporaneidade, todos nós podemos produzir e disseminar informações e notícias sobre qualquer situação que desejarmos.

Assim, o desenvolvimento e a popularização de algumas tecnologias, tais como: computadores, sistema *Bluetooth*, internet, celulares, câmera fotográfica, estão produzindo novas formas de ser e estar em nossa sociedade, possibilitando uma maior democratização da palavra e da constituição da informação, que se torna mais colaborativa e interativa. De acordo com André Lemos e Pierre Lévy (2010):

As chamadas “novas mídias”, como a Internet, os telefones celulares, os microcomputadores, assim como os *softwares*, agentes e inúmeras ferramentas de comunicação, podem desempenhar funções não centralizadoras ou simplesmente massivas, mas abertas, colaborativas, interativas, distributivas... “pós-massivas” (p. 47).

E são essas novas tecnologias digitais pós-massivas que possibilitam interações entre os sujeitos e produzem reconfigurações sociais, culturais e históricas. É a possibilidade de interação com os/as outros/as e de produção de informação que está criando condições para emergência de uma sociedade que busca visibilidade e transparência, e a vida privada agora se torna algo a ser exposto. Segundo Sibilía (2008), “das webcams aos *paparazzi*, dos blogs e fotologs ao Youtube e ao Orkut, das câmeras de segurança aos *reality shows* e *talk shows*, a velha intimidade se transformou em outra coisa. E agora está à vista de todos.” (p. 78).

Nesse contexto de busca pela espetacularização do eu, de afrouxamento entre as fronteiras entre os espaços públicos e privados, e de democratização das tecnologias digitais, emergem novas práticas sociais que buscam a visibilidade. Dentre essas práticas, aparece o fenômeno chamado de *sexting*, que está diretamente envolvido com as temáticas relacionadas à sexualidade.

O termo *sexting* foi produzido nos Estados Unidos da América e é resultado da união de duas palavras em inglês: *sex* (refere-se a sexo) e *texting* (envio de textos ou mensagens).

Tal termo está vinculado ao envio de mensagem de conotação sexual. Segundo SaferNet Brasil (2012), o *sexting* pode ser entendido como:

um fenômeno recente no qual adolescentes e jovens usam seus celulares, câmeras fotográficas, contas de email, salas de bate-papo, comunicadores instantâneos e sites de relacionamento para produzir e enviar fotos sensuais de seu corpo (nu ou seminú). Envolve também mensagens de texto eróticas (no celular ou Internet) com convites e insinuações sexuais para namorado(a), pretendentes e/ou amigos(as).

É importante ressaltar que o *sexting* não envolve apenas crianças e adolescentes, mas adultos também estão envolvidos com esse fenômeno; assim, tal prática abrange diferentes faixas etárias. Quando o termo foi criado, ele era caracterizado apenas pelo envio de mensagens sexuais através do celular; no entanto, entendemos que outras tecnologias estão sendo utilizadas para essa prática. Hoje, porém, os/as praticantes do *sexting* utilizam-se das diversas tecnologias presentes em nossa sociedade para exporem sua sexualidade. Celulares, *smartphones*, computadores, câmeras fotográficas, filmadoras, *webcams*, sites de redes sociais etc. são utilizados por diversos sujeitos (adolescentes e adultos) para a produção de vídeo e fotos eróticas, sensuais e que mostram sexo explícito. Nesse sentido, as tecnologias são utilizadas para a exposição da sexualidade, que, na contemporaneidade, torna-se algo a ser escancarado para todos/as.

Por esse viés, entendemos que o termo *sexting* discute uma prática social que está se disseminando de forma vertiginosa pela nossa sociedade. Um estudo realizado pela Safernet no Brasil, em 2009, constatou que 12,1% dos/as adolescentes participantes de uma pesquisa realizada com alunos/as de algumas escolas da rede pública e particular, dos Estados do Rio de Janeiro, Paraíba, Pará e São Paulo, já publicaram fotos íntimas na internet, e nos Estados Unidos esse número foi ainda maior, chegou a 20%, (SEX, 2012). Com tamanha disseminação dessa prática, em 2011, o termo *sexting* passou a fazer parte do dicionário Oxford.

Pensando na repercussão que o *sexting* vem tendo em nossa sociedade, nesta pesquisa procuramos analisar algumas reportagens, notícias, blogs, comentários, postados na internet, a fim de investigar as enunciações sobre a espetacularização da sexualidade.

Tecendo os caminhos metodológicos

Este trabalho é de cunho qualitativo e segue o caminho das pesquisas sociais, que procuram entender e discutir os fenômenos que estão ocorrendo em um determinado contexto sociocultural.

Para tanto, utilizamos a internet para a produção dos dados da pesquisa. Segundo Suely Frago, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2012), existem três modos de utilizar a internet em nossas pesquisas: a mesma pode ser usada como “objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e ainda, *instrumento* de pesquisa (ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)” (p. 17). A fim de encontrar materiais, como notícias, reportagens, comentários, postagens, entre outros, utilizamos-nos da internet como um instrumento de pesquisa, que nos possibilitou coletar os dados para o presente estudo.

A procura dos materiais foi realizada através da empresa de serviços on-line chamada Google. A fim de refinar as buscas do material, utilizamos alguns termos-chave, tais como: “*sexting*”, “vídeos de adolescentes postados na internet”, “sexo entre adolescentes e internet”, “fotos sensuais de adolescentes na internet”, “reportagens sobre vídeos de sexo entre adolescentes na internet”.

Ao todo, encontramos um total de 48 (quarenta e oito) materiais (reportagens de programas televisivos postados na internet, notícias de jornais, comentários sobre as matérias, reportagens de revistas e *blogs*, bem como notícias presentes em alguns sites da internet) que discutem de alguma forma a prática do *sexting*. Desses, 37 (trinta e sete) narravam ou falavam sobre a produção de vídeos caseiros, que exibiam adolescentes mantendo relações sexuais ou trocando carícias íntimas; 8 (oito) falavam de forma ampla sobre essa prática social (trazendo alguns exemplos de situações que envolviam essa prática sexual, sendo que a maioria destacava a produção de vídeos); e 3 (três) abordavam fotos sensuais produzidas pelos/as adolescentes. As reportagens que discutiam, de forma geral, sobre o *sexting*, abordavam algumas questões, tais como: os riscos da internet, os cuidados que os pais/mães devem ter em permitir o uso das tecnologias aos seus/suas filhos/as, os perigos de produzir fotos sensuais, o *sexting* e a relação com a pornografia, os crimes pornográficos e a ameaça da reputação de quem pratica o *sexting*. Todos os materiais que serão analisados na pesquisa foram publicados no período de 2008 a 2012.

Neste artigo, analisamos 13 (treze) materiais, tais como: notícias, reportagens e comentários postados por internautas em sites da internet. Os materiais estão divididos em 4

(quatro) blocos: o primeiro apresenta os títulos das notícias, o segundo os das reportagens, o terceiro dos comentários de internautas:

Notícias:

- ✓ Garota de 13 anos se deixa filmar fazendo sexo com 3 adolescentes.
- ✓ Adolescentes aderem ao '*sexting*' e postam fotos sensuais na internet.
- ✓ Adolescentes fazem sexo livremente e exibem vídeos na internet como troféus.
- ✓ As imagens de adolescentes fazendo sexo oral chocaram Bom Retiro do Sul (RS).
- ✓ Adolescentes postam fotos sensuais na internet.
- ✓ Aluna quis ser filmada durante sexo.
- ✓ Vídeo de sexo entre alunos no ginásio da escola no Pará acaba na Internet.

Reportagens:

- ✓ Vídeo com cenas de sexo entre jovens causa polêmica em escola de Belém.
- ✓ Sexo cada vez mais cedo.
- ✓ O uso da internet pelos jovens e suas consequências.
- ✓ Adolescentes filmam relações sexuais para competir na rede.
- ✓ O que cada pai deve saber sobre *sexting*.

Comentários dos internautas:

- ✓ Confessam terem postado vídeo de sexo oral na internet.

Para a análise dos dados produzidos, utilizamos algumas ferramentas foucaultianas e, para tanto, investigamos as enunciações presentes nos materiais produzidos, que constituem a prática do *sexting* na espetacularização da sexualidade, sem procurar aquilo que está oculto ou por detrás de uma determinada enunciação.

A enunciação pode ser uma narrativa, uma foto, uma mensagem, um vídeo, um comentário e etc., que são repetidos em diferentes momentos e de diferentes formas. Quando as enunciações têm algo em comum, ou seja, falam sobre o mesmo objeto e possuem o mesmo sentido, elas formam o enunciado (FISCHER, 2001). Assim “diferentes enunciações podem ser repetições de um enunciado idêntico” (DREYFUS; RABINOW, 2010, p. 58).

Para Foucault, “os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto.” (2009, p. 36). Esses conjuntos de enunciados estão apoiados em formações discursivas; e essas estão relacionadas às

condições sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas que a sociedade está vivenciando. São os conjuntos de enunciados, ancorados em uma determinada formação discursiva, que formam um determinado objeto, ou seja, que estão constituindo um determinado discurso.

Analisando as enunciações sobre o *sexting*: a espetacularização da sexualidade

Ao analisar o material empírico, podemos perceber que é crescente o número de casos que envolvem o fenômeno do *sexting*. Assim, fotos de meninas e meninos nus/as e seminus/as, vídeos de relação sexual, mensagens eróticas vêm se tornando parte da vida de alguns/algumas adolescentes na contemporaneidade. Como podemos evidenciar nos excertos abaixo:

É cada vez mais frequente a inserção de imagens de nu e seminu de adolescentes na internet. Muitas dessas fotografias são postadas pelos próprios jovens (ADOLESCENTES, 2012a).
Garota de 13 anos se deixa filmar fazendo sexo com 3 adolescentes (GAROTA, 2012).
Adolescentes aderem ao 'sexting' e postam fotos sensuais na internet (TOMAZ, 2012).
Muitos não calculam o real alcance do que cai na rede. “Eles confundem público com privado, vivem na era da imagem e acabam se comprometendo demais” (SEXO, 2012).
No Paraná, no principal colégio do Estado, as cenas de sexo entre uma aluna e dois estudantes foi no banheiro. Agora, em Belém, a situação se repete, mas apenas entre um casal de alunos, filmado no ginásio do colégio por um outro estudante enquanto mantinham relações (VÍDEO, 2012a).

Através dessas enunciações, percebemos que, em nossa sociedade, vem ocorrendo um afrouxamento do que é considerado de âmbito público e privado, e o que antes era considerado privado, como a sexualidade, por exemplo, torna-se algo a ser mostrado e escancarado para todos/as. Assim, os/as adolescentes praticantes do *sexting* utilizam-se das diversas tecnologias digitais e da web 2.0 para exporem suas vidas privadas e/ou íntimas. Nesse sentido, a sexualidade torna-se um espetáculo, e é exibida para quem quiser ver. Por meio da exposição do corpo e da sexualidade, os/as protagonistas do *sexting* promovem um verdadeiro “show do eu” ao exporem sua vida íntima: “Fazendo da própria personalidade um espetáculo; isto é, uma criatura orientada aos olhares dos outros como se estes constituíssem a audiência de um espetáculo.” (SIBILIA, 2008, p. 258).

No entanto, não basta apenas expor a vida íntima; o que alguns/algumas desses/as adolescentes praticantes do *sexting* desejam é o reconhecimento e estar em cena para muitos sujeitos. Para tanto, os/as adolescentes fazem apostas (que esquentam quanto mais audiência possuem) e participam de competições on-line. Tais jogos sexuais têm como propósito ganhar visibilidade através da exibição da sexualidade, como evidenciamos nas enunciações a seguir:

Recentemente, o caso de dois adolescentes gaúchos de classe média, uma menina de 14 e um menino de 16 anos, que transmitiram cenas íntimas ao vivo concordando em tirar as roupas, conforme aumentasse a audiência da transmissão. As imagens foram assistidas por 26 mil usuários, e foram feitos 12 mil downloads do vídeo. O garoto, que virou ídolo virtual da noite para o dia, se vangloriou do ocorrido e respondia a perguntas de uma legião de adolescentes (O USO, 2012).

Recebemos várias denúncias de concursos de vídeos no YouTube. Os adolescentes registram as relações sexuais entre eles, colocam no site e fazem uma competição para ver qual vídeo tem mais acessos, qual é o vídeo mais assistido. Tivemos casos de vídeos com 400 mil execuções - conta o presidente da SaferNet, Thiago Tavares (ADOLESCENTES, 2012c).

Neste universo, do sexting, ganha fama quem tiver mais acessos no seu fotolog, Orkut e YouTube. Outra maneira de ser popular é vencer os concursos virtuais promovidos pelos sites. Depois disso, a celebridade instantânea irá contar com fã-clubes e uma legião de seguidores [grifos das autoras] (TOMAZ, 2012).

Através dessas enunciações, evidenciamos que essa vontade de aparecer vem sendo expandida em nossa sociedade. Assim, a internet tem sido utilizada como um confessionário, que está servindo para os sujeitos confessarem, narrarem e exibirem a vida privada de qualquer um que queira aparecer. Quando falamos em confissão, não nos dirigimos àquela que era realizada ao longo da modernidade, de forma íntima e privada, mas nos remetemos a essa reconfiguração pela qual a confissão passou, deslocando-se do espaço privado para o público, deixando de ser realizada para sujeitos específicos, para ser realizada para uma multidão de pessoas. Assim, de acordo com Bauman (2008), celulares, *smartphones*, internet, sites de redes sociais entre outros, podem ser considerados “confessionários eletrônicos”, pois eles permitem a cada usuário expor o que quiser para todos/as (p. 10).

Sites e redes sociais vêm sendo utilizados ainda como campos de disputa, em que são criadas estratégias para ganhar cada vez mais visibilidade. Segundo Rose Rocha e Gisela Castro (2009), “as dinâmicas de visibilização incessante configuram verdadeiras arenas de

disputa pela conquista de atestados de existência midiáticos. Nessas arenas do visível, homens e mulheres buscam, a todo custo, manter-se em cena” (2009, p. 52).

A democratização das tecnologias digitais vem possibilitando a todos nós colocarmos o que quisermos à disposição dos/as outros/as. Esse contexto vem permitindo uma grande e incessante publicação da vida íntima. É essa expansão das tecnologias digitais que serviu como condição de possibilidade para o surgimento dessas disputas e jogos sexuais, que procuram escancarar as minúcias sexuais. Para Sibilia (2008), as tecnologias digitais, assim como a web 2.0, gerou um “verdadeiro festival de ‘vidas privadas’, que se oferecem des pudoradamente aos olhares do mundo inteiro” (p. 27). Dessa maneira, a postagem de fotos sensuais/eróticas e vídeos que mostram carícias e relações sexuais, podem ter um alcance longínquo e global.

Toda essa disputa para aparecer tem como objetivo o uso da imagem pessoal para conquistar a tão sonhada fama; assim essas tecnologias interativas e colaborativas possibilitam que qualquer sujeito possa tornar-se a celebridade ou a personalidade do momento, que é a marca da sociedade do espetáculo. De acordo com Bauman (2011a), ser famoso é hoje um dos modos de vida que vem se estabelecendo e se disseminando em nossa sociedade.

Outro ponto de destaque nos materiais analisados está relacionado ao vínculo entre o *sexting* e a vontade de virar celebridade. Esses materiais sugerem que a prática do *sexting* está relacionada ao desejo de ser aceito/a, de ganhar visibilidade, de ser reconhecido/a e ter um momento de fama. Podemos evidenciar isso nas enunciações a seguir:

Esse tipo de conduta representa a confusão de conceitos por que passa o adolescente hoje em dia, em busca, principalmente, de aceitação e fama (ADOLESCENTES, 2012a).

Meninas e meninos de 12 a 17 anos buscam fama virtual em sites (TOMAZ, 2012).

Adolescentes fazem sexo livremente e exibem vídeos na internet como troféus (ADOLESCENTES, 2012b).

Talvez isso (sexting) seja até uma compensação por uma ausência de visibilidade em casa. Se ele não se sente visível, vai procurar ser de alguma forma. Mas procura, em geral, da maneira caricatural (BARROS, 2012).

Em busca de fama na Internet meninos e meninas de 12 a 17 anos postam fotos sensuais na Internet (CASSANTI, 2012).

Com os hormônios à flor da pele e estimulados pelos apelos midiáticos dos realities shows, sinalizam que querem ser vistos e reconhecidos. Assim, tornam suas experiências sexuais um espetáculo na rede (O USO, 2012).

Com essa necessidade de ganhar a fama e de ser reconhecido/a, ou seja, de espetacularizar o eu, esses/as adolescentes acabam transformando-se em mercadorias, mas não têm o desejo de se tornar uma mercadoria qualquer, que seja invisível ao olhar do consumidor. Segundo Bauman (2008), nessa sociedade de consumidores/as existe o desejo da fama e

de não mais se dissolver e permanecer dissolvido na massa cinzenta, sem face e insípida das mercadorias, de se tornar uma mercadoria notável, notada e cobiçada, uma mercadoria comentada, que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada (p. 22).

Nesse sonho de tornar-se alguém conhecido/a e reconhecido/a por todos/as, tudo se torna algo a ser mostrado e escancarado para todos/as, inclusive a sexualidade. Assim, podemos entender o *sexting* como uma prática de consumo, pois a sexualidade é transformada em uma mercadoria, e é através da exibição dela que os/as adolescentes conseguem ganhar visibilidade. Nesse contexto, em que não se busca mais ser ou ter algo, mas sim aparecer, ocorre a “ascensão de um tipo de subjetividade cada vez mais espetacularizada, o triunfo de um modo de vida inteiramente baseado nas aparências e a transformação de tudo em mercadoria” (SIBILIA, 2008, p. 268).

Mediante a investigação do material de pesquisa, evidenciamos uma crescente curiosidade na vida alheia, uma vontade de saber os detalhes, as repercussões, de emitir julgamentos, sobre a vida dos outro/as. Como podemos notar nas enunciações abaixo:

Cadê a fotinho do "casal"? Cadê a fotinha dos papais do "casal"? (ADOLESCENTES, 2012c).

Eu vi esse vídeo e achei um absurdo a proporção de como ele se espalhou pela internet e pelo Bluetooth de milhares de celulares, eu mesma vi no celular de um empacotador dentro de um supermercado (ADOLESCENTES, 2012c).

Logo depois da veiculação do vídeo, eles começaram a receber bilhetes por baixo da porta com insultos. Até pedras foram arremessadas em direção a sua casa (SEXO, 2012).

Outros alunos tiveram acesso ao vídeo, que foi parar na internet. No início, os adolescentes fizeram piadas. Mas, agora, demonstram indignação. “O colégio vai ficar mal falado e os alunos ficam mal vistos, parece que não querem estudar. Isso é chato”, diz um deles (VÍDEO, 2012b).

As imagens de sexo explícito chocaram a pequena cidade, a 200 km de Porto Alegre (RS) (IMAGENS, 2012).

A história tornou-se pública no bairro na semana passada, quando um grupo de jovens do mesmo bairro, estavam acessando a internet em uma lan house e reconheceu os integrantes do vídeo (GAROTA, 2012).

O vídeo está correndo a internet através de e-mails. As cenas também se espalharam, principalmente entre os jovens, através de celulares equipados com o sistema Bluetooth (ALUNA, 2012).

Tais fragmentos nos remetem a Debord (2012), pois esse autor defende que a sociedade do espetáculo não está relacionada apenas à vontade de aparecer e de se mostrar, mas está vinculada à vontade de saber. Assim, está se constituindo uma cultura que busca saber nos mínimos detalhes o que está acontecendo na vida dos outros sujeitos. Existe assim uma necessidade de examinar e esquadrihar a vida alheia. Segundo Sibilia (2008): “Uma intensa ‘fome de realidade’ tem eclodido nos últimos anos, um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e reais” (p. 34).

Se ao longo da modernidade o interesse dos sujeitos estava relacionado à vida de pessoas públicas e conhecidas e a histórias literárias, na contemporaneidade o interesse volta-se à vida cotidiana e real de pessoas comuns. É nesse cenário que vem se constituindo uma legião de pessoas que desejam assistir ao espetáculo da vida alheia.

Enfim...

Realizar a análise do material empírico possibilitou-nos entender o *sexting*, como uma prática sociocultural, que está vinculada à sociedade do espetáculo, já que o *sexting* é entendido como uma prática em que os sujeitos usam suas imagens (eróticas, sexuais e sensuais) para a conquista de visibilidade e da espetacularização do eu.

A prática de expor a sexualidade, através de fotos sensuais, mensagens eróticas e vídeos que expõem relações sexuais, por meio de celulares, e-mails, sites de redes sociais etc.,

que vem se expandindo em nossa sociedade, pode ser entendida como um verdadeiro “show do eu” (SIBILIA, 2008).

No entanto, não é por acaso que práticas, como a do *sexting*, que buscam espetacularizar o eu, emergem nesse momento em nossa sociedade. Essa vontade de aparecer está vinculada com a lógica do mercado, em que tudo se transforma em um bem de consumo. Para Bauman (2008):

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas exigidas de uma mercadoria vendável (p. 20).

Nesse cenário, em que a sexualidade torna-se uma mercadoria que entra na lógica do consumo, a mesma é produzida e exposta, a fim de os sujeitos conquistarem fama, ou seja, o *sexting* está relacionado à vontade de seus/suas praticantes tornarem-se as “celebridades” do momento. Assim, a sexualidade torna-se um produto a ser vendido/oferecido em troca do sucesso.

Mas se existe uma vontade desses sujeitos em adquirir fama e reconhecimento, existem também consumidores/as ávidos/as por conhecerem a vida íntima dos/as praticantes do *sexting*. Assim, essa lógica consumista, de querer se exibir e de querer consumir a vida alheia, é o que vem mantendo essa sociedade do espetáculo.

Nesse artigo, nos propomos a utilizar algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana, nesse sentido procuramos analisar as enunciações, que nesse trabalho são as narrativas, vídeos e comentário presentes em alguns materiais postados na internet, que discutem sobre *sexting*, com intuito de conhecer o enunciado que está se formando. Enunciações como essas: “*Adolescentes aderem ao 'sexting' e postam fotos sensuais na internet* (TOMAZ, 2012)”. “*Recebemos várias denúncias de concursos de vídeos no YouTube. Os adolescentes registram as relações sexuais entre eles, colocam no site e fazem uma competição para ver qual vídeo tem mais acessos, qual é o vídeo mais assistido.* (ADOLESCENTES, 2012c)”. “*Outra maneira de ser popular é vencer os concursos virtuais promovidos pelos sites. Depois disso, a celebridade instantânea irá contar com fãs-clubes e uma legião de seguidores [grifos das autoras]* (TOMAZ, 2012)”. “*Meninas e meninos de 12 a 17 anos buscam fama virtual em sites* (TOMAZ, 2012)”, nos possibilitam pensar que o seguinte enunciado vem sendo proferido em nosso cotidiano: viver aparente é uma premissa na sociedade atual, assim hoje ser conhecido e reconhecido é uma condição de existência.

Investigar a prática do *sexting* tem nos possibilitado conhecer e entender a emergência de uma sociedade que está ocupada e preocupada com o “mercado das aparências” (SIBILIA, 2008). Por isso, consideramos que este trabalho contribui para entendermos esse fenômeno recente, chamado de *sexting*, bem como a sua relação com a sociedade do espetáculo.

Referências

- ADOLESCENTES postam fotos sensuais na internet. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/noticia-clipping/adolescentes-postam-fotos-sensuais-na-internet>>. Acesso em: 15 jun. 2012a.
- ADOLESCENTES fazem sexo livremente e exibem vídeos na internet como troféus. Disponível em: <<http://routenews.com.br/index/?p=6386>>. Acesso em: 15 jun. 2012b.
- ADOLESCENTES confessam terem postado vídeo de sexo oral na internet. Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2011/11/18/24202/adolescentes-confessam-terem-postado-video-de-sexo-oral-na-internet/?page=8>>. Acesso em: 15 jun. 2012c.
- ALUNA quis ser filmada durante sexo. Disponível em: <<http://youpode.com.br/?p=37315#more-3731523.02.1115H06M>>. Acesso em: 16 set. 2012.
- BARROS, Ana Cláudia. **Adolescentes filmam relações sexuais para competir na rede.** Disponível em: <<http://entretenimientoar.terra.com.ar/oscar/2009/interna/0,,OI4572453-EI6594.html>>. Acesso em: 22 jun. 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **44 Cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.
- CASSANTI, Moises de Oliveira. **O que cada pai deve saber sobre sexting.** Disponível em: <<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>>. Acesso em: 30 jun. 2012.
- CHARLES, Sébastien. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004. p. 11-48.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. **Microfísica do poder**. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GAROTA. **Garota de 13 anos se deixa filmar fazendo sexo com 3 adolescentes**. Disponível em: <<http://180graus.com/geral/garota-de-13-anos-se-deixa-filmar-fazendo-sexo-com-jovens-244880.html>>. Acesso em: 14 out. 2012.

IMAGENS de adolescentes fazendo sexo oral chocam Bom Retiro do Sul (RS). Disponível em: <<http://noticias.r7.com/videos/imagens-de-adolescente-fazendo-sexo-oral-chocam-bom-retiro-do-sul-rs-/idmedia/67296a8939929e2074ba01e812fd0571.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/libero/article/viewFile/3901/3660>>. Acesso em: 20 set. 2012.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela G. S. Cultura da mídia, Cultura do consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **LOGOS 30**: Tecnologias de Comunicação e Subjetividade, Rio de Janeiro, ano 16, 1. sem. 2009.

SAFERNET BRASIL. **Banner**: Você navega com segurança? Disponível em: <<http://divulgue.safernet.org.br/banners/infografico.png>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

SEX and tech. **Results from a survey of teens and Young adults**. Disponível em: <http://www.thenationalcampaign.org/sextech/PDF/SexTech_Summary.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

SEXO cada vez mais cedo. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/10862_SEXO+CADA+VEZ+MAIS+CEDOSexo%20cada%20vez%20mais%20cedo%20Reportagem%20isto%C3%A9>. Acesso em: 21 jun. 2012

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TOMAZ, Kleber. **Adolescentes aderem ao 'sexting' e postam fotos sensuais na internet**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/05/adolescentes-aderem-ao-sexting-e-postam-fotos-sensuais-na-internet.html>>. Acesso em: 15 set. 2012.

O USO da internet pelos jovens e suas consequências. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/vida/Comportamento-Pais_e_Filhos_0_356364435.html>. Acesso em: 20 set. 2012.

VÍDEO de sexo entre alunos no ginásio da escola no Pará acaba na Internet. Disponível em: <<http://youpode.com.br/?p=25575>>. Acesso em: 18 jun. 2012a.

VÍDEO com cenas de sexo entre jovens causa polêmica em escola de Belém. Disponível em: <<http://www.saiunojornal.com.br/video-com-cenas-de-sexo-entre-jovens-alunos-causa-polemica-em-escola-de-belem-menore.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012b.

5.3 O *SEXTING* E SUAS IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO ESCOLAR

Resumo: Neste artigo, temos como propósito analisar o fenômeno do *sexting* em alguns materiais – reportagens, matérias, programas televisivos, comentários –, postados na Internet, a fim de discutir como essa prática está entrelaçada com a escola. O termo *sexting* é o resultado da união de duas palavras *sex* (sexo) *texting* (envio de mensagens). Esse conceito descreve uma prática sociocultural que consiste no compartilhamento de mensagens escritas, de fotos e de vídeos, de caráter erótico/sensual/sexual, por meio de algumas tecnologias digitais. Este trabalho é de caráter qualitativo e está vinculado a pesquisas sociais. Para a produção dos dados, utilizamos a internet como instrumento de pesquisa. Para a análise dos dados coletados, utilizamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana. Ao realizarmos a análise dos dados, verificamos que a escola está atrelada a questões relacionadas ao *sexting*, pois quando este não serve como cenário para a produção dos vídeos e fotos, torna-se um espaço de discussão, comentários e de repercussão dessa prática. Além disso, a mídia massiva, ao mencionar o nome, colocar o endereço e publicar fotos das escolas envolvidas com os casos do *sexting*, acaba expondo e “punindo” essa instituição. Também evidenciamos que a escola é entendida como um espaço importante para as discussões relacionadas às sexualidades. Nesse sentido, entendemos que o *sexting* vem produzindo efeitos na escola, o que nos aponta para a necessidade de essa instância discutir temas relacionados aos corpos, às sexualidades, aos gêneros e às tecnologias, para além do enfoque biologicista.

Palavras-chave: *Sexting*. Escola. Tecnologias digitais. Educação para a sexualidade.

Contextualizando o estudo

Neste estudo, buscamos analisar o fenômeno *sexting* em alguns materiais – reportagens, matérias, programas televisivos, comentários –, postados na Internet, a fim de discutir como essa prática está entrelaçada com a escola.

O termo *sexting* foi criado no século XXI, nos Estados Unidos da América. É o resultado da união de duas palavras: *sex* (sexo) e *texting* (envio de mensagens). Esse conceito faz menção a uma prática sociocultural, que consiste no compartilhamento de mensagens escritas, de fotos e de vídeos, de caráter erótico/sensual/sexual, por meio de algumas tecnologias digitais (*smartphones*, celulares, *e-mails*, sites de redes sociais, *webcams*, entre outras), com pessoas próximas e conhecidos/as (como namorados/as, “ficantes”, “paqueras”, amigos/as) ou para desconhecidos/as, quando postado na internet, por exemplo (SAFERNET BRASIL, 2012). Nesse sentido, o *sexting* consiste na exposição da sexualidade para um indivíduo específico ou para uma multidão; este pode ser entendido como uma manifestação da espetacularização do eu (SIBILIA, 2008).

A prática do *sexting* vem sendo realizada por sujeitos de diversas faixas etárias (crianças, adolescentes e adultos/as). Em nossos estudos, analisamos materiais que abordam a prática do *sexting* com crianças e adolescentes. Alguns estudos realizados nos Estados Unidos

da América, Europa e no Brasil mostram que existe um número significativo de sujeitos que já entraram em contato com essa prática. Alguns/Algumas produzem e compartilham materiais de cunho sexual, enquanto outros/as têm acesso a estes.

No Brasil, uma pesquisa realizada pela Safernet Brasil (2012) apontou que cerca de 12% dos/as adolescentes participantes do estudo já praticaram *sexting*. Nos Estados Unidos, uma pesquisa parecida encontrou números maiores de praticantes de *sexting*: cerca de 20% dos/as adolescentes afirmaram ter compartilhado fotos e vídeos relacionados à sexualidade e à intimidade. Na Europa, a Edukids (www.eukidsonline.net) descobriu que 15% desses sujeitos já se envolveram de alguma forma com a prática do *sexting* (compartilhando ou recebendo). Assim, podemos entender o *sexting* como uma prática que vem se expandido pelo mundo todo. Também evidenciamos isso nos cursos de formação continuada que realizamos com professores/as da Educação Básica, em que sempre são relatados casos dessa prática.

Entendemos que a emergência desse fenômeno está relacionada com diversos fatores, tais como: popularização e democratização das tecnologias digitais, a conquista e sedução de parceiros/as, a vivência de novas sensações e prazeres, a necessidade de adquirir visibilidade, o afrouxamento de fronteiras entre o âmbito público e o privado, a constituição da sociedade do espetáculo, entre outros. Nesse viés, a sexualidade torna-se uma mercadoria, isto é, algo a ser negociado em troca de “fama”, visibilidade ou de uma determinada conquista. Esse fenômeno permite-nos evidenciar a constituição de outros modos de viver a sexualidade.

Entendemos a sexualidade como uma construção social, cultural, biológica e histórica, que está articulada a poderes e saberes e que é produzida por meio de diversos discursos que circulam em nossa sociedade (FOUCAULT, 2007a). Nesse sentido, esta pode ser entendida como um dispositivo histórico¹⁹, pois se constituiu ao longo da modernidade como um domínio que precisava ser conhecido, analisado e investigado, por diversas instâncias, instituições e campos do saber. Isso possibilitou que ocorresse uma proliferação discursiva. Ou seja, diversos saberes foram produzidos sobre esse tema. Além disso, esta está conectada com relações de poder, pois esses saberes são produzidos por meio de uma multiplicidade de forças, lutas e estratégias, que estão presentes nas diversas relações entre os

¹⁹ Esse conceito pode ser entendido como uma rede heterogênea, de tudo o que é dito e não dito sobre um determinado domínio, em um determinado momento histórico em nossa sociedade, que tem como objetivo responder a uma urgência. Assim, o dispositivo emerge com a função de normalizar e controlar os corpos dos sujeitos, a fim de que eles possuam determinados comportamentos (FOUCAULT, 2008).

sujeitos. Um exemplo disso é que não são todos os sujeitos considerados com autoridade para discutir sobre esse assunto.

O dispositivo da sexualidade atua no gerenciamento e administração da sexualidade e está vinculado à constituição de sujeitos, que são produzidos pelas normalizações estabelecidas. Esse dispositivo tem como “razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2007a, p. 118).

Para controlar a população, diversas instituições sociais e campos do saber, tais como a família, a escola, o exército, a Medicina, a Psicologia etc., foram convocados a observar, disciplinar e esquadrihar a vida dos sujeitos, a fim de produzir saberes sobre a sua sexualidade e regulá-la. Dentre essas instituições, a escola tem se destacado, pois a educação escolarizada é considerada pelo Estado, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 2005), uma passagem obrigatória para as crianças e os/as adolescentes. Esses sujeitos têm o direito de ter acesso a esta. Desse modo, a maioria dos sujeitos transita nessa instituição, por um período considerável de suas vidas. A democratização e a obrigatoriedade da educação escolarizada vêm com o propósito de promover um disciplinamento nos sujeitos, inculcando comportamentos, normas e padrões. A escola pode ser considerada uma eficiente maquinaria de normalização e produção de sujeitos disciplinados. Para Alfredo Veiga-Neto, “a instituição escolar pode ser entendida como uma maquinaria capaz de moldar subjetividades para algumas formas muito particulares de viver socialmente o espaço e o tempo” (2003, p. 107). Assim, a escola não ensina apenas conteúdos “dito científicos”; transmite modos de ser e regula as vida dos sujeitos.

Nessa perspectiva, as instituições pedagógicas também se tornaram instâncias que se ocuparam em controlar, vigiar e normalizar a sexualidade das crianças e dos/as adolescentes. Diferentemente do que muitas vezes se afirma sobre o fato de as escolas não falarem sobre sexualidade, Foucault (2007a, p. 36) salienta que, “desde o século XVIII, ela [instituição pedagógica] concentrou as formas de discurso nesse tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores”.

Desse modo, as escolas, ao invés de imporem um silêncio em torno do sexo, vêm atuando na incitação dos discursos relacionados à sexualidade, com base em algumas regras que regulam tais discursos. Para tanto, estas estabelecem algumas estratégias de poder-saber que ensinam modos de ser, estar, pensar e se comportar em relação à sexualidade. Segundo Louro (2007, p. 31), na “escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privado, é exercida uma pedagogia da

sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras”.

Por meio de diversas práticas pedagógicas; ou seja, das regras estabelecidas (roupas permitidas e proibidas), dos artefatos culturais utilizados (livros, vídeos, charges etc.), da organização dos espaços (filas, banheiro, sala de aula), da postura de professores/as e de todos/as os/as envolvidos/as, as escolas constituem os sujeitos de um determinado modo.

Essa pedagogia da sexualidade, que disciplina os corpos e as sexualidades dos sujeitos, é realizada de forma minuciosa e discreta, passando muitas vezes despercebidas no cotidiano escolar. Assim, “tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (LOURO, 2007, p. 17).

Além de realizar uma pedagogia normalizadora da sexualidade, a escola também atua no controle dos sujeitos. Para tanto, a escola cria diversas estratégias (estabelece posições na sala de aula, regula o uso do banheiro, coloca câmeras em alguns locais, contrata inspetores/as, entre outros) para regular e conhecer com minúcias as atitudes dos sujeitos. “Os construtores e organizadores escolares haviam se colocado ‘num estado de alerta perpétuo’ em relação à sexualidade daqueles que circulam na instituição escolar” (LOURO, 2008a, p. 106).

Todo esse disciplinamento e controle dos sujeitos são realizados com o intuito de que a sexualidade não fosse exposta e escancarada na escola; ou seja, que esta restringisse-se ao âmbito privado. Assim, a escola ensina que a sexualidade é uma questão privada, que não deve estar nesse espaço, que é considerado um espaço público.

Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política (LOURO, 2007, p. 27).

O *sexting* coloca esse entendimento em xeque, pois mostra que essas temáticas também estão presentes nesse espaço. Além disso, esse fenômeno desestabiliza-nos por expor algo que é entendido como do âmbito privado, como a sexualidade, por exemplo. Nesse viés, este artigo enfoca a discussão do *sexting* e a sua relação com a instituição escolar.

Tecendo os caminhos metodológicos

Este trabalho é de caráter qualitativo; está vinculado a pesquisas sociais, que têm como propósito conhecer e entender fenômenos sociais e culturais presentes em nossa

sociedade. Este estudo pode ser considerado uma pesquisa social, pois procura entender um fenômeno sociocultural, o *sexting*, em sua complexidade.

Sabemos que um dos problemas enfrentados pelas pesquisas sociais são as ferramentas utilizadas para produção dos dados, pois, para aprofundar os estudos, é importante ter uma estratégia que facilite o acesso de materiais em larga escala. No entanto, poucos são os métodos que possibilitam entender um determinado fenômeno amplamente. A internet pode ser considerada uma grande oportunidade para as pesquisas sociais, pois possibilita que consigamos produzir dados em nível macro; ou seja, temos mais acessos aos materiais que desejamos, como salientam Halavais (2012) e Fragoso, Recuero e Amaral (2012). Nesse estudos, utilizamos a internet para a produção dos dados, pois entendemos que esta possibilitou-nos ampliar nosso *corpus* de análise.

Utilizamos a internet como “instrumento” de pesquisa; ou seja, como um ambiente de produção dos dados empíricos (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012). A busca dos dados foi realizada por meio do *site* da empresa on-line Google.

A fim de encontrar materiais que discutissem de alguma forma sobre o *sexting*, utilizamos alguns termos chaves, tais como: “*sexting*”, “vídeos de adolescentes postados na internet”, “fotos sensuais de adolescentes na internet”, “reportagens sobre vídeos de sexo entre adolescentes na internet”.

No total, encontramos 48 materiais na internet, que relatavam casos sobre *sexting* e discutiam essa prática. Dentre esses materiais, tivemos acesso às notícias e reportagens publicadas em revistas e jornais, presentes em *sites* e portais de informação, postagens de *blogs* e alguns programas televisivos, postados no *Youtube*. Alguns desses materiais continham comentários de internautas sobre as situações relatadas. Tais comentários também passaram a fazer parte do *corpus* de análise.

Ao olhar os materiais, evidenciamos que, dentre os dados produzidos, trinta e sete (37) destes discutiam sobre casos relacionados à produção de vídeos caseiros que mostravam relações sexuais. É importante destacar que alguns desses materiais discutiam sobre os mesmos casos, mas com enfoques diferentes. Três (3) abordavam discussões sobre a prática de publicação de fotos sensuais. Oito (8) falavam de modo geral sobre o *sexting*: causas, consequências, modas, competições, relação dos pais e da escola, sexualidade adolescente etc.. Foram selecionados os materiais postados no período de 2008 a 2012. Neste artigo, analisamos dezesseis (16) materiais, que trazem enunciações relacionadas ao espaço da escola.

Para a análise dos dados coletados, utilizamos algumas ferramentas da Análise do Discurso foucaultiana. Investigamos as enunciações presentes no material empírico produzido que abordassem a relação entre o *sexting* e a escola.

As enunciações podem ser narrativas, imagens, vídeos etc.; ou seja, estas são um conjunto de signos que emergem em um determinado momento social, cultural, econômico, histórico e político. Assim, as enunciações podem ser compreendidas como acontecimentos que são contingentes e singulares. Quando a multiplicidade de enunciações “fala” sobre o mesmo objeto, forma-se o enunciado. Para Foucault, “os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (2009, p. 36). Esses conjuntos de enunciados estão apoiados em formações discursivas. Estas estão relacionadas às condições sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas que a sociedade está vivenciando. São os conjuntos de enunciados, ancorados em uma determinada formação discursiva que formam um determinado objeto, ou seja, que estão constituindo um determinado discurso. Entendemos, assim, que a mídia vem produzindo um discurso sobre a prática do *sexting*.

Seguindo algumas ferramentas da Análise do Discurso, ao analisarmos os elementos que formam o discurso, como as enunciações, por exemplo, buscamos fugir de interpretações. De acordo com Foucault, ao realizar a análise discursiva, temos que nos preocupar com a regra da exterioridade. Isto é, não devemos olhar os discursos procurando em que lugar está

o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras (FOUCAULT, 2007c, p. 53).

Nesse sentido, neste trabalho procuramos analisar o material empírico sem procurar encontrar o que está presente em suas entrelinhas. Em vez disso, enfocamos no que está dito. Além disso, buscamos entender as condições de existência dos dados, ou seja, discutimos o que possibilitou que os materiais postados na internet apontassem para a escola como uma instituição implicada nas questões relacionadas ao *sexting*. Para Rosa Fischer, realizar a análise do discurso é dar conta de conhecer “as relações históricas, de práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ nos discursos” (2001, p. 198-199). Por esse viés, escolher essa estratégia de análise é procurar conhecer os processos históricos e socioculturais que estão envolvidos na constituição dos discursos sobre *sexting*.

É esse o caminho que seguimos: olhar o discurso em sua exterioridade e conhecer suas condições de existências, para analisar o que vem sendo dito pela mídia sobre o entrelaçamento da prática do *sexting* com as escolas.

Discutindo os entrelaçamentos entre o *sexting* e a escola

Ao analisarmos os materiais empíricos que discutem sobre *sexting*, podemos evidenciar que alguns vídeos foram gravados no interior da escola. Assim, alguns espaços dessas instituições, como as salas de aula, os banheiros e as quadras esportivas, serviram de cenário para a produção de vídeos eróticos/sexuais. Conforme podemos perceber nos seguintes fragmentos:

Um vídeo de dois alunos adolescentes fazendo sexo numa sala de aula de uma escola pública chocou a cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Segundo um jornal local, as imagens foram gravadas a pedido da adolescente de 14 anos. O rapaz tem 15 (ALUNA, 2012).

No Paraná, no principal colégio do Estado, as cenas de sexo, entre uma aluna e dois estudantes, foram no banheiro (VÍDEO, 2012a).

Além disso, quando a escola não serve de cenário para a produção de vídeos e fotos, de cunho sexual/erótico/sensual, esta torna-se um espaço de repercussão dessas práticas que acontecem fora desse local. Tais situações tornam-se polêmicas, passando a ser alvo de comentários e julgamentos na comunidade escolar, conforme podemos notar nos excertos a seguir:

Uma das meninas envolvidas estudava no maior colégio da cidade. Os professores tiveram que interromper as aulas para tratar do tema (WOBETO, 2012).

A Polícia Civil de Varginha (MG) investiga a autoria de um vídeo com imagens pornográficas que circulou em uma escola da cidade. Nas gravações, que estão em dois aparelhos de celular, aparecem três rapazes e uma garota de 14 anos em cenas de sexo (VÍDEO, 2012d).

Por meio dessas enunciações, evidenciamos que as escolas vêm servindo como ambiente para a produção de vídeos e fotos que escancaram a sexualidade dos sujeitos e como um espaço de repercussão sobre o *sexting*. Tal indício mostra-nos que as temáticas

relacionadas à sexualidade estão presentes no cotidiano escolar; e imbricadas em diversas situações, como nas práticas dos/as professores/as e dos/as alunos/as, no uso das tecnologias digitais, no namoro no corredor, no ato sexual que ocorre dentro dessa instituição, entre outros casos. Nesse sentido, a prática do *sexting* confirma a ideia de que a escola é um espaço sexualizado. De acordo com Michel Foucault,

As instituições escolares ou psiquiátricas com sua numerosa população, sua hierarquia, suas organizações espaciais e seu sistema de fiscalização constituem, ao lado da família, uma outra maneira de distribuir o jogo dos poderes e prazeres; porém, também indicam regiões de alta saturação sexual com espaços ou ritos privilegiados, como a sala de aula, o dormitório, a visita ou a consulta. Nelas são solicitadas e implantadas as formas de uma sexualidade não conjugal, não heterossexual, não monogâmica (2007a, p. 54).

Com isso, a escola pode ser entendida como um espaço privilegiado para emergência das questões relacionadas à sexualidade, pois existem diversos sujeitos convivendo e relacionando-se nesse âmbito. Esta pode ser considerada uma instituição de máxima saturação sexual. O *sexting* quando repercute e é realizado na escola reforça a ideia de Michel Foucault, de que essa instituição é um lugar incitador e multiplicador de situações que envolvem à sexualidade. Além disso, essa prática, quando realizada no âmbito educativo, contribui para a proliferação de uma sexualidade que não se restringe a casais monogâmicos e ditos legítimos. Ou seja, é um lugar propício para a emergência de práticas sexuais consideradas subversivas.

Nesse sentido, a sexualidade, assim como *sexting*, não é um tema privado. Por isso, é preciso problematizar os entendimentos que trazem essas questões apenas sob o viés de sua pertença ao âmbito privado. Essa temática deve ser debatida pela escola de forma sistemática, pois se trata de um assunto que envolve questões políticas. Este também pode ser entendido como um campo de disputa, pois existem conflitos de opiniões sobre esse tema. Para Louro (1998, p. 86), “a sexualidade, não há como se negar, é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado”.

Nos materiais analisados, é possível verificar que a escola é entendida como uma instância de destaque para realizar discussões e problematizações em relação às temáticas vinculadas à sexualidade. Assim, essa instituição é um ambiente propício para os debates em relação à prática do *sexting*. Como podemos evidenciar nas enunciações a seguir:

A pouca ou nenhuma orientação ministrada nas escolas também é uma lacuna significativa. Desde 1998, o Ministério da Educação sugere que a educação sexual seja introduzida nas

instituições de ensino. Por não ser uma disciplina curricular, algumas acolhem, outras não (SEXO, 2012).

A psicóloga Kátia Kos alerta que é preciso discutir mais o tema sexualidade na escola (VÍDEO, 2012b).

A Safernet tem trabalhado na formação de mais de 4 mil educadores no Brasil. São aplicadas sugestões de exercício nas salas de aula para trabalhar esse tema (TOMAZ, 2012).

Para a Secretaria de Estado da Educação (SEED), casos como este devem ser combatidos com informação. “Nós temos ainda um índice muito alto de gravidez na adolescência, de incidência de doenças sexualmente transmissíveis e tudo isso por uma experiência de sexualidade precoce. Então, a conversa é muito importante para que eles entendam quais são os riscos de atos impensados”, disse Alayde Digiovanni, superintendente da Secretaria de Educação (ANGELI, 2012).

Alguns estudos, como os realizados por Paula Ribeiro (2002), Suzana Barros (2010) e Izaura Cruz (2014), vêm mostrando que as escolas discutem sobre as questões relacionadas à sexualidade. No entanto, as abordagens ainda estão atreladas a um discurso biológico, em que temas como a fisiologia e a morfologia dos sistemas genitais, a reprodução, o uso de métodos contraceptivos, a higiene e as doenças sexualmente transmissíveis acabam sendo enfocados. Tais discussões são realizadas principalmente nas disciplinas de Ciências e Biologia. Assim, o debate sobre tais abordagens torna-se legítimo na escola. De acordo com Cruz,

[...] é recorrente a necessidade de vinculação da discussão de sexualidade a conteúdos “científicos”, havendo referências freqüentes a: “apresentar para os/as estudantes uma linguagem mais adequada” ; “utilizar termos científicos”; e a própria vinculação das discussões de sexualidade aos conteúdos relativos aos aparelhos reprodutores. Tal posição nos parece uma tentativa desses/as professores/as de legitimar a discussão de sexualidade a partir do argumento científico (2014, p. 5).

Nesse sentido, parece que a discussão relacionada à sexualidade nas escolas restringe-se ao discurso científico, posicionando esse tema como de natureza biológica, que é universal e vivenciado por todos/as de forma homogênea, independentemente de questões sociais, culturais e históricas. A sexualidade acaba sendo discutida de forma pontual e esporádica, tornando-se um assunto a ser abordado apenas nas aulas de Ciências e Biologia,

principalmente quando o/a professor/a está trabalhando os conteúdos relacionados ao sistema genital.

Tal enfoque impossibilita que as discussões sobre a prática do *sexting* ocorram no âmbito da escola. Entendemos que as discussões vinculadas à sexualidade devem ser conduzidas de forma sistemática; ou seja, ao longo de diversos momentos do ano letivo. Defendemos que, além de abordar as questões biológicas, sejam também discutidos aspectos culturais, históricos, sociais; e que sejam incorporadas discussões sobre a diversidade sexual e de gênero, violência sexista e homofóbica e as diversas formas de viver os prazeres e desejos entre outras abordagens. Assim, estaríamos contribuindo para que fenômenos, como o *sexting*, que envolvem as questões relacionadas aos corpos, aos gêneros, às sexualidades e às tecnologias digitais sejam debatidas na escola.

Entendemos ser importante que a sexualidade seja incorporada nas práticas pedagógicas escolares, abordando temas como a prática do *sexting*, a distinção entre o público e privado etc.. Tais discussões devem problematizar os efeitos de tais práticas na vida dos jovens, pois publicizar a vida íntima (sexualidade) pode trazer algumas consequências para os/as protagonistas do *sexting*, tais como: ser alvo de deboches, ser agredido/a, ser ridicularizado/a. É importante salientar que alguns/algumas protagonistas dessa prática foram alvo de *bullying*, de forma bastante severa. Existem casos em que os/as adolescentes tiveram que trocar de escolas, bairros, cidades; e, inclusive, há casos de suicídios.

Outra forma de envolvimento da escola com o *sexting* é realizado quando a mídia expõe essa instituição em suas matérias e reportagens. Como podemos perceber nos segmentos abaixo:

*A Polícia Civil de São Carlos, já sabe quem divulgou na internet um vídeo onde um casal de adolescentes aparecia fazendo sexo oral em uma sala de aula da **Escola Estadual Jesuíno de Arruda** (POLÍCIA, 2012a).*

*O vídeo com as imagens pornográficas teria sido feito no interior da **Escola Estadual Batista Leite**, que fica localizada na rua Coronel José Vicente, no Centro (VÍDEO, 2012e).*

*Um **vídeo de sexo** entre alunos dentro do banheiro do Colégio Estadual do Paraná (CEP), a maior escola pública do Paraná, foi parar na internet (VÍDEO, 2012c).*

*A Polícia Judiciária Civil prendeu na manhã desta sexta-feira (14), um jovem de 18 anos, acusado de ter divulgado imagens de uma adolescente nua, aluna do **Colégio Maxi**, em Cuiabá (POLÍCIA, 2012b).*

Ao analisarmos esses excertos, constatamos que a escola acaba sendo exposta pela mídia, pois o nome e imagens da instituição são disseminados e expostos para todos/as, quando postados na internet. Entendemos que ao identificá-la, a mídia, de certa forma, acaba tornando-a alvo de apontamentos e culpabilizações. Essa instituição torna-se alvo de tamanha exposição, pois, ao longo da história, esta foi se constituindo como uma instância disciplinar, que deveria vigiar e controlar os corpos e as sexualidades das crianças e dos/as adolescentes, para que comportamentos considerados subversivos, como o *sexting*, por exemplo, não ocorressem em seu interior. Segundo Foucault, a partir do século XVIII, diversas instituições, inclusive a escola, foram se constituindo como espaços de controle. Desse momento em diante, “o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas” (FOUCAULT, 2007a, p. 36). Assim, a fim de realizar o disciplinamento dos corpos e das sexualidades, as escolas produziram algumas estratégias normalizadoras, que tinham como objetivo regular os comportamentos, pensamentos, atitudes, desejos e prazeres dos sujeitos. Quando a escola “falha” nessa tarefa, esta acaba sendo responsabilizada pelos atos dos sujeitos que desta fazem parte. A mídia, ao expor imagens e fotos da instituição, onde os casos do *sexting* ocorrem, acaba por penalizar e expor essa instância.

Alguns vídeo caseiros de relações sexuais foram produzidos com os/as protagonistas uniformizados. Esse fato tornou-se algo a ser mencionado nos materiais publicados na internet. Assim, a mídia acaba envolvendo de alguma forma a escola nos casos relacionados ao *sexting*.

*No vídeo é possível ver a garota ajoelhada com **uniforme** da escola e o estudante sentado em uma cadeira. Tudo aconteceu dentro da sala de aula (VÍDEO, 2012f).*

*Um menino de 15 e uma menina de 14 anos gravaram cenas de sexo, **uniformizados**, dentro da sala de aula de uma escola pública na cidade de São Carlos, interior de São Paulo com um celular (ADOLESCENTES, 2012d).*

*As filmagens mostram quatro pessoas: dois rapazes e duas adolescentes, sendo que três deles estudam na Escola Estadual Mizaél Pinto Neto, no centro da cidade. No vídeo, as meninas aparecem **uniformizadas** (VÍDEO, 2012g).*

Ao olhar os fragmentos, evidenciamos que a mídia procura salientar de alguma forma o uso do uniforme pelos/as protagonistas da prática do *sexting*. Entendemos que essa ênfase no uniforme está ligada à questão de pertencimento à escola. Louro salienta que, em

sua época escolar, o uso de uniforme estava vinculado à imagem da escolar e à constituição desse espaço.

Talvez se esperasse que nós fôssemos, também, uma espécie de estudante "padrão". Lembro-me de ouvir, sempre, a mensagem de que, vestidas com o uniforme da escola, nós "éramos a escola"! Isso implicava a obrigação de manter um comportamento "adequado", respeitoso e apropriado, em qualquer lugar, a qualquer momento (2007, p. 19).

Nesse sentido, o uniforme é um demarcador identitário das escolas, podendo ser considerado um gênero simbólico, que, ao ser corporificado em uma determinada instância social, carrega consigo tudo o que uma determinada instituição acredita e defende. Assim, quando os/as estudantes utilizam essa vestimenta, eles/as estão expondo os ideais, valores, filosofia e pressupostos. Dessa forma, espera-se que os/as alunos/as tenham comportamentos considerados “adequados” por uma determinada instituição. Estar uniformizado é, de alguma forma, representar a instituição. O uso de tal vestimenta “exige do aluno uma postura exemplar, zelando assim pela imagem da instituição onde estudam e inevitavelmente também representam, sem importar se estão dentro ou fora da escola” (MARCON, 2010, p.17-18).

Quando os/as estudantes transgridem as regras, como exibir a sexualidade para uma multidão, por exemplo, não só eles/elas são culpabilizados, mas a escola também fica marcada e reconhecida pela subversão ocorrida, tornando-se alvo de denúncias e apontamentos por parte da mídia.

Ao analisarmos esses materiais, verificamos que vários sujeitos são convocados a falar sobre essa prática, tais como delegado de polícia, psicólogo/a, conselheiro/a tutelar, diretor/a da escola. Nesse estudo, apresentamos apenas enunciações que remetem aos diretores/as das escolas onde a prática ocorreu ou teve repercussão.

A diretoria de ensino do município vai apurar o fato para saber se houve falha por parte da escola. O Conselho Tutelar encaminhou o caso para a promotoria da Vara da Infância e Juventude (ALUNA, 2012).

*O conselho já ouviu inclusive a **direção da escola** e os pais dos adolescentes, tendo encaminhado as denúncias para a polícia e a promotorias da infância (VÍDEO, 2012e).*

Os/As diretores/as escolares possuem várias atribuições na escola. Eles/as estão envolvidos com: a gestão escolar, os planejamentos, a construção dos currículos, o desenvolvimento profissional, entre outras questões. Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi,

[...] as áreas de atuações desses profissionais estão divididas em três blocos : o primeiro, de áreas vinculadas às finalidades da escola (projeto, currículo, ensino); o segundo, daquelas relacionadas aos meios (práticas de gestão e desenvolvimento profissional); o último, o da avaliação, envolvendo todas as demais áreas, incluindo os objetivos e os resultados (2007, p. 355).

Como esses/as profissionais são considerado os/as responsáveis pela administração da instituição escolar, são eles/as quem respondem pela escola, principalmente quando acontece algo que é entendido como subversivo nesse ambiente.

Assim, compreendemos que são os/as diretores/as os sujeitos convocados a discutir sobre os casos que envolvem a prática do *sexting*, pois esse fenômeno é entendido como algo que subverte a ordem e, por isso, trata-se de um problema a ser solucionado pelas escolas. Quando os/as diretores/as são convocados/as a falar sobre as situações envolvendo o fenômeno do *sexting*, estes/as devem informar sobre: a repercussão do caso na escola, as providências que a escola tomou nessa situação, o que foi feito com os/as alunos/as praticantes do *sexting*. Além disso, são chamados a dar explicações sobre como eles/as permitiram que as fotos e vídeos fossem produzidos interior da instituição. Assim, a escola acaba sendo culpabilizada por possibilitar que os materiais tenham sido produzidos em suas dependências.

Os/As diretores/as são considerados os sujeitos que devem estar envolvidos na resolução de problemas escolares; ou seja, são eles/as os/as qualificados/as a discutir sobre os casos que envolvem o *sexting*. Para Foucault, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (2007c, p. 37). Tais enunciações possibilitam-nos evidenciar o discurso do saber autorizado: existem pessoas e campos do saber que têm o direito privilegiado de falar sobre determinados temas.

Enfim...

Estudar o fenômeno do *sexting* tem nos possibilitado perceber as reconfigurações pela qual a sexualidade está passando, dentre estas a sua transformação em algo a ser visibilizados por meio das tecnologias digitais. Assim, emergem outras formas de vivenciar os prazeres e desejos, pois entendemos que essas modificações estão atreladas a algumas questões sociais, históricas, econômicas, políticas e culturais. Para Louro (2007, p. 9), as “várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de forma mais explícita do que antes)”.

Verificamos que a escola acaba envolvida nas questões relacionadas ao *sexting*, quando serve de cenário para a produção dos vídeos e fotos e quando se torna o espaço de discussão, comentários e repercussão dessa prática. Isso mostra-nos o quanto essas questões estão presentes no cotidiano dessa instituição.

Nos materiais analisados, é mencionada a importância das temáticas vinculadas à sexualidade a ao *sexting* de serem discutidas nas escolas. Entendemos que a escola é um espaço sexualizado, que precisa implementar discussões sobre os temas relacionados à sexualidade em suas práticas pedagógicas. No entanto, acreditamos que as discussões escolares devam ir além do discurso biológico, possibilitando que os/as estudantes possam pensar e repensar em seus modos de viver a sexualidade.

Ao analisarmos o material empírico, notamos que a mídia expõe a escola quando cita o nome e as fotos das instituições envolvidas como casos do *sexting*. Desse modo, a mídia acaba “punindo” essa instituição, que acaba sendo responsabilizada pela ocorrência de tais casos. Consideramos que esse destaque que a mídia dá à escola está vinculado ao entendimento de que estas são instâncias disciplinadoras, que devem estar envolvidas no controle e normatização dos sujeitos.

Outro modo de envolver a escola com esses casos é quando o material analisado salienta que os/as protagonistas dos vídeos e fotos que foram produzidos estavam vestidos com o uniforme escolar. Tal enfoque está relacionado à questão identitária, pois estar com essa vestimenta é representar uma determinada instituição. Quando os/as envolvidos/as em casos de *sexting* mostram o uniforme é como se estivessem exibindo um padrão que é seguido nesse espaço. Para Dinah Beck (2012, p. 214), o uniforme acaba constituindo uma “identidade coletiva dos/as estudantes com sua instituição de ensino”.

Cabe salientar que a mídia sempre procura a escola, para saber o seu posicionamento sobre a prática do *sexting*, realizada por seus alunos/as. Nos materiais analisado, são os/as diretores/as que “falam” sobre o assunto. Assim, esses/as profissionais são considerados/as os/as sujeitos/as autorizados/as a falar sobre o posicionamento da instituição sobre esses casos.

Nesse viés, entendemos que este trabalho contribui para pensarmos a importância de discutirmos sobre a sexualidade e sobre as tecnologias digitais e suas implicações na escola, que acaba sendo envolvida de alguma forma nos casos de *sexting*. Entendemos que fenômenos como esse devam ser problematizados, a fim de que os/as estudantes possam (re)pensar sobre a sexualidade em sua vida cotidiana.

Referências

ADOLESCENTES fazem vídeo pornográfico em escola do interior de São Paulo. Disponível em <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/adolescentes-fazem-video-pornografico-em-escola-do-interior-de-sao-paulo-20110227.html>>. Acesso em: 15 jun. 2012d.

ALUNA quis ser filmada durante sexo. Disponível em: <<http://youpode.com.br/?p=37315#more-3731523.02.1115H06M> Descreve caso-site>. Acesso em: 16 set. 2012.

ANGELI, Gladson. **Alunos são afastados após filmar cena de sexo em banheiro de colégio**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=936316>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

BARROS, Suzana da Conceição de. **Corpos, Gêneros e Sexualidades**: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS. Rio Grande, 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2010.

BECK, Dinah Quesada. **Com que roupa eu vou?** Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis. Porto Alegre, 2012. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

BRASIL. Ministério de Comunicação Social. Secretaria dos Direitos Humanos. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: MEC/ACS, 2005.

CRUZ, Izaura Santiago da. Percepções de professoras de ciências sobre gênero e sexualidade e suas implicações no ensino de ciências e nas práticas de educação sexual. **Fazendo Gênero, 8**: Corpo, Violência e Poder. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Izaura_Santiago_da_Cruz_10.pdf> . Acesso em: 18 mar. 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: graal, 2007a.

_____. **A Ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007c.

_____. **Microfísica do poder**. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

HALAVAI, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 11-16.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

LIBÂNIO, José Carlos OLIVEIRA, João Ferreira de TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas estrutura e organização** São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação: saberes pedagógico).

LOURO, Guacira. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (Org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 86 – 96. (Cadernos Educação Básica).

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado**. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 07-34.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul)**. Caxias do Sul, 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

POLÍCIA já sabe quem divulgou vídeo de alunos fazendo sexo oral em sala de aula. <<http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/lmno/item/20225-pol%C3%ADcia-j%C3%A1-sabe-quem-divulgou-v%C3%ADdeo-de-alunos-fazendo-sexo-oral-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 20 jun. 2012a.

POLÍCIA Civil prende jovem que divulgou foto de adolescente nua na internet. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Policia_Civil_prende_jovem_que_divulgou_foto_de_adolescente_nua_na_internet&id=262674>. Acesso em: 20 jun. 2012b.

SAFERNET BRASIL. **Banner: Você navega com segurança?** Disponível em: <<http://divulgue.safernet.org.br/banners/infografico.png>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SEXO cada vez mais cedo. Disponível em <http://www.istoe.com.br/reportagens/10862_SEXO+CADA+VEZ+MAIS+CEDOSexo%20cada%20vez%20mais%20cedo%20Reportagem%20isto%C3%A9>. Acesso em: 15 jun. 2012.

TOMAZ, Kleber. **Adolescentes aderem ao 'sexting' e postam fotos sensuais na internet**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/05/adolescentes-aderem-ao-sexting-e-postam-fotos-sensuais-na-internet.html>>. Acesso em: 15 set. 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In: COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.103-126.

VÍDEO de sexo entre alunos no ginásio da escola no Pará acaba na internet. Disponível em: <<http://youpode.com.br/?p=25575>>. Acesso em: 18 jun. 2012a.

VÍDEO com cenas de sexo entre jovens causa polêmica em escola de Belém. Disponível em: <<http://www.saiunojornal.com.br/video-com-cenas-de-sexo-entre-jovens-alunos-causa-polemica-em-escola-de-belem-menore.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012b.

VÍDEO de sexo no banheiro entre adolescentes do Paraná (CEP). Disponível em: <<http://dicasgratisninet.blogspot.com.br/2009/10/video-de-sexo-no-banheiro-entre.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012c.

VÍDEO com cenas de sexo entre adolescentes vai parar na polícia. Disponível em: <<http://www.saiunojornal.com.br/video-com-cenas-de-sexo-entre-adolescentes-vai-parar-na-policia-alunos-escola-varginha-x.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012d.

VÍDEO de adolescentes fazendo sexo no interior de uma escola em Sousa, no Sertão paraibano. Disponível em: <[HTTP://trabalhosfeitos.blogspot.com.br/2010/09/video-de-adolescentes-fazendo-sexo-no.html](http://trabalhosfeitos.blogspot.com.br/2010/09/video-de-adolescentes-fazendo-sexo-no.html)>. Acesso em: 18 jun. 2012e.

VÍDEO polêmico denuncia casal de adolescentes fazendo sexo oral em banheiro de escola. Disponível em: <<http://www.blogando20.com/2011/03/video-polemico-denuncia-casal-de-adolescentes-fazendo-sexo-oral-em-banheiro-de-escola.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012f.

VÍDEO de sexo entre adolescentes deixa pais perplexos em Aracruz. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/05/90123-video+de+sexo+entre+adolescentes+deixa+pais+perplexos+em+aracruz.html>. Acesso em: 18 jun. 2012g.

WOBETO, Simone. **Cenas de sexo entre adolescentes se espalham em Bom Retiro do Sul.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/lajeado/2011/04/16/cenas-de-sexo-entre-adolescentes-se-espalham-em-bom-retiro-do-sul/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

5.4 O *SEXTING* E O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE

Resumo: O fenômeno do *sexting* tem como premissa o compartilhamento e postagem de mensagens, fotos e vídeos de cunho erótico/sensual/sexual por meio das tecnologias digitais. Os sujeitos que aderem a tal prática têm como propósito conquistar parceiros/as, tornar-se celebridades, vencer apostas, entre outros. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir o *sexting* na adolescência e a sua relação com o dispositivo da sexualidade. Usamos a internet como ferramenta para a produção dos dados empíricos sobre *sexting*, para tanto realizamos uma busca no *Google Search*. Para realizar a análise dos dados, utilizamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana. Ao analisarmos o material empírico evidenciamos que a sexualidade é entendida como uma essência, que está atrelada a uma biologia dos corpos e que aflora principalmente na adolescência. Além disso, verificamos que a sexualidade é entendida como algo que deve controlada, normalizada e gerenciada, através de práticas disciplinares e de controle, principalmente por instâncias como a família e a escola. Contudo entendemos que a prática do *sexting* vem produzindo uma atualização no dispositivo da sexualidade, pois vem expondo a intimidade e a sexualidade, que ao longo da modernidade foram constituídas como de âmbito privado, na esfera pública. Assim, esse estudo possibilita-nos pensar nas articulações entre o *sexting* e o dispositivo da sexualidade.

Palavras-chave: *Sexting*. Dispositivo da sexualidade. Práticas disciplinares e de controle.

Conhecendo o estudo...

Diversos artefatos da cultura digital, como a internet, computadores, celulares *smartphones*, sites de redes sociais (Facebook, Twitter etc.), *webcams*, sistema *bluetooth*, vêm sendo utilizados por alguns sujeitos para a produção e/ou a difusão de fotos, mensagens e vídeos de conotação sexual, os quais são compartilhadas para um sujeito específico (namorado/a, “ficante”, “paquera”, amigo/a, etc.) ou para um multidão de conhecidos/as e desconhecidos/as. Para Jane Brown, Sarah Keller e Susannah Stern, é comum na contemporaneidade os sujeitos optarem,

por exibir informações sobre a sua sexualidade e vida sexual, indicando sua orientação sexual em seus perfis do SNS²⁰, postando histórias e poemas sobre o desejo sexual e experiência em blogs, compartilhando fotos nuas ou semi-nuas e vídeos de si mesmos no perfis SNS e através de telefones móveis (“sexting”), e discutir as práticas sexuais no SNS e blogs (2013).

Essa prática de visibilização da intimidade vem sendo chamada de *sexting*, que é um termo criado no século XXI, no Estados Unidos da América, pela junção de duas palavras: *sex* (sexo) e *texting* (mensagem). O fenômeno do *sexting* tem como premissa o compartilhamento

²⁰ SNS é uma abreviação utilizada para indicar os sites de redes sociais, tais como o Facebook, Twitter etc.

e postagem de mensagens, fotos e vídeos de cunho erótico/sensual/sexual por meio das tecnologias digitais. Os sujeitos que aderem a tal prática têm como propósito conquistar parceiros/as, tornar-se celebridades, vencer apostas, entre outros.

Embora o *sexting* venha sendo realizado por sujeitos de diversas faixas etárias, esta pesquisa tem como foco de estudo o *sexting* na adolescência. Autores, como Willard (2013), entendem que a prática do *sexting na* adolescência estaria ligada a características próprias dessa fase, tais como: a impulsividade, a explosão hormonal e a incapacidade biológica dos adolescentes de preverem as potenciais consequências de suas ações. Tal visão está atrelada a uma ideia biologicista da adolescência, a qual, por meio desse viés, é entendida como uma essência; ou seja, algo natural, que é vivenciado por todos/as os sujeitos de uma mesma forma.

No entanto, neste estudo procuramos nos afastar desse entendimento de adolescência como uma fase biológica e psicológica que é vivenciada de forma homogênea. Passamos a compreendê-la como um processo que se constrói discursivamente em um determinado meio social, cultural e histórico. Alguns autores/as, como Ozella (2002) e Quadrado (2006), discutem a adolescência como um grupo social que emergiu em um determinado momento histórico específico: a sociedade moderna. Nessa época, a sociedade capitalista estava passando por alguns problemas, como o desemprego em massa e uma necessidade de desenvolvimento tecnológico. Assim, com a finalidade de ocupar os jovens e de propiciar que eles/as participassem desse desenvolvimento, a solução foi mantê-los na escola. Segundo Ozella (2002, p. 22),

A extensão do período escolar , o distanciamento dos pais e da família , e a aproximação de um grupo de iguais foram as consequências dessas exigências sociais. A sociedade assiste , então, à criação de um novo grupo social com padrão coletivo de comportamento – a juventude/a adolescência. Outro fator importante é que a adolescência pode ser entendida também como forma de justificativa da burguesia para manter seus filhos longe do trabalho.

Após, esses acontecimentos constituem-se numa nova etapa da vida em sociedade: a adolescência. Esta emerge como uma fase de espera, entre a infância e a idade adulta. Sobre essa fase, são produzidos alguns discursos (rebeldia, sexualidade aflorada, irritabilidade etc.), por diversos campos de saber (Biologia, Psicologia, Sociologia, Comunicação Social etc.), que acabam engendrando a adolescência como uma etapa da vida vivenciada por todos/as de forma igualitária.

Pensarmos na adolescência como uma construção possibilita-nos fugir dos entendimentos que explicam a emergência do *sexting* na adolescência como algo vinculado a uma biologia dos corpos. Assim, entendemos que essa prática emerge devido a uma combinação de fatores sociais, históricos, econômicos e culturais que vêm ocorrendo em nossa sociedade, tais como: o deslocamento da modernidade sólida para a líquida²¹, a popularização das tecnologias digitais, a ênfase em uma sociedade preocupada em visibilizar-se de forma espetacularizada, por meio de “verdadeiros” espetáculos, a passagem da sociedade disciplinar para a de controle, a constituição de corpos e de sexualidades como mercadorias vendáveis e o afrouxamento das barreiras entre o âmbito público e o privado.

Entendemos que o *sexting* vem produzindo efeitos nos modos de viver a sexualidade, tornando-a algo a ser visibilizado e escancarado no âmbito público, produzindo, dessa forma, uma (re)atualização no dispositivo da sexualidade. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir o *sexting* na adolescência e a sua relação com o dispositivo da sexualidade.

Produzindo algumas interlocuções teóricas!

Ao revisitarmos a história da sexualidade, escrita por Michel Foucault, evidenciamos que, ao longo dos séculos, ocorreram algumas modificações na forma com que os sujeitos entenderam e vivenciaram a sexualidade. Assim, segundo o autor, não havia tantas interdições quanto à sexualidade até o século XVII. Sobre esta não reinavam segredos e a vontade de verdade: “as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se como o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, de decência, se comparados com os dos século XIX” (FOUCAULT, 2007a, p. 10). No entanto, no final do século XVII e início do XVIII, algumas rupturas começam acontecer. Iniciam-se processos exaustivos de produção e disseminação de discursos em relação à sexualidade e ao controle de sua enunciação.

A partir do final do século XVII, a pastoral cristã estabelece algumas estratégias que visam regular as questões relacionadas à sexualidade. Para tanto, estabelece-se uma série de estratégias, as quais tinham como objetivo conhecer a verdade sobre a sexualidade dos

²¹ A modernidade líquida é um termo utilizado por Bauman (2001), como uma metáfora, para descrever a contemporaneidade; esse tempo caracterizado pelas mudanças efêmeras, pela imprevisibilidade, instantaneidade etc..

sujeitos. Uma dessas estratégias era a confissão: instituiu-se que todo o bom cristão deveria narrar/confessar, de forma exaustiva e constante, seus desejos, prazeres, sentimentos, sensações, pensamentos, entre outros. A confissão servia como um instrumento de produção de saberes e de controle das sexualidades, pois os que confessavam algo que era instituído como pecaminoso, ilícito e proibido, sofriam castigos, a fim de que suas almas fossem salvas. Nesse contexto, “mais que introduzir imperativos morais ligados à sexualidade, o legado que nos foi deixado pelo cristianismo teria sido a criação de novos mecanismos e técnicas de poder para impor ou inculcar nos indivíduos uma moral sexual” (GADELHA, 2009, p. 66).

Além disso, vigoravam as leis produzidas pelo sistema jurídico, que, assim como a pastoral cristã, tinham como objetivo regular, controlar e normalizar a vida dos sujeitos. Ao final do século XVIII, “as práticas sexuais eram regidas pelos três grandes códigos: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Os três controlavam o sexo segundo as noções de lícito e ilícito, de permitido e proibido centradas nas relações de matrimônio” (FONSECA, 2007, p. 85).

No entanto, é no século XIX que ocorre uma verdadeira explosão discursiva sobre as questões relacionadas à sexualidade. Nesse momento, não são apenas a pastoral cristã e o sistema judiciário que discursivizam a sexualidade. Esta torna-se interesse público. A família, a medicina, o Estado, a educação (instituições pedagógicas), a psiquiatria, a psicologia são algumas áreas que se dedicaram a produzir verdades sobre a sexualidade. Para tanto, alguns procedimentos foram instalados em nossa sociedade, com objetivo de produzir saberes sobre essas questões. Segundo Foucault,

o importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade (2007a, p. 65).

Para extrair a verdade sobre a sexualidade dos sujeitos, eram ressignificadas algumas estratégias que buscavam conhecer os segredos mais íntimos dos sujeitos. Até seus sonhos tornavam-se alvo de análise. Dentre essas técnicas, a confissão pode ser considerada uma técnica de fazer falar. Esta era utilizada com intuito trazer à tona tudo aquilo que “se esconde ao próprio sujeito” (FOUCAULT, 2007a, P. 75). Se, na época da pastoral cristã, a confissão era usada para extrair o que o sujeito gostaria de esconder; no século XIX, esta confissão é usada para desvelar algo que nem o próprio sujeito conhece sobre a sua sexualidade. A confissão pode ser entendida como uma técnica que está atrelada a relações de poder, pois

ninguém se confessa sozinho. Sempre existe um interlocutor, que vai ouvir, avaliar, analisar e intervir na confissão, para depois castigar, punir etc. (FOUCAULT, 2007a). Por esse viés, a confissão funciona no agenciamento dos corpos, sendo utilizada com propósito de controlar os indivíduos (FONSECA, 2007).

Essa vontade de verdade, constituída a partir do século XVIII, acaba por provocar no Ocidente, o que Michel Foucault chamou de uma *scientia sexualis*. Enquanto se estabeleceu um *ars erótica* no Oriente, em que a preocupação estava em extrair e vivenciar os prazeres da sexualidade; a *scientia sexualis* estava interessada em desenvolver todo um aparato de investigação científica. Ou seja, intencionava-se conhecer verdades sobre a sexualidade. Esta estava em permanente vigilância, sendo alvo de intervenções quando necessário. Por meio da *scientia sexualis*, “a sexualidade é literalmente produzida como algo, por natureza, sujeito a processos patológicos, demandando, por isso mesmo, intervenções terapêuticas, educativas-corretivas, numa palavra, normalizadoras” (GADELHA, 2009, p. 78).

Toda essa multiplicação discursiva produzida pela *scientia sexualis* tinha como propósito produzir saberes em relação à sexualidade para que esta fosse regulada, administrada e governada, a fim de que a sociedade funcione por meio de um padrão considerado ótimo. “O sexo não se julga apenas, administra-se” (FOUCAULT, 2007a, p. 31).

Assim, a sexualidade não pode ser entendida como algo natural, uma essência que é vivenciada por todos de maneira universal, mas, sim, como algo que é produzido com base em todos esses saberes produzidos pela *scientia sexualis*. Por meio desta, fomos constituídos como sujeitos que precisam confessar todos os seus prazeres e desejos. Dessa forma, entendemos a sexualidade como uma construção sociocultural e histórica, que articula poderes e saberes e que objetiva controlar e normalizar os sujeitos; ou seja, a sexualidade é um dispositivo histórico.

No curso do século XVIII e mais marcadamente no século XIX, a sexualidade passa a ser “objeto de investigação científica, de controle administrativo e de preocupação social”. Ocorre a formação daquilo que Foucault chama de dispositivo, que, enquanto tal, envolve práticas discursivas e não discursivas referentes ao sexo (FONSECA, 2007, p. 84).

O dispositivo pode ser entendido como uma rede de elementos heterogêneos (instituições, leis decisões, enunciados etc.), envolvido na constituição de sujeitos, por meio de jogos de poder-saber. O dispositivo está relacionado com a produção de saberes, que contribuem para regular, normatizar, administrar a vida dos sujeitos. Para Marcello (2009, p.

239), “ao falarmos do conceito foucaultiano de ‘dispositivo’, estamos falando de um grande aparato discursivo, que produz incessantemente formas normais e mesmo anormais de ser sujeito”.

Assim, um dispositivo pode ser entendido como “um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente” (DELEUZE, 2005, p. 83). Para Deleuze (2005), o dispositivo envolve diversos elementos, tais como: Curvas de visibilidade, Regimes de enunciabilidade, Linhas de força, Linhas de subjetivação e Linhas de ruptura.

As curvas de visibilidade são curvas que tornam visíveis um determinado objeto. No caso do *sexting*, em um determinado contexto, “cada dispositivo tem o seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objeto que sem ela não existe” (DELEUZE, 2005, p. 84). Já o regime de enunciabilidade está relacionado ao que é permitido ser dito em determinadas condições, o que se pode falar sobre algo, como o *sexting*, em um contexto. Tal regime não está preocupado com o que se fala sobre o *sexting*; “mas aquilo que se torna possível e justificável falar” sobre essa prática (MARCELLO, 2009, p. 232).

As linhas de força estão relacionadas às relações de poder/saber. Enquanto o poder está relacionado a técnicas e estratégias de fazer falar e ver, o saber está ligado à normalização, à educação etc. (MARCELLO, 2009). As linhas de força “fixam os jogos de poder e as configurações de saber que nascem do dispositivo, mas que também o condicionam, ou seja, estabelecem estratégias de relações de força, sustentando tipos de saber ao mesmo tempo que sendo sustentadas por ele” (Ibid., p. 233).

As linhas subjetivação, por sua vez, estão envolvidas com a produção de si dos sujeitos, de como esses sujeitos constituem-se por meio contexto sócio-histórico e cultural do qual fazem parte. Para Gilles Deleuze (2005, p. 87), a subjetivação pode ser entendida como um “processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como os saberes constituídos”. As linhas de subjetivação possibilitam que os sujeitos escapem do que é “prescrito” por um dispositivo. No entanto, “não se aponta aqui para a ideia de um sujeito livre, autônomo e soberano, criador de suas condições de existência, mas para a condição de escapar dos poderes e saberes de um dispositivo, para um outro” (MARCELLO, 2009, p. 234).

O último elemento que constitui um dispositivo são as linhas de fratura. Trata-se de linhas que possibilitam atualização do dispositivo; ou seja, que rompem com um determinado tipo de sujeito que um dispositivo está produzindo. Assim, as linhas de fratura/fissura/brecha estão relacionadas com o que estamos nos tornando . Segundo Fabiana Marcello (2009, p.

235), as linhas de fissura tratam de “práticas que indicam um conjunto de características ligadas ao caráter de imprevisibilidade do próprio dispositivo e, por que não dizer, naquilo que tange seu caráter de ‘acontecimento’”.

Tais elementos que compõem o dispositivo são móveis, efêmeros e podem sofrer modificações; consistem em “linhas que se bifurcam, de curvas que tangenciam regimes de saberes móveis e entrecruzados, ligados a configurações de poder e designados a produzir modos de subjetivação específicos” (MARCELLO, 2009, p. 232). Todos esses elementos formam um dispositivo que tem como função estratégica responder a uma determinada urgência histórica. Assim, este pode ser entendido como uma formação ou um conjunto heterogêneo que tem por objetivo controlar, dominar, administrar algo que está sendo entendido como um problema (FOUCAULT, 2008).

A partir do século XVIII, principalmente no século XIX, a sexualidade começa a se constituir como algo a ser gerenciada. Isso ocorre porque o governo começa a perceber que tem de lidar com toda uma população e seus respectivos problemas, tais como “a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sociais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas” (FOUCAULT, 2007a, p. 32). Nesse contexto, a sexualidade das mulheres, dos casais, das crianças, dos homossexuais, entre outros, passam a ser entendidas como algo a ser regulado e normatizado, a fim de que a sociedade funcione dentro de um determinado padrão.

Entendemos que o *sexting* insere-se no dispositivo da sexualidade, pois este também é entendido como algo que deve ser controlado em nossa população. Para tanto, são criadas estratégias (produção de reportagens, dicas aos pais para cuidar o uso da internet por parte dos filhos, punições etc.) para os sujeitos não aderirem a essa prática, que expõe a sexualidade e a intimidade diante de um público. Assim, conseguimos evidenciar algumas relações entre o *sexting* e os elementos que formam o dispositivo.

Os celulares *smartphones*, a internet, os sites de redes sociais, o sistema *bluetooth*, entre outros artefatos tecnológicos, como mídia a massiva, podem ser entendidos como as luzes que visibilizaram e fizeram aparecer a prática do *sexting*, pois é por meio destes que os sujeitos conseguiram registrar e difundir fotos e vídeos de seus momentos de intimidade. Assim, as tecnologias digitais podem ser entendidas como as curvas de visibilidade que fazem com que esse fenômeno faça parte do dispositivo de sexualidade.

Apesar de o *sexting* romper com a ideia de que a sexualidade é algo restrito ao âmbito privado, podemos evidenciar que nem tudo pode ser dito e mostrado sobre o *sexting*. Os

vídeos que exibem as relações sexuais de adolescentes, por exemplo, são retirados da *Web* e não são publicados pela mídia massiva. Isso dá-nos indícios de que existe um regime de enunciabilidade; ou seja, há uma regulação do que pode ser dito, mostrado e falado sobre essa prática. Além disso, a análise do material empírico evidencia que alguns discursos que são proferidos sobre o *sexting*, tais como: o uso das tecnologias digitais para adquirir visibilidade e a importância de debater sobre a sexualidade tornam-se justificáveis de ser enunciados, pois possibilitam que as pessoas conheçam esse fenômeno e as consequências que aderir a essa prática podem trazer para a vida dos sujeitos. Também se evidencia que esse tema só é possível de ser discutido por sujeitos específicos, como: psicólogos, diretores, pais, delegados e conselheiros tutelares. Assim, podemos evidenciar que o *sexting* acaba entrando em uma ordem do discurso, em que apenas alguns sujeitos são autorizados a falar sobre determinados assuntos.

Nessa prática, também atuam as linhas força. O *sexting* constitui-se como algo que vem sendo analisado por diversos sujeitos (delegados, psicólogos, diretores, familiares, conselheiros tutelares etc.). Estes, ao ocuparem uma posição de poder que lhes autoriza a falar sobre essas práticas, formam um campo do saber. Esse campo possibilita que a prática do *sexting* seja controlada e governada, a fim de regular e normalizar a sexualidade dos/as adolescentes.

Ao publicizar a sexualidade, o *sexting* constitui-se numa prática que promove pequenas rupturas no que é “prescrito” pelo dispositivo. Desta forma, a sexualidade que sempre foi entendida como elemento constituinte da intimidade dos sujeitos, passa a ser visibilizada e exposta no âmbito público, produzindo, assim, uma reconfiguração na subjetivação desses/as adolescentes, que se utilizam da sexualidade para tornarem-se visíveis.

O *sexting* acaba por produzir uma atualização no dispositivo da sexualidade, pois expõe algumas questões que foram marcadas ao longo da modernidade como privadas, como, por exemplo, o corpo nu, o erotismo, a intimidade; enfim, a sexualidade. De acordo com Deleuze,

Todo o dispositivo se define pelo que detém em novidade e criatividade, e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar, ou de desde logo se fender em proveito de um dispositivo futuro a menos que se dê um enfraquecimento de forças nas linhas mais duras, mais rígidas, ou sólidas (2005, p. 92).

Tal prática vem provocando algumas modificações no dispositivo da sexualidade, que começa a se instituir no século XVIII, mas que precisa se renovar e reatualizar, a fim de controlar e regular esse novo acontecimento: o *sexting*.

Caminhos metodológicos

No século XX, com o surgimento da internet, observamos novas perspectivas para as pesquisas sociais. A internet trouxe algumas facilidades para esse campo de pesquisa, pois esta pode ser considerada um espaço de inúmeras interações, registros e informações da vida cotidiana. Nesta, podemos evidenciar muitas relações sociais que estão presentes em nossa sociedade. “A internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar” (HALAVAIS, 2012, p. 13).

Assim, a internet contribui para os estudos do campo de pesquisa social, possibilitando que as observações e investigações sejam realizadas em ampla escala: “a internet nos permite ver mais interações sociais do que jamais esperávamos, e agora nos deparamos, em muitos casos, com o excesso de uma coisa boa” (HALAVAIS, 2012, p. 15), o que nos , assim a internet permite conhecermos diversos fenômenos de forma complexa.

Por conta dessas contribuições da internet, escolhemo-la como “instrumento de pesquisa” (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2012). Dessa forma, usamos a internet como ferramenta para a produção dos dados empíricos sobre *sexting*. Para essa produção, fizemos uma busca no *Google Search*. Usamos o buscador do Google, pois segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2012), este é conhecido mundialmente e possui um grande acervo de registros sobre os diversos temas discutidos no mundo inteiro.

Para realizar a busca no Google, utilizamos alguns termos-chave, tais como: “Vídeos de adolescentes postados na internet”; “Sexo entre adolescentes na internet”; “Fotos sensuais de adolescentes na internet”; “Reportagens sobre vídeos de sexo entre adolescentes na internet”, “*sexting*” e “*sexting* no Brasil”.

No total, encontramos 48 materiais na internet, publicados no período de 2008 a 2012, os quais relatavam casos sobre *sexting* e discutiam essa prática . Dentre esses materiais , tivemos acesso às notícias e reportagens publicadas em revistas e jornais , presentes em *sites* e portais, postagens de *blogs* e alguns programas televisivos postados no Youtube . Alguns

destes continham comentários de internautas sobre as situações relatadas, os quais também passaram a fazer parte do *corpus* de análise.

Dos materiais encontrados, trinta e sete registros discutiam sobre casos relacionados à produção de vídeos caseiros que mostravam relações sexuais. É importante destacar que algumas dessas produções discutiam sobre os mesmos casos, mas com enfoques diferentes. Três abordavam discussões sobre a prática de publicação de fotos sensuais. Oito falavam de modo geral sobre o *sexting*: causas, consequências, competições, relação dos pais e da escola, sexualidade adolescente etc..

Neste artigo, analisamos 10 materiais, os quais possuem os seguintes títulos: “Vídeo erótico com crianças veiculado na internet provoca escândalo e alerta para riscos da sexualidade precoce”; “Adolescentes confessam terem postado vídeo de sexo oral na internet”; “Polícia já sabe quem divulgou vídeo de alunos fazendo sexo oral em sala de aula”; “Cenas de sexo entre adolescentes se espalham em Bom Retiro do Sul”; “O que cada pai deve saber sobre o *sexting*”; “Exibição online ameaça reputação de crianças e adolescentes”; “Adolescentes postam fotos sensuais na internet”; “Adolescentes aderem ao ‘*sexting*’ e postam fotos sensuais na internet”; “Adolescentes filmam relações sexuais para competir na rede” e “O uso da internet pelo jovens e suas consequências”.

Segundo Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2012), precisamos ter cuidados com as questões éticas na pesquisa. Por isso, essas autoras dividem em quatro níveis de privacidade os sites na internet: o público, semipúblico, semiprivado e privado. No ambiente público, estão materiais que estão abertos e disponíveis para todos. Para ter acesso a estes, não são necessários cadastros, convites, autorizações e uso de senha. Entendemos, assim, que o material utilizado nesta pesquisa está classificado como de âmbito público, pois está disponível sem restrição para qualquer sujeito que queira acessá-los. Segundo as autoras, materiais de nível de privacidade público não precisam de autorização e nem de termo de consentimento para serem utilizados. Por essa razão, consideramos desnecessário pedir autorização para o uso dos dados produzidos. No entanto, ao longo da escrita, tomamos o cuidado de referenciar todo o material que está sendo utilizado ao longo da pesquisa. Assim, damos crédito a quem produziu esses materiais.

Para realizar a análise dos dados, utilizamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana. Nesse viés, ao olharmos as enunciações, procuramos analisar o que está dito e descrito no material empírico. Afastamo-nos, desse modo, das entrelinhas, do que está subentendido ou oculto nas enunciações. Segundo Rosa Fischer, seguir os caminhos da análise do discurso:

Significará antes de tudo tentar escapar da fácil interpretação daquilo que estaria “por trás” dos documentos, procurando explorar ao máximo os materiais, na medida em que eles são uma produção histórica, política, na medida em que as palavras são também construções, na medida em que a linguagem também é constitutiva das práticas (2001, p. 199).

Por essa perspectiva, ao olharmos as enunciações, devemos dar conta de entender as condições de possibilidade que permitiram a emergência e a circulação de determinados enunciados sobre o *sexting*. Além disso, ao analisarmos os dados, procuramos conhecer as relações de poder-saber que estão envolvidas nesse jogo discursivo do *sexting*.

Cabe salientar que entendemos as enunciações como um acontecimento que não se repete e que emite um conjunto de signos sobre uma determinada questão. As enunciações podem ser narrativas, uma imagem, um dado estatístico etc.. É importante salientar que essas enunciações emergiram em um determinado contexto sociocultural brasileiro.

Quando diversas enunciações falam sobre um mesmo objeto, acabam constituindo um enunciado. Este pode ser entendido como uma manifestação de saber, que acaba produzindo algumas verdades sobre determinados objetos, os quais são transmitidos, conservados, reproduzidos e também transformados em nossa sociedade (FOUCAULT, 2009). Os enunciados acabam ensinando modos de ser, estar e viver em nossa sociedade; estão sempre ancorados em formações discursivas. Para Rosa Fischer (2001), as formações discursivas podem ser vistas como matrizes de sentidos, pois estas organizam os enunciados que falam do mesmo objetos, em um determinado conjunto.

O emaranhado de enunciados que se ancora em uma mesma formação discursiva é regulado pelas práticas discursivas. Ou seja, são regras anônimas e históricas que circulam em nossa sociedade, estabelecendo o que pode ser dito, realizado, vivenciado em um determinado momento histórico (FOUCAULT, 2009). O conjunto de enunciados presentes em uma mesma formação discursiva é regido por meio de práticas discursivas que formam o que chamamos de discurso. Segundo Foucault, o discurso:

não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (2007b, p. 10).

Os discursos podem ser compreendidos como práticas que constituem os objetos e sujeitos; ou seja, os discursos produzem verdades e ensinam modos de existência aos sujeitos.

Entendemos que a mídia massiva vem produzindo discursos sobre *sexting*, instalando verdades e ensinando modos de viver a sexualidade. Nesse viés, em nossos estudos procuramos analisar as enunciações sobre *sexting* presentes em materiais produzidos na internet sobre o tema, a fim de conhecermos os discursos que estão se formando sobre essa prática social.

Discutindo o *sexting* e sua relação com o dispositivo da sexualidade!

Neste momento, procuramos discutir algumas enunciações presentes no material empírico, a fim de refletirmos sobre a prática do *sexting* e sua relação com o dispositivo da sexualidade. Ao analisarmos as enunciações presentes no material empírico, notamos que a sexualidade é entendida como essência, isto é, está atrelada a uma natureza humana que se manifesta apenas por meio de processos biológicos (modificações nos genitais, aparecimento da menstruação, dos pêlos, produção de hormônios etc.). Por isso, esta é considerada algo que emerge em um determinado momento da vida do sujeito, principalmente na adolescência. No entanto, por meio do material empírico, verificamos que é considerada precoce a vivência da sexualidade na adolescência. Esta é entendida, portanto, como um problema. Essa situação pode ser observada nas enunciações a seguir:

*E ecoa no País como um alerta para a urgência de a sociedade refletir sobre o acesso das crianças a informações que **estimulam a sexualidade precoce** (SEXO, 2012).*

*Não negar o problema e tomar medidas. Seus filhos também são afetados. Reconheça que a combinação da tecnologia com os **hormônios adolescentes pode ser explosiva** (CASSANTI, 2012).*

*Com os **hormônios à flor da pele** e estimulados pelos apelos midiáticos dos realities shows, sinalizam que querem ser vistos e reconhecidos. Assim, tornam suas experiências sexuais um espetáculo na rede (O USO, 2012).*

*A **precocidade em relação ao sexo** é uma realidade em todo o Brasil (BARROS, 2012).*

Michel Foucault (2007a; 2008) discute que a sexualidade foi se constituindo como algo vinculado a leis, coações, punições, produções de verdade, confissões etc., regulada pelo dispositivo da sexualidade. Assim, não podemos entendê-la como algo que está ligado apenas a hormônios, órgãos sexuais, à natureza carnal dos corpos, a qual emergiria na adolescência, conforme mostram e discutem as enunciações presentes no material empírico.

A sexualidade, mais que isso, está atrelada à ordem dos discursos, do poder-saber, da história e da cultura. Esta pode ser entendida como uma invenção sociohistórica, que é produzida ao longo de toda vida do sujeito, por meio das diversas instâncias pelas quais este transita. Segundo Louro,

[...] a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Nessa ótica, as identidades sexuais deixam de ser concebidas como meros resultantes de “imperativos biológicos” e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais (2000, p. 67).

Nesse viés, a produção da sexualidade não pode ser entendida como algo neutro/ligada a uma natureza. Esta está atrelada às relações de poder e saber, que constituem e definem regras, leis, diretrizes, que acabam proibindo, liberando e prescrevendo determinados comportamentos como certos, errados, normais e anormais. Assim, para Foucault, a sexualidade tem a ver com

[...] a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder. (2007a, p. 100).

A sexualidade, nessa perspectiva, pode ser entendida como algo que não só é produzida, mas também regulada e administrada por um conjunto heterogêneo de diversos elementos, como leis, instâncias, discursos. Estes acabam por constituí-la como algo do qual se deva ser extraída uma verdade, para que esta seja controlada por meio de discursos “úteis e públicos”, a fim de que funcione dentro de um determinado padrão.

Ao mesmo tempo em que a adolescência é marcada como um momento em que a sexualidade aflora, verificamos que a vivência da sexualidade (sentir prazeres e desejos, relacionar-se afetivo-sexualmente, expor a intimidade) na adolescência é entendida como um problema, algo que se manifesta antes do tempo previsto. Assim, essa precocidade da sexualidade é vista como uma urgência, algo que deve ser motivo de reflexão e atenção da população. Por isso, deve ser controlada e administrada.

Segundo Foucault, a partir do século XVIII, a sexualidade do sujeito passou a ser compreendida como algo a ser administrado e enquadrado. Com isso, a sexualidade dos adolescentes também começa a ser considerada um perigo, que necessitava de uma atenção especial, constituindo-se, dessa forma, como um problema público, que deveria ser alvo de intervenções em nossa sociedade. Segundo Foucault, a partir do século XIX, a sexualidade

dos adolescentes foi sendo filtrada e controlada, passando a ser considerada algo a se “proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda a parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas [...]” (FOUCAULT, 2007a, p. 37). Assim, podemos notar que, em torno da sexualidade, constituíram-se diversas estratégias de poder para que esta fosse regulada, a fim de que os/as adolescentes vivenciassem-na mais tardiamente e com objetivos específicos (reprodução).

Outro ponto que podemos notar, ao olharmos o material empírico, é que a adolescência é discutida de uma maneira generalista, como se todos os adolescentes apresentassem as mesmas características e a vivenciassem-se de uma determinada maneira, manifestando os mesmos comportamentos. Como podemos perceber nos fragmentos a baixo:

Os jovens muitas vezes não pensam nas conseqüências de seus atos. A imagem é protegida por lei. Por isso não pode ser utilizado sem o consentimento da pessoa envolvida (CASSANTI, 2012).

A insegurança e curiosidade sobre a sexualidade motivam os adolescentes a se exibirem no meio online (GUIMARÃES, 2012).

Esse tipo de conduta representa a confusão de conceitos por que passa o adolescente hoje em dia, em busca, principalmente, de aceitação e fama (ADOLESCENTE, 2012a).

O adolescente já tem uma necessidade de arriscar, de afrontar a vida. Ele se sente onipotente. Desafia a vida e a morte como se pudesse triunfar sobre tudo isso. Na verdade, ele está se sentindo uma formiguinha, mas não pode se expor como uma formiguinha. Ele tem que parecer potente (BARROS, 2012).

Palavras como inconseqüência, insegurança, afrontamento, arriscar, curiosidade, hormônios à flor da pele, entre outras, vêm sendo usadas para descrever a adolescência. Assim, os materiais analisados caracterizam a adolescência como uma fase universal, em que todos/as os/as jovens vivenciam-na de maneira homogênea. Por essa perspectiva, os materiais analisados acabam constituindo e reforçando uma identidade adolescente hegemônica. Tais produções acabam representando a adolescência como algo inato aos sujeitos, que está atrelado a mudanças biológicas e psicológicas.

Tal entendimento está relacionado aos pressupostos assumidos pela Psicologia desenvolvimentista, que discute a adolescência como uma fase específica, em que “determinadas mudanças hormonais, glandulares, corporais e físicas pertencentes a essa fase seriam responsáveis por algumas características psicológico-existenciais próprias do

adolescente” (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 4). A Psicologia e a Biologia, ao descreverem, analisarem e afirmarem que existem algumas características que seriam comuns a todos/as os/as adolescentes, acabam construindo significações e representações sobre ser adolescente.

Esses saberes produzidos pela Psicologia e Biologia sobre a adolescência são reproduzidos pela mídia massiva (pelo menos no caso dos materiais analisados), que acaba reforçando a ideia da adolescência como uma etapa natural, em que todos os indivíduos viverão de forma igualitária. Para Sergio Ozella (2002), as mídias também vêm participando na constituição de um determinado modo de ser adolescente, afirmando e reproduzindo características que são vistas e entendidas como ser adolescente em nossa sociedade.

Entendemos que os diversos campos de saber (Biologia, Psicologia, Sociologia, História etc.) e diversas instâncias sociais (a mídia, a família, a escola etc.) constituem discursos sobre o ser adolescente. Desse modo, acabam constituindo modo de ser, estar e se comportar nessa fase da vida, chamada de adolescência. Assim, devemos entendê-la como resultado de uma construção discursiva; ou seja, esta é produzida no meio cultural e social, e não apenas por meio de atributos biológicos e psicológicos: “a adolescência nada mais é que um ‘fenômeno cultural’ produzido pelas práticas sociais em determinados momentos históricos, manifestando-se de formas diferentes e nem sequer existindo em alguns lugares” (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 4).

Dessa forma, não podemos afirmar que há apenas um modo de ser adolescente. Em vez disso, existem múltiplas formas, que são constituídas por meio das experiências vivenciadas pelos sujeitos e também por diversos discursos que circulam em nossa sociedade.

Entendemos que a adesão à prática de *sexting* na adolescência não está relacionada a características como inconseqüência, hormônios à flor da pele, insegurança, entre outras, como as descritas pelas Teoria Desenvolvimentistas. No entanto, acreditamos que essa “exibição” da sexualidade, por meio das tecnologias digitais, aparece em um determinado momento histórico, social, econômico e cultural que estamos vivendo. Assim, concordamos com Ozella: “a adolescência não é um período natural do desenvolvimento . É um momento significado e interpretado pelo homem” (2002, p. 21). E por isso, essa fase só pode ser entendida como algo que é “constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas e de características que vão se constituindo no processo” (OZELLA, 2002, p. 23).

Ao realizarmos a análise dos dados, podemos evidenciar que algumas instâncias sociais, como a família e a escola vêm sendo culpabilizadas pelo emergência e a disseminação da prática do *sexting*. Segundo o material empírico, caberia a estas disciplinar os corpos dos

sujeitos para que tal prática não fosse efetivada, como podemos notar nas seguintes enunciações:

A dificuldade dos pais em impor limites, a falta de orientação sexual eficiente nas escolas e uma cultura de massa extremamente erotizada são fortes estímulos (SEXO, 2012).

A psicóloga ressalta que se a situação de exibição desses jovens chegou a tal ponto, é provável que os pais tenham alguma culpa (ADOLESCENTES, 2012a).

Talvez isso (sexting) seja até uma compensação por uma ausência de visibilidade em casa. Se ele não se sente visível, vai procurar ser de alguma forma. Mas procura, em geral, da maneira caricatural. Não é uma visibilidade que vai trazer verdadeiramente o reconhecimento (BARROS, 2012).

É preciso discutir sexualidade na família e na escola para que ele não vire sexo precoce depois (TOMAZ, 2012).

Por meio dessas podemos evidenciar que a sexualidade, é compreendida como algo que deve ser regulado por algumas instâncias disciplinadoras. Assim, segundo os dados, caberia a instituições, como a família e a escola, a imposição de limites, a correção de posturas, a discussão sobre essas questões e a regulação a vida dos sujeitos, a fim de que a sexualidade seja gerenciada, expressa e vivenciada de um determinado modo pelas crianças e adolescentes. De acordo com Foucault (2007a), a partir do século XVIII, constituiu-se o dispositivo da sexualidade, em que diversas estratégias de poder/saber foram traçadas, a fim de normalizar a sexualidade. Tais tecnologias disciplinares acabaram/acabam por determinar algumas maneiras de viver a sexualidade. “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2007a, p. 118).

O dispositivo, de maneira geral, tem como objetivo responder uma urgência; ou seja, instala-se com o propósito de estabelecer padrões e resolver problemas. O *sexting*, é entendido, no material empírico, como algo, que precisa ser regulado, a fim de a intimidade dos/as adolescentes não seja exposta.

Para regular e normalizar a sexualidade, no século XVIII, foram sendo instituídas algumas instâncias sociais, como as pedagógicas e a familiar, que deveriam estar envolvidas em vigiar, adestrar e conhecer, nos mínimos detalhes, o que era vivenciado pelos sujeitos.

Desse modo, a “sexualidade se constituiu num elemento crucial às novas tecnologias de poder disciplinar” (GADELHA, 2009, p. 79)

Assim, o dispositivo da sexualidade contou com essas instâncias para esquadrihar, normalizar e controlar os corpos e a sexualidade dos sujeitos. Portanto, podemos assumir uma articulação entre os dispositivos, no caso o disciplinar e o da sexualidade.

Embora a escola seja entendida, pelo material analisado, como uma das instâncias responsáveis em disciplinar a sexualidade, a fim de que práticas como o *sexting* não ocorram, a família ainda aparece nos dados como uma das instâncias mais culpabilizadas por “permitirem” que seus filhos pratiquem o *sexting*. Segundo Foucault, a família é vista como um núcleo importante de controle e agenciamento da sexualidade,

a família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela. Mas o dispositivo familiar, no que tinha precisamente de insultar e de heteromorfo com relação aos outros mecanismos de poder pôde servir de suporte às grades “manobras” pelo controle malthusiano da natalidade, pelas incitações populacionistas, pela medicalização do sexo e a psiquiatrização de suas formas não genitais (2007a, p. 111).

Ao longo da modernidade, a família foi entendida como instância que poderia estar envolvida no controle da sexualidade (natalidade, masturbação, homossexualidade etc.). Hoje, esta é uma instância de destaque na regulação do *sexting*. Acredita-se que esta pode agir no disciplinamento dos adolescentes, evitando que estes exponham as suas sexualidades por meio deste.

Outra característica relacionada à sociedade disciplinar é o uso de sanções normalizadoras, que atuam como repressoras de atitudes consideradas inapropriadas, a fim de reduzir desvios de condutas. Nos materiais que discutem sobre *sexting*, podemos perceber algumas micropenalidades que são aplicadas aos praticantes desse fenômeno. Insultos, xingamentos, medidas socioeducativas, transferências e expulsões das instituições escolares, entre outras, são alguns exemplos dessas medidas punitivas. Os seguintes fragmentos confirmam essa situação:

Logo depois da veiculação do vídeo, eles começaram a receber bilhetes por baixo da porta com insultos. Até pedras foram arremessadas em direção a sua casa (SEXO, 2012).

A delegada da DDM informou que o expediente será remetido para a Vara da Infância e Juventude que deverá adotar alguma medida sócio-educativa contra esses dois adolescentes (POLÍCIA, 2012a).

Os dois adolescentes foram expulsos por conduta inadequada (BARROS, 2012).

Ao observarmos as enunciações, evidenciamos que o *sexting* pode ser compreendido como um desvio em relação ao que é considerado normal nas questões vinculadas à sexualidade. A norma pode ser entendida como processo de homogeneização dos sujeitos, que devem vivenciar a sexualidade dentro de um conjunto de comportamento, estabelecidos como próprios para uma determinada sociedade: “a norma é uma medida, uma maneira de produzir uma medida comum, a partir do jogo das oposições entre o normal e o anormal” (MORAES; VEIGA-NETO, 2013, p. 6).

Sendo a sexualidade algo que se constituiu ao longo da modernidade, quanto uma questão de âmbito privado, a sua exposição no âmbito público rompe com o que é considerado normal, sendo necessário passar por processos de normalização. Nessa regulação do comportamento dos sujeitos, podemos citar as punições. Algumas destas podem ser consideradas processos sutis que têm como propósito penalizar condutas que são classificadas como desviantes. As punições podem ser castigos, correções, privações e pequenas humilhações (FOUCAULT, 2007b).

As punições, como as citadas pelas enunciações (xingamentos, expulsões, transferências etc.), podem ser compreendidas como processos de normalizações, pois, ao punir um determinado sujeito, estamos classificando e determinando que condutas são consideradas aceitas e as que não. Isto é, estamos estabelecendo o que é normal ou anormal quanto à vivência da sexualidade. “A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares, compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 2007b, p. 176).

Dessa forma, nos mecanismos de punições, existem algumas relações de poder-saber, pois as punições marcam e disciplinam esses sujeitos, atuando como uma estratégia de disseminação desse poder. Ao operarem dessa forma, produzem-se saberes que atuam na regulação e no controle dos sujeitos, constituindo o que é considerado normal e anormal. Gera-se, assim, um determinado saber, atrelado a relações de poder, pois sempre existem sujeitos que punem e os que são punidos.

Essas relações de poder-saber constituem as linhas de força que compõem um dispositivo. Neste caso, o dispositivo da sexualidade. Assim, a prática do *sexting* pode ser considerado inadequado às regras produzidas pelo dispositivo da sexualidade. Por isso, todos/as os/as adolescentes que o praticarem devem sofrer punições, de modo que tal prática seja reprimida e evitada. Para Foucault, o “que pertence à penalidade disciplinar é a

inobservância, tudo o que está inadequada à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios” (2009, p. 172).

Aqui se percebe o *sexting* como uma prática que produz uma atualização no dispositivo da sexualidade, podendo ser considerado uma ruptura nas formas de vivenciar a sexualidade. O *sexting* pode ser considerado um acontecimento novo e atual no dispositivo da sexualidade. Segundo Deleuze (2005, p. 92-93), “o atual não é o que somos, mas aquilo que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro”. A prática do *sexting* vem produzindo a sexualidade como algo a ser visibilizado, e, além disso, reforça a ideia de que a sexualidade deve ser controlada em nossa sociedade. E para realizar esse controle da sexualidade dos sujeitos, são aplicadas punições que visam normalizá-la.

Ao realizar a análise do material empírico, é possível verificar que os sujeitos que sofrem os maiores castigos e correções são as meninas. Comumente, são alvo de xingamentos mais severos e violentos que os meninos.

A garota teve os cabelos cortados e trocou de nome para não ser reconhecida. Já os meninos que participaram da filmagem são apontados na rua e excluídos do grupo de amigos - por orientação dos pais das outras crianças. O constrangimento é geral na cidade (SEXO, 2012).

*A escola não tem nada a ver com isso! isso que aconteceu lá dentro já mais vai afeta o respeito da escola. safada é a menina que se deixou filmar ela com a boca na coisa, o moleque fico de boa a sem vergonha é ela que por ser mulher tinha que se da o respeito. É aquele velho ditado: **prende suas cabritas que meus bode estão soltos! é por isso que só fiz macho!*** (ADOLESCENTES, 2012a).

Por vergonha e pressão comunitária a família da menina teve que se mudar da cidade (BARROS, 2012).

Mudança de cidade, críticas, xingamentos e culpabilizações são algumas das violências vivenciadas pelas meninas que praticam o *sexting*; aos meninos, muitas vezes restam elogios e apoio de todos/as, pois culturalmente se instituiu que cabe ao menino/homem vivenciar os prazeres da sexualidade. Outro fator demarcado nessas narrativas é o corte do cabelo das meninas, que nos possibilita pensar a respeito do cabelo como um marcador identitário feminino, associado à beleza e sensualidade da mulher. Tal prática aponta para uma representação hegemônica da mulher como sedutora, como a responsável por incitar e “tentar” o homem. Assim, ao praticarem *sexting*, são as meninas as que mais sofrem

violências, o que nos possibilita verificar algumas desigualdades em relação às questões de gênero.

É importante salientar que os gêneros são construções sociais, culturais, econômicas e políticas, que se constituem por meio de relações de poder e saber . Assim, desde cedo , meninos e meninas são ensinados sobre as questões de gênero e sexualidade . De acordo com Guacira Louro, “nada há de puramente natural e dado em tudo isso : ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (2008b, p. 18).

As meninas aprendem que devem preservar e resguardar a sua sexualidade; já os meninos são estimulados a sentirem prazer e a manterem relações sexuais desde cedo. Para que as meninas tenham condutas recatadas, que retardam as vivência e a demonstração de sentimentos, como o prazer e o desejo, seus corpos são alvos de controle, vigilância e sanções normalizadora intensas. Nessa perspectiva, podemos perceber que os corpos das meninas sofrem estratégias disciplinadoras rigorosas ao longo de suas vidas, para que a sexualidade seja vivenciada de um modo específico. Segundo Foucault (2007a), o dispositivo da sexualidade colocou o corpo da mulher como algo a ser analisado (qualificado e desqualificado), alvo de produção de saber e regulado de forma contínua. Assim, as meninas constituem-se como “sujeitos que devem ser constantemente educados, ensinados e informados” (MARCELLO, 2009, p. 122).

E quando essas meninas fogem às regras produzidas em nossa sociedade, como praticar o *sexting*, por exemplo, elas são culpabilizadas e violentadas de forma mais intensa, pois se estabeleceu, em nossa sociedade, que cabe às meninas controlar seus desejos e prazeres, em nome da norma que foi instituída. Nesse viés, as punições tornam-se mais intensas a esse gênero, pois se entende que as meninas são responsáveis pelo modo como vivem suas sexualidades. Para Marcello, “dirigi-se a disciplinarização dos corpos e dos tempos somente às meninas, pois parece serem elas as principais culpadas pelo fracasso em fazer seus corpos dóceis e úteis” (2009, p. 122).

A mídia, ao focar com afinco as violências sofridas pelas meninas, também acaba construindo significados a respeito de como meninas e meninos devem se comportar e viver a sua sexualidade. Assim, ao repetir, salientar e mostrar que as meninas sofrem as maiores violências, a mídia acaba reafirmando que as meninas são responsáveis pelo controle e cuidado da sua sexualidade. Para Rosa Fischer (2001, p. 589) “aceitamos que a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos – pressuposto que se fundamenta na articulação dos conceitos de poder, saber e sujeito feita por Michel Foucault”. Dessa forma, o dispositivo pedagógico da mídia contribui para educar a

sexualidade de meninas e meninos.

Nesse viés, as diversas instâncias sociais (escolar, família, mídia etc.) estão envolvidas no disciplinamento dos corpos e das sexualidades de meninos e meninas. E são essas instituições que aplicam penalidades quando esses/as adolescentes fogem às regras estabelecidas em nossa sociedade. Além de enfatizarem a importância de algumas instâncias disciplinadoras estarem atentas a todos os “passos” dos sujeitos, também é enfocada a importância de regular os/as adolescentes por meio de algumas práticas de controle, tais como: monitoramento de celulares, computadores, redes sociais, entre outros, conforme as enunciações a seguir:

*A dona de casa Márcia Rosane Fontes sempre **confere o celular** das duas filhas adolescentes e não deixa mais elas saírem sozinhas.*

*- **Monitoro o telefone** delas todo o **santo dia**. Estou sempre investigando – diz ela (WOBETO, 2012).*

*Lembrando que a maior parte dos entrevistados faz uso da internet **sem nenhum controle dos pais**. "Desde tenra idade, os **pais devem acompanhá-los de perto** e, depois, devem **fazer parte das redes sociais deles**." (O USO, 2012).*

*Converse com seus filhos. Fale também sobre Sexting. **Pergunte sobre sua atividade na Internet e os telefones** da mesma forma que você precisa conversar com eles sobre sexo em geral, e em seus relacionamentos (CASSANTI, 2012).*

*Os pais devem **conversar abertamente sobre as consequências futuras** desses comportamentos e **manter o computador com acesso à internet em um local de livre circulação** (ADOLESCENTES, 2012c).*

Com base nessas enunciações, é possível verificar a emergência de outro modo de regulação dos corpos, que pode ser chamada de práticas de controle. Estas estão sendo implantadas desde o término da Segunda Guerra Mundial. Assim como as técnicas disciplinares, estas estão relacionadas a formas de poder, as quais atuam com o intuito de controlar os sujeitos.

As práticas de controle são realizadas mediante registros, exames, monitoramento, conferência, entre outros, que buscam conhecer as experiências e vivências dos sujeitos, por meio de máquinas temáticas e de tecnologias digitais. É importante salientar que tais máquinas possibilitam um controle da vida dos sujeitos, de forma mais flexível, instantânea e descentralizada, pois não são mais necessários confinamentos e sujeitos específicos para

exercer a vigilância. A qualquer momento, pode-se acompanhar a sua vida. Na sociedade do controle, a regulação dos sujeitos é realizada por meio de tecnologias digitais. Para Deleuze,

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus (DELEUZE, 1992, p. 223).

Assim, podemos notar nas enunciações o quanto essas máquinas de informática e computadores vêm sendo alvo de fiscalizações, para, assim, realizar um determinado controle da sexualidade dos sujeitos. Para realizar esse controle, são estabelecidas algumas estratégias, tais como: olhar o celular; exibir as tecnologias digitais, à vista de todos; participar de sites de redes sociais dos quais os filhos/as participam; e debater sobre uso dessas tecnologias, que são utilizadas por alguns pais e indicadas pelos materiais analisados, a fim de conhecer o que vem sendo dito, realizado e produzido pelos adolescentes na sua vida cotidiana. Esse controle tem sido considerado importante, pois acredita-se que os pais ou responsáveis que tem acesso à vida dos sujeitos podem evitar a prática do *sexting*. Assim, evidenciamos que novamente os pais são responsabilizados pela falta de controle sobre seus/suas filhos/as.

Na sociedade disciplinar, os sujeitos seriam vigiados o tempo todo, por um sujeito específico. Assim, necessitar-se-ia de uma copresença entre vigiados e vigilantes. A escola, a família e outras instituições deveriam conhecer todos os passos dos/as adolescentes e evitarem que estes/as tivessem comportamentos considerados fora da norma. No entanto, na sociedade do controle, não é necessário ter a presença física de um vigilante, os registros e informações, que são infinitos, sobre os sujeitos são feitos por meio de máquinas digitais, que podem ser revisitados a todo instante. Assim, as enunciações mostram-nos a formação de práticas de controle, que são utilizadas para regulação da sexualidade dos sujeitos.

Nessa perspectiva, as práticas de controle vêm atuando em favor do dispositivo da sexualidade, pois contribuem para a vigilância, o esquadramento e a regulação dos/as adolescentes.

Por fim!

A prática do *sexting* vem produzindo outros modos de vivenciar a sexualidade, que, na contemporaneidade, tornam-se algo a ser exposto por meio das tecnologias digitais. Assim, entendemos o *sexting* como um acontecimento que acaba produzindo uma atualização no dispositivo da sexualidade, pois vem constituindo sujeitos que buscam espetacularizar o eu, mediante a visibilização da sexualidade. Se a sexualidade é ditada, analisada, investigada e regulada; ou seja, constitui-se como um dispositivo, esta deve ser entendida como uma construção social, cultural, histórica e política, que é atravessada por relações de poder-saber.

No entanto, ao analisarmos as enunciações do material empírico, evidenciamos que a sexualidade é entendida como uma essência, algo que aflora em um determinado momento da vida dos sujeitos; no caso, na adolescência. Mas, ao mesmo tempo em que a adolescência é entendida como uma fase de extrapolação da sexualidade, quando é discutida e vivenciada por adolescentes, a mídia massiva afirma que isso está acontecendo de forma precoce. Para Foucault (2007a), a partir do século XVIII, a sexualidade adolescente torna-se um problema público; por isso, são criadas estratégias para governá-la.

Enquanto parte do dispositivo da sexualidade, o *sexting* também constitui-se como algo a ser regulado e controlado, a fim de melhor governar e normalizar os sujeitos. Podemos evidenciar isso nas enunciações, que afirmam a importância de as instâncias consideradas disciplinadoras, como a família e a escola, por exemplo, atuarem vigiando, controlando e punindo os/as adolescentes. Isso tudo com objetivo de que estes sigam um determinado padrão: a negação à prática do *sexting*. Para Louro,

Hoje, tal como antes, a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas. Foucault certamente diria que proliferam cada vez mais os discursos sobre o sexo e que as sociedades continuam produzindo, avidamente, um “saber sobre o prazer”, ao mesmo tempo que experimentam o “prazer de saber” (2008b, p. 21).

Práticas, como a vigilância e o controle dos sujeitos, são consideradas marcas de uma sociedade que prima pela disciplinarização de seus corpos. No entanto, além disso, evidenciamos uma outra estratégia de adestramento dos sujeitos: as micropenalidades. Ao realizarmos as análises, verificamos que os/as adolescentes sofrem punições como expulsões,

humilhações, xingamentos, entre outras, com objetivo de enquadrar esses corpos e a sexualidade dentro de um determinado padrão.

Tais penalidades são ainda mais rígidas e violentas com as meninas; são elas as maiores vítimas nesses casos. Assim, podemos perceber uma diferenciação e uma hierarquização nos modos como meninos e meninas praticantes do *sexting* são tratados e punidos em nossa sociedade, o que enfatiza o quanto ainda estamos vivendo um momento de desigualdade de gênero.

Além de afirmarmos a importância de haver uma vigilância e regulação da sexualidade por meio das instâncias disciplinadoras, também é possível notar uma discussão sobre a importância de haver um controle dos sujeitos, pelo uso de artefatos da cultura digital, tais como computadores, celulares, *tablets* e sites de redes sociais. Assim, podemos evidenciar algumas marcas da sociedade do controle nas enunciações analisadas, tais como a importância de regular os sujeitos por meio das tecnologias digitais (*smartphones*, internet, computadores etc.). Segundo Alfredo Veiga-Neto, na sociedade do controle, “os corpos são controlados e controlam-se uns aos outros remotamente, tendo por espaço comum de operação o espaço de fluxo informacionais das redes eletrônicas-digitais rizomáticas” (MORAES; VEIGA-NETO, 2013, p. 6).

Podemos sustentar, desse modo, que vivemos em uma sociedade que carrega marcas da sociedade disciplinar e de controle. Nesse viés, não podemos afirmar que a sociedade de controle está substituindo a disciplinar, mas, sim, que estas estão atuando em conjunto na contemporaneidade.

A análise do material empírico possibilitou-nos evidenciar um enunciado do discurso sobre o *sexting*, que é a produção da sexualidade como algo a ser regulado e controlado em nossa sociedade.

Consideramos importante investigar o discurso da mídia sobre *sexting*, pois esse é um fenômeno que vem produzindo reconfigurações nos modos de vivenciar os prazeres e desejos relacionados à sexualidade. Além disso, ajuda-nos a pensar na importância de debatermos com os/as adolescentes sobre as consequências que a prática do *sexting* pode trazer para as suas vidas, principalmente as meninas, que acabam sofrendo violências mais rigorosas ao praticá-lo.

Referências

ADOLESCENTES postam fotos sensuais na internet. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/noticia-clipping/adolescentes-postam-fotos-sensuais-na-internet>>. Acesso em: 15 jun. 2012a.

ADOLESCENTES confessam terem postado vídeo de sexo oral na internet. Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2011/11/18/24202/adolescentes-confessam-terem-postado-video-de-sexo-oral-na-internet/?page=8>>. Acesso em: 15 jun. 2012c.

BARROS, Ana Cláudia. **Adolescentes filmam relações sexuais para competir na rede**. Disponível em: <<http://entretenimientoar.terra.com.ar/oscar/2009/interna/0,,OI4572453-EI6594.html>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BROWN; Jane D.; KELLER, Sarah; STERN, Susannah. **Sex, Sexuality, Sexting, and SexEd: Adolescents and the Media**. Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez40.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusc&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZXhsaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWlvYWN0aW9uL3NIYXJjaC5kbz9kc2NudD0wJmZyYmc9JnNjcC5zY3BzPXByaW1vX2NlbnRyYWxfbXVsdGlwbGVfZmUmdGFpPWRlZmF1bHRfdGFiJmN0PXNIYXJjaCZtb2RlPUJhc2ljJmR1bT10cnVlJmluZHg9MSZmbj1zZWZyY2gmdmlkPUNBUEVT&buscaRapidaTermo=sexting&x=28&y=5>. Acesso em: 20 jun. 2013.

CASSANTI, Moises de Oliveira. **O que cada pai deve saber sobre sexting**. Disponível em: <<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arq. bras. psicol.** [online], v.57, n. 1, p. 2-11, 2005. ISSN 1809-5267.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo. Ed. 34, 1992.

_____. **O mistério de Ariana**. 2. Ed. Lisboa: Vega, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 14, p. 197-223, novembro, 2001.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. 2. ed. São Paulo: Ed. EDUC, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: Introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Educação: Experiência e Sentido).

GUIMARÃES, Alessandra. **Exibição online ameaça reputação de crianças e adolescentes**. Disponível em: <<http://leonardi.adv.br/2010/09/exibicao-online-ameaca-reputacao-de-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

HALAVAIŞ, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.11-16.

LOURO, Guacira. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

_____. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições* [online], v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008b. ISSN 0103-7307.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, Portugal, v. 9, n. 2, p. 226-241, jul./dez. 2009.

MORAES, Antônio Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo. **Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível**. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/moraes-veiga-neto-disciplina-controle-escola.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

POLÍCIA já sabe quem divulgou vídeo de alunos fazendo sexo oral em sala de aula. <<http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/lmno/item/20225-pol%C3%ADcia-j%C3%A1-sabe-quem-divulgou-v%C3%ADdeo-de-alunos-fazendo-sexo-oral-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 20 jun. 2012a.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: KOLLER, Sílvia Helena. **Adolescência e Psicologia**: Concepções práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes**: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo. Rio Grande: FURG, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental)– Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2006.

SEXO cada vez mais cedo. Disponível em http://www.istoe.com.br/reportagens/10862_SEXO+CADA+VEZ+MAIS+CEDO. Acesso em: 21 jun. 2012.

TOMAZ, Kleber. **Adolescentes aderem ao 'sexting' e postam fotos sensuais na internet.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/05/adolescentes-aderem-ao-sexting-e-postam-fotos-sensuais-na-internet.html>>. Acesso em: 15 set. 2012.

O USO da internet pelos jovens e suas consequências. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/vida/Comportamento-Pais_e_Filhos_0_356364435.html>. Acesso em: 20 set. 2012.

WILLARD, Nancy E. **Sexting and Youth: Achieving a Rational Response.** <http://www-periodicos-capes.gov-br.ez40.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZXhsaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWlvYWw0aW9uL3NIYXJjaC5kbz9kc2NudD0wJmZyYmc9JnNjcC5zY3BzPXByaW1vX2NlbnRyYWxlbWVudGVzZmUmdGFpPWRlZmF1bHRfdGFiJmN0PXNIYXJjaCZtb2RlPUJhc2ljJmR1bT10cnVlJmluZHg9MSZmbj1zZWYy2gmdmlkPUNBUEVT&buscaRapidaTermino=sexting&x=28&y=5>. Acesso em: 20 jun. 2013.

WOBETO, Simone. **Cenas de sexo entre adolescentes se espalham em Bom Retiro do Sul.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/lajeado/2011/04/16/cenas-de-sexo-entre-adolescentes-se-espalham-em-bom-retiro-do-sul/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

ENFIM!!

6 ENFIM!!

O objetivo da lição não é nos deixar terminados pela assimilação do dito, mas nos deixar determinados pela aprendizagem dogmática do que deve ser dito, mas in-determinar aquilo que dá o que dizer, aquilo que fica por dizer. In-determinar é não terminar e não de-terminar. Por isso, ler é recolher-se na indeterminação do dizer: que não haja um final nem uma lei para o dizer, que o dizer não se acabe nem se determine (LARROSA, 2003, p. 142).

Jorge Larrosa (2003), no texto “Sobre a Lição”, discute que a leitura de um texto não deve ser realizada com intuito de dar respostas, mas, sim, de levantar questões e inquietações sobre um determinado tema. Nesse sentido, esta tese não teve como propósito dar respostas ou produzir uma “verdade” sobre o *sexting*, até porque entendemos que o “olhar” dado ao material empírico é apenas um no meio de tantas outras possibilidades que poderíamos ter seguido neste tese. Esperamos que a sua leitura desacomode o/a leitor/a e o/a coloque em movimento, possibilitando que estes sintam-se provocados a pensar em outras questões, que não foram pensadas e problematizadas nesta pesquisa. Assim, conforme suscita Larrosa, não pretendemos, neste estudo, terminar e determinar as discussões relativas ao *sexting*. Em vez disso, gostaríamos de nos recolher na “indeterminação do dizer”. No entanto, neste momento, é necessário tecermos algumas finalizações sobre o trabalho, mas entendemos que estas não são pontos finais que procuram determinar e encerrar a temática do *sexting*. Trata-se apenas de algumas escritas que procuram levantar novos pensamentos sobre o tema.

Olhar o material empírico desta tese possibilitou -nos perceber a emergência de dois enunciados. O primeiro afirma que se **tornar visível é uma condição de existência na contemporaneidade; assim, só “existe” quem “aparece”**. Nesse sentido, a análise do material empírico possibilitou-nos evidenciar que a prática de expor a sexualidade, por meio de tecnologias digitais, chamada de *sexting*, é um fenômeno que está se disseminando em nossa sociedade. Nesse sentido, os/as praticantes do *sexting* utilizam-se dessa prática com objetivo de adquirir visibilidade e notoriedade. Para Bauman, tornar-se uma celebridade hoje é algo almejado por muitos. Ser famoso “não significa nada mais (mas também nada menos!) do que aparecer na primeiras páginas de milhares e em milhões de telas, ser visto, notado, comentado e, portanto, presumivelmente desejado por muitos [...]” (BAUMAN, 2008, p. 21). Para adquirir a tão sonhada fama, os corpos e as sexualidades são expostos como mercadorias em vitrines virtuais. Assim, o *sexting* pode ser entendido como uma estratégia de *marketing*.

Os corpos e as sexualidades são transformados em produtos ou mercadorias, a fim de seduzir espectadores/as, pois, para torna-se famoso/a, é necessário o olhar do/a outro/a.

Os vídeos e fotos são produzidos por meio de algumas tecnologias digitais – celulares *smartphones* e *webcams* ligadas a sites de redes sociais, como o Twitter – e postados e compartilhados por meio da internet e do sistema *bluetooth* presentes em alguns aparelhos celulares. Entretanto, a maioria dos vídeos e fotos não foi postada na internet pelos/as seus protagonistas. Estes eram postados por terceiros/as, que tinham acesso a esses materiais. Além disso, evidenciamos que esses materiais saem de circulação rapidamente, devido a questões jurídicas, envolvendo a exposição de menores em cenas de conotação sexual/erótica/sensual.

Entendemos que tais tecnologias vêm promovendo algumas reconfigurações no modo de produzir, consumir e disseminar informação em nossa sociedade, possibilitando que todos/as nós possamos atuar como jornalistas cidadãos/ãs, publicando informações pessoais ou relacionadas a outros sujeitos.

Consideramos a tecnologias digitais como regimes de luz ou clarões que possibilitam com que as fotos e os vídeos sejam produzidos e disseminados para uma multidão de sujeitos. Tais tecnologias podem ser entendidas como potentes aparatos/linhas de visibilidade, pois tornam possível que sexualidade seja exposta para muitos espectadores/as.

Mesmo que não sejam os/as próprios/as praticantes do *sexting* os responsáveis pela publicização dessa prática, evidenciamos que estes possuem um desejo de tornarem-se visíveis, pois os materiais são produzidos em comum acordo entre os/as adolescentes. Muitas vezes, estes são enviados por meio dos celulares, via mensagem ou *bluetooth* pelos/as próprios protagonistas dos vídeos e fotos. Além disso, alguns vídeos caseiros, que mostram relações sexuais entre os/as adolescentes, são produzidos por terceiros (irmãos/ãs, amigos/as e conhecidos/as). Nesse sentido, a sexualidade vem se constituindo como algo a ser exibido e confessado para pessoas comuns. Tal constatação dá-nos indícios de que está ocorrendo uma reconfiguração nos modos de confessar-se. Se antes a confissão era realizada para sujeitos específicos, primeiramente para sacerdotes e posteriormente para médicos/as, professores/as, pais/mães etc., hoje esta é realizada para sujeitos comuns aos indivíduos que fazem parte do ciclo de convivência (virtualmente ou presencialmente) daquele/a que se confessa. Além disso, ocorre também uma modificação no objetivo da confissão. Primeiramente, essa prática esteve relacionada à salvação das almas. No século XIX, buscava-se disciplinar os corpos dos sujeitos com essa técnica. Na contemporaneidade, a confissão é realizada com intuito de tornar-se visível (SIBILIA, 2008).

Em busca dessa visibilidade, os sujeitos produzem verdadeiros “shows do eu”, conforme discute Paula Sibilia. Com isso, a sexualidade e corpo, por meio do *sexting*, são transformados em espetáculos ficcionalizados; ou seja, são produzidos e inventados para exibição pública. Assim, na prática do *sexting*, podemos evidenciar algumas facetas da sociedade do espetáculo, pois seus/suas praticantes utilizam-se de imagens de sua intimidade para tornarem-se aparentes. Para Debord (2012), na sociedade do espetáculo, o importante não é mais ser ou ter algo, mas, sim, “aparecer”. Nesse tipo de sociedade, existe uma afirmação da aparência.

Nesse cenário, de busca de visibilidade, observamos a ocorrência de um borramento nas fronteiras entre o âmbito público e privado. A intimidade, algo constituído como de âmbito privado, acaba invadindo o âmbito público, o que Bauman (2001, p. 62) chama de “colonização da esfera pública pela privada”.

Ao realizarmos a análise do material, verificou-se que existem sujeitos que exibem a sua intimidade a fim de tornarem-se visíveis. Também há outros que esperam ávidos para conhecer as detalhes vinculados à intimidade da vida alheia. Tal característica está vinculada à sociedade do espetáculo e à formação de uma legião de espectadores/as, que esperam ser seduzidos/as pelas exibições da vida íntima e cotidiana. Além disso, é possível verificar o enfraquecimento da sociedade disciplinar e o fortalecimento da sociedade de controle, já que os sujeitos não são regulados apenas por instâncias disciplinadoras, mas, sim, por múltiplos olhos que estão atentos às máquinas cibernéticas, a fim de que sejam conhecidas as condutas, pensamentos, opiniões etc. dos diversos sujeitos.

A pesquisa também possibilitou-nos verificar que a escola acaba sendo de alguma forma envolvida com os casos relacionadas à prática do *sexting*. Algumas fotos e vídeos foram produzidos nas dependências dessa instituição. Assim, ambientes, como o banheiro, a sala de aula e as quadras poliesportivas, serviram de cenário para a produção dos materiais. Além disso, mesmo quando os vídeos e fotos não são produzidos no interior do espaço escolar, os casos de *sexting* são discutidos e comentados nesse espaço. Tal constatação possibilita-nos pensar na escola como um espaço de alta “saturação sexual” (FOUCAULT, 2007), em que as questões relacionadas à sexualidade são vivenciadas e discutidas; ou seja, fazem-se presentes no interior dessa instituição. Na escola, os sujeitos relacionam-se e convivem durante um longo período de tempo. Isso acaba criando algumas condições de possibilidade para que as questões relacionadas à sexualidade emergjam em seu cotidiano.

Ao realizar a análise, evidenciamos que o nome, o endereço e imagens das escolas são divulgados e expostos nos materiais analisados. Assim, a escola acaba sendo exposta e, de

certa forma, responsabilizada pela conduta de seus/sua alunos/as. Entendemos que tal culpabilização ocorre porque a escola é entendida como instância disciplinadora, que deve estar envolvida na regulação, normatização e governo dos corpos. Por isso, quando práticas subversivas, como o *sexting*, são realizadas em seu interior e/ou envolvem seus sujeitos, as escolas são vistas como culpadas por não terem cumprido a sua “função”.

Alguns vídeos caseiros mostraram os/as adolescentes com o uniforme escolar. Isso também foi comentado e destacado nos materiais analisados. Entendemos que tal enfoque também é um modo de responsabilizar a escola, pois o uniforme pode ser entendido como uma marca identitária. Dessa forma, ao ser usado, os/as adolescentes acabam representando uma determinada instituição. O/A estudante, ao praticar, uniformizado, o *sexting* acaba construindo uma imagem subversiva sobre a escola em que estuda.

A fim de conhecer o posicionamento da escola quanto aos casos que envolvem o *sexting*, a mídia massiva acaba realizando entrevistas com seus/sua representantes. No material analisado, os sujeitos chamados a discutir sobre os casos são os/as diretores/as. Por serem os representantes administrativos dessa instituição, os/as diretores/as são entendidos como os sujeitos autorizados a responder sobre essas práticas. Por meio desses dados, evidenciamos a atuação das linhas de enunciação, pois apenas alguns sujeitos são liberados a discutir a seu respeito.

Outra instância que é culpabilizada nos materiais analisados, e com maior ênfase, é a família. Essa instituição é apontada como umas das principais responsáveis pela prática do *sexting* na adolescência. Assim, como a escola, a família é entendida como instância reguladora da sexualidade dos sujeitos. Assim, quando os/as adolescentes transgridem as regras, não seguem os padrões instituídos, entende-se que houve uma falha das instituições responsáveis pelo disciplinamento, normalização e controle desses sujeitos. Nesse sentido, é possível evidenciar algumas marcas da sociedade disciplinar no discurso proferido nos materiais analisados.

Outra característica da sociedade disciplinar presente no material empírico, é a sanção normalizadora. Constatamos que os/as adolescentes que praticavam *sexting* acabavam sendo alvos de micropenalidades, tais como: xingamentos, humilhações castigos etc. Cabe salientar que as punições recebidas pelas meninas eram mais rigorosas e perversas que as dos meninos. Isso dá-nos indícios de que ainda é grande a desigualdade entre os gêneros.

Além de encontrarmos algumas marcas da sociedade disciplinar, no material empírico também é frisada a importância de haver uma vigilância e uma regulação dos/as adolescentes por meio das tecnologias digitais (*smartphones*, internet, computadores etc.). Essas máquinas

possibilitam que os sujeitos sejam controlados por muitos “olhos”, de forma contínua e instantânea.

Ao analisarmos as enunciações, verificamos que existe o entendimento de que os/as adolescentes devem ser regulados e vigiados para não se envolverem em casos de *sexting* e que são aplicadas sanções normalizadoras; ou seja, punições aos sujeitos envolvidos nos casos do *sexting*. Tais dados possibilitaram-nos evidenciar a emergência do segundo enunciado desta tese: **a sexualidade constitui-se como algo a ser regulado, vigiado e normalizado.**

Tais práticas de regulação podem ser consideradas características da sociedade do controle. Nesse contexto, percebemos que tanto a sociedade disciplinar quanto a de controle ainda se fazem presentes em nossa sociedade, com objetivo de regular, enquadrar e governar os sujeitos.

No material empírico, verificamos que existem algumas explicações para a emergência da prática do *sexting*. São estas: falta de controle da família, que não impõe mais limites; falta de regulação, discussão e vigilância no âmbito escolar; vontade dos/as adolescentes em “aparecer”; entendimento da adolescência como uma fase da vida em que a sexualidade é aflorada e como uma fase de rebeldia. No entanto, entendemos que a emergência desse fenômeno não está vinculada a um ímpeto da adolescência, mas está relacionada a algumas condições sociais, históricas, econômicas, políticas e culturais. Trata-se do deslocamento da modernidade sólida para a modernidade líquida, que acarreta uma séria de modificações, tais como: a democratização das tecnologias digitais, a flexibilização entre as fronteiras das esferas privadas e públicas, a ênfase na sociedade do espetáculo e o fortalecimento da sociedade do consumo. Tais fatores vêm possibilitando que a sexualidade torne-se possível de ser visibilizada por meio da prática do *sexting*.

Nesse sentido, entendemos que o *sexting* produz algumas atualizações no dispositivo da sexualidade, pois essa prática coloca em evidência a sexualidade, que, durante a modernidade sólida, constitui-se como algo reservado e do âmbito privado. Esta, na contemporaneidade, torna-se algo a ser exposto. No entanto, ao mesmo tempo em que traz uma novidade para o dispositivo da sexualidade, o *sexting* também se constitui como algo que deve ser regulado, governado e normalizado.

Discutir sobre o *sexting* possibilitou-nos pensar em quanto essa prática produz reconfigurações nos modos de entender e viver a sexualidade. Por isso, abriram-se brechas para refletirmos sobre as modificações pelas quais a nossa sociedade vem passando. Assim, esta pesquisa permite-nos conhecer e entender a constituição de uma sociedade em que a sexualidade torna-se algo a ser visibilizado.

Entendemos que as questões relacionadas aos corpos, às sexualidades e às tecnologias constituem-se como temáticas a serem estudadas no campo da Educação em Ciências. As tecnologias digitais e a prática do *sexting* vêm produzindo reconfigurações nos modos de falar e atribuir significados aos corpos e às sexualidades. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta contribuições para se pensar sobre as reconfigurações corporais e nos modos de vivenciar a sexualidade.

Ao realizar esta pesquisa, não tivemos como objetivo produzir verdades e fazer juízo de valores sobre a prática do *sexting*, mas tivemos o desejo de conhecer de forma mais aprofundada esse prática que emerge recentemente, e que ainda é tão pouco discutida em nosso país. Assim, esperamos que esse trabalho funcione “como uma flecha, que um/a pensador/a atira, assim como no vazio, para que outro/a a recolha e possa, por sua vez, também enviar a sua agora em outra direção” (CORAZZA, 2007, p. 105). Que os movimentos dessa pesquisa produzam outras inquietações sobre o *sexting*, possibilitando a condução de outros processos de investigação.

Alguns desejos e perspectivas!!!

Pessoalmente, fica o desejo de não parar por aqui, de querer seguir em frente e de continuar estudando esse fenômeno que envolve as questões relacionadas à sexualidade e aos corpos. Principalmente, fica o desejo de levar a discussão sobre o *sexting*, sexualidade e tecnologias para a escola, promover trabalhos e discussões com os/as alunos/as do Ensino Fundamental, área em que atuo, com intuito de que eles possam pensar e repensar sobre essas temáticas, possibilitando que estes reflitam sobre o modo como vivenciam a sua sexualidade.

Também tenho o desejo de que o *sexting* torna-se alvo de discussões mais aprofundadas em nossa sociedade, para que essa prática não seja utilizada como forma de aumentar a violência e a recriminação contra meninas e mulheres, produzindo, dessa forma, ainda mais desigualdade entre os gêneros. Acredito que um dos caminhos para que isso ocorra é discutir sobre o *sexting* em cursos de formação de professores/as, pois isso contribui para que essa prática seja discutidas em outras instituições de ensino. Nesse sentido, tenho vontade de continuar atuando nos cursos de extensão e aperfeiçoamento, que são oferecidos pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE) da FURG.

Além disso, seria importante que algumas políticas públicas relacionadas ao *sexting* sejam pensadas e discutidas, com o intuito de pensarmos sobre as implicações desse fenômeno em nossa sociedade e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

7 REFERÊNCIAS

- ADOLESCENTES postam fotos sensuais na internet. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/noticia-clipping/adolescentes-postam-fotos-sensuais-na-internet>>. Acesso em: 15 jun. 2012a.
- ADOLESCENTES fazem sexo livremente e exibem vídeos na internet como troféus. Disponível em: <<http://routenews.com.br/index/?p=6386>>. Acesso em: 15 set. 2012b.
- ADOLESCENTES confessam terem postado vídeo de sexo oral na internet. Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2011/11/18/24202/adolescentes-confessam-terem-postado-video-de-sexo-oral-na-internet/?page=8>>. Acesso em: 15 jun. 2012c.
- ADOLESCENTES fazem vídeo pornográfico em escola do interior de São Paulo. Disponível em <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/adolescentes-fazem-video-pornografico-em-escola-do-interior-de-sao-paulo-20110227.html>>. Acesso em: 15 jun. 2012d.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Disponível em: <<http://150.162.1.115/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 26 maio 2012.
- AGUIARI, Vinicius. **Adolescentes gaúchos fazem sexo via Twitcam.** Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/adolescentes-gauchos-exibem-sexo-via-twitcam-28072010-31.shl>>. Acesso em: 20 set. 2012.
- ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46. p. 287-310. dez. 2007.
- ALUNA quis ser filmada durante sexo. Disponível em: <<http://youpode.com.br/?p=37315#more-3731523.02.1115H06M>>. Acesso em: 16 set. 2012.
- ANGELI, Gladson. **Alunos são afastados após filmar cena de sexo em banheiro de colégio.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=936316>>. Acesso em: 15 jun. 2012.
- ANTUNES, Marco António. **O público e o privado em Hannah Arendt.** Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9917JkHyniQJ:www.bocc.ubi.pt/pag/antunes-marco-publico-privado.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 17 maio 2013.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana.** 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva e discurso em foucault e em pècheux: notas de leitura para discussão. Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 5. **Anais...** O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, set. 2011.

BARROS, Ana Cláudia. **Adolescentes filmam relações sexuais para competir na rede.** Disponível em: <<http://entretenimientoar.terra.com.ar/oscar/2009/interna/0,,OI4572453-EI6594.html>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

BARROS, Suzana da Conceição de. **Corpos, Gêneros e Sexualidades:** um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS. Rio Grande, 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2010.

BARROS, Suzana da Conceição de; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Generificação do espaço escolar: analisando narrativas das equipes. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria Billig. (Org.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação.** Uruguaiana: UNIPAMPA, 2011. p. 42-58.

BAUMAN, Zygmunt. **Trabajo, consumismo y nuevos pobres.** Barcelona: Editora Gedisa, S.A., 1998.

_____. **Globalização:** as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Tempos Líquidos.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **44 Cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

_____. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b.

BECK, Dinah Quesada. **Com que roupa eu vou?** Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis. Porto Alegre, 2012. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE), v. 11, n. 1, jan./jun. 2007.

BRASIL. Ministério de Comunicação Social. Secretaria dos Direitos Humanos. **Estatuto da criança e do adolescente.** Brasília: MEC, ACS, 2005.

BROWN; Jane D.; KELLER, Sarah; STERN, Susannah. **Sex, Sexuality, Sexting, and SexEd:** Adolescents and the Media. Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez40.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZXhsaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWlvYWN0aW9uL3NIYXJjaC5kbz9kc2NudD0wJmZyYmc9JnNjcC5zY3BzPXByaW1vX2NlbnRyYWxfbXVsdGlwbGVfZmUmdGFpPWRlZmF1bHRfdGFJmN0PXNIYXJjaCZtb2RlPUJhc2ljJmR1bT10cnVlJmluZG9MSZmbj1zZWYy2gmdmlkPUNBUEVT&buscaRapidaTermino=sexting&x=28&y=5>. Acesso em: 20 jun. 2013.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3271/2531>>.

Acesso em: 30 jul. 2012.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 13-34.

CASSANTI, Moises de Oliveira. **O que cada pai deve saber sobre sexting**. Disponível em: <<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>> Acesso em: 30 jun. 2012.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARLES, Sébastien. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004. p. 11-48.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arq. bras. psicol.** [online], v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. ISSN 1809-5267.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 103-128.

CRUZ, Izaura Santiago da. Percepções de professoras de ciências sobre gênero e sexualidade e suas implicações no ensino de ciências e nas práticas de educação sexual. **Fazendo Gênero, 8**: Corpo, Violência e Poder. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Izaura_Santiago_da_Cruz_10.pdf> . Acesso em: 18 mar. 2014.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Disponível em:

<<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.

_____. **O mistério de Ariana**. 2. ed. Lisboa: Vega, 2005.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

EULÁLIO, Marcelo Martins. A significação do público e do privado – A concepção clássica de Rousseau e concepção moderna Habermas. **Revista Interdisciplinar NOVAFAPI**, Teresina, v. 3, n. 1, p. 43-48, jan./fev./mar. 2010.

ETCHICHURY, Carlos. **Vídeo na internet com cenas íntimas de crianças abala Ibirubá.** Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/03/video-na-internet-com-cenas-intimas-de-criancas-abala-ibiruba-2443409.html>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FONSECA, Márcio Alves da **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. ed. São Paulo: Ed. EDUC, 2007.

FOUCAULT, MICHEL. Poder Saber. In: _____. **Ditos e escritos IV** - Estratégias, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a. p. 218-235.

_____. Diálogo sobre o Poder. In: _____. **Ditos e escritos IV** - Estratégias, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b. p. 247-260.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b.

_____. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007c.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Educação: Experiência e Sentido).

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais...In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, maio/jun./jul./ago., 2003, p. 119-135.

GAROTA. **Garota de 13 anos se deixa filmar fazendo sexo com 3 adolescentes.** Disponível em: <<http://180graus.com/geral/garota-de-13-anos-se-deixa-filmar-fazendo-sexo-com-jovens-244880.html>>. Acesso em: 14 out. 2012.

GOOGLE, Empresa. **Sobre o Google**. Disponível em: <<http://www.google.com/intl/pt-BR/about/company/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

GUIMARÃES, Alessandra. **Exibição online ameaça reputação de crianças e adolescentes.** Disponível em: <<http://leonardi.adv.br/2010/09/exibicao-online-ameaca-reputacao-de-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

HALAVAIŞ Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 11-16.

IMAGENS de adolescentes fazendo sexo oral chocam Bom Retiro do Sul (RS). Disponível em: <<http://noticias.r7.com/videos/imagens-de-adolescente-fazendo-sexo-oral-chocam-bom-retiro-do-sul-rs-/idmedia/67296a8939929e2074ba01e812fd0571.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

KELLNER, D. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/libero/article/viewFile/3901/3660>>. Acesso em: 20 set. 2012.

LARROSA, J. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.

_____. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4.ed., 1. imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Notas sobre a narrativa e a identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **A aventura (auto)biográfica**: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-22.

LEMONS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Ciber-Cultura-Remix**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

_____. **Cibercultura e Mobilidade**: a Era da Conexão. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n41/alemos.html>>. Acesso em: 01 set. 2013.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

LIBÂNIO, José Carlos OLIVEIRA, João Ferreira de TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação: saberes pedagógicos).

LIPOVETSKY, Gilles. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipomoderna. In: _____. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004. p. 49-104.

LIVINGSTONE, Sonia M.; GÖRZI, Anke. **'Sexting': the exchange of sexual messages online among European Youth**. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=R_hfWbE3DwC&oi=fnd&pg=PA151&dq=sexting&ots=xgFY_KWBBG&sig=OUwvJxT8HwSASuFulv5OquCyJUM - v=onepage&q=sexting&f=false>. Acesso em: 28 jun. 2012.

LOURO, Guacira. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (Org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 86 – 96. (Cadernos Educação Básica).

_____. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado**. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições [online]**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008b. ISSN 0103-7307.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sociedade de controle e linhas de subjetivação**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, Portugal, v. 9, n. 2, p. 226-241, jul./dez. 2009.

_____. **Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul)**. Caxias do Sul, 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

MATOS, Marlene; MACHADO, Carla; CARIDADE, Sônia; SILVA, Maria João. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia, Teoria e Prática**, Portugal, v. 8, n. 1, p. 55-75, 2006.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. **O erótico no verbo: o espírito da carne e a carne do espírito**. Disponível em: <<http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Monde10/soares.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

MORAES, Antônio Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo. **Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível**. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/moraes-veiga-neto-disciplina-controle-escola.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

MOSELE, E. M. **Uso da Internet em Pesquisa de Campo: Aspectos Fundamentais**. Disponível em: <http://www.emosele.com/pesquisa_de_campo_internet.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2013.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: KOLLER, Sílvia Helena. **Adolescência e Psicologia: Concepções práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

PF investiga novo caso de imagens de sexo entre jovens na internet. Disponível em: <<http://www.viaeptv.com/epnoticia/noticias/NOT,3,3,337829,PF+investiga+novo+caso+de+i+magens+de+sexo+entre+jovens+na+internet.aspx>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

POLÍCIA já sabe quem divulgou vídeo de alunos fazendo sexo oral em sala de aula. Disponível em: <<http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/lmno/item/20225-pol%C3%ADcia-j%C3%A1-sabe-quem-divulgou-v%C3%ADdeo-de-alunos-fazendo-sexo-oral-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 20 jun. 2012a.

POLÍCIA Civil prende jovem que divulgou foto de adolescente nua na internet. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Policia_Civil_prende_jovem_que_divulgou_foto_de_adolescente_nua_na_internet&id=262674>. Acesso em: 20 jun. 2012b.

POLÍCIA Federal investiga sexo entre adolescentes em escola do interior de São Paulo. Disponível em: <<http://piauiiebrasil.blogspot.com.br/2011/03/policia-federal-de-araraquarana-regiao.html>>. Acesso em: 22 jun. 2012c.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes:** corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo. Rio Grande: FURG, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental)– Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2006.

RECORD. **Jovens transmitem cenas de sexo ao vivo na internet.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qX4C7wXHRBo>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade:** discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002.

_____. **Corpos, Gêneros e Sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. (Caderno Pedagógico Anos Iniciais).

ROCHA, R.; CASTRO, G. Cultura da mídia, Cultura do consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **LOGOS 30:** Tecnologias de Comunicação e Subjetividade, Rio de Janeiro, ano 16, 1. sem. 2009.

SAFERNET BRASIL. **Banner:** Você navega com segurança? Disponível em: <<http://divulgue.safernet.org.br/banners/infografico.png>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

SANTANA, Camila Lima; COUTO, Edvaldo Souza. A publicização da vida privada no Twitter. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, v. 14, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2012.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 187-201, maio/ago., 2009.

SEX and tech. **Results from a survey of teens and Young adults.** Disponível em: <http://www.thenationalcampaign.org/sextech/PDF/SexTech_Summary.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

SEXO cada vez mais cedo. Disponível em:

<http://www.istoe.com.br/reportagens/10862_SEXO+CADA+VEZ+MAIS+CEDOSexo%20cada%20vez%20mais%20cedo%20Reportagem%20isto%C3%A9>. Acesso em: 21 jun. 2012.

SIBILIA, Paula. A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26. **Anais...** Belo Horizonte, set. 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom].

_____. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TOMAZ, Kleber. **Adolescentes aderem ao ‘sexting’ e postam fotos sensuais na internet.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/05/adolescentes-aderem-ao-sexting-e-postam-fotos-sensuais-na-internet.html>>. Acesso em: 15 set. 2012.

O USO da internet pelos jovens e suas consequências. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/vida/Comportamento-Pais_e_Filhos_0_356364435.html>. Acesso em: 20 set. 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In: COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.103-126.

_____. **Foucault e a Educação.** 2.ed. 1 reimp. Belo Horizonte, 2007.

_____. Crise da Modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In.: PERES, E. et al. (Org.), **Trajetórias e processos de ensinar e aprender:** sujeitos, currículos e culturas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 35-58.

VÍDEO de sexo entre alunos no ginásio da escola no Pará acaba na internet. Disponível em: <<http://youpode.com.br/?p=25575>>. Acesso em: 18 jun. 2012a.

VÍDEO com cenas de sexo entre jovens causa polêmica em escola de Belém. Disponível em: <<http://www.saiunojornal.com.br/video-com-cenas-de-sexo-entre-jovens-alunos-causa-polemica-em-escola-de-belem-menore.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012b.

VÍDEO de sexo no banheiro entre adolescentes do Paraná (CEP). Disponível em: <<http://dicasgratisnanet.blogspot.com.br/2009/10/video-de-sexo-no-banheiro-entre.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012c.

VÍDEO com cenas de sexo entre adolescentes vai parar na polícia. Disponível em: <<http://www.saiunojornal.com.br/video-com-cenas-de-sexo-entre-adolescentes-vai-parar-na-policia-alunos-escola-varginha-x.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012d.

VÍDEO de adolescentes fazendo sexo no interior de uma escola em Sousa, no Sertão paraibano. Disponível em: <[HTTP://trabalhosfeitos.blogspot.com.br/2010/09/video-de-adolescentes-fazendo-sexo-no.html](http://trabalhosfeitos.blogspot.com.br/2010/09/video-de-adolescentes-fazendo-sexo-no.html)>. Acesso em: 18 jun. 2012e.

VÍDEO polêmico denuncia casal de adolescentes fazendo sexo oral em banheiro de escola. Disponível em: <<http://www.blogando20.com/2011/03/video-polemico-denuncia-casal-de-adolescentes-fazendo-sexo-oral-em-banheiro-de-escola.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012f.

VÍDEO de sexo entre adolescentes deixa pais perplexos em Aracruz. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/05/90123-video+de+sexo+entre+adolescentes+deixa+pais+perplexos+em+aracruz.html>. Acesso em: 18 jun. 2012g.

VIEIRA, Jeferson. **DDM identifica adolescentes que postaram vídeo de sexo na EE Jesuíno de Arruda**. Disponível em: <<http://www.jornalpp.com.br/policia/item/3664-ddm-identifica-adolescentes-que-postaram-v%C3%ADdeo-de-sexo-na-ee-jesu%C3%ADno-de-arruda/3664-ddm-identifica-adolescentes-que-postaram-v%C3%ADdeo-de-sexo-na-ee-jesu%C3%ADno-de-arruda?start=90>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

WILLARD, Nancy E. **Sexting and Youth: Achieving a Rational Response**. <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=R__hfWbE3DwC&oi=fnd&pg=PA151&dq=sexting&ots=xgFY_KWBBG&sig=OUwvJxT8HwSASuFuIv5OquCyJUM - v=onepage&q=sexting&f=false>. Acesso em: 28 jun. 2013.

WOBETO, Simone. **Cenas de sexo entre adolescentes se espalham em Bom Retiro do Sul**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/lajeado/2011/04/16/cenas-de-sexo-entre-adolescentes-se-espalham-em-bom-retiro-do-sul/?topo=77,1,1>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

ANEXO

ANEXO – SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS EMPÍRICOS (TABELA)